



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Yara de Almeida Barbosa

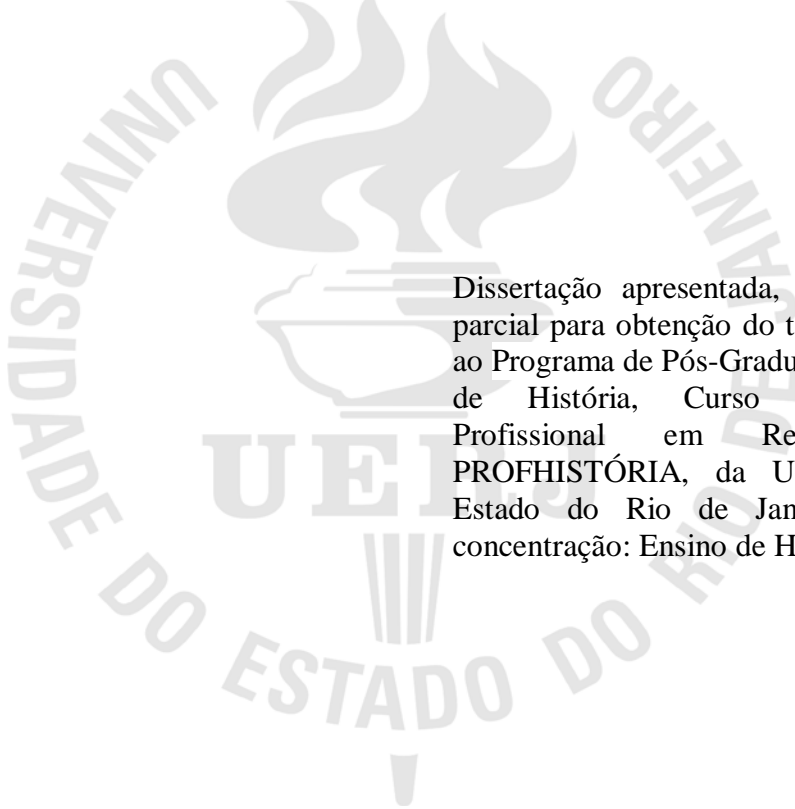
**Fora dos muros da escola: a apropriação dos locais de memória da Ilha de
Guaratiba como espaços educativos**

São Gonçalo

2020

Yara de Almeida Barbosa

**Fora dos muros da escola: a apropriação dos locais de memória da Ilha de Guaratiba
como espaços educativos**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Luís Reznik

São Gonçalo

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

B238 Barbosa, Yara de Almeida.
Fora dos muros da escola: a apropriação dos locais de memória da Ilha de Guaratiba como espaços educativos / Yara de Almeida Barbosa. – 2020.
143f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Luis Reznik.
Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA)
– Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. História – Estudo e ensino – Teses. 2. Guaratiba (Rio de Janeiro, RJ) – História local – Teses. 3. Patrimônio histórico – Guaratiba (Rio de Janeiro, RJ) – Teses. I. Reznik, Luis. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994

CDU 93(07)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Yara de Almeida Barbosa

**Fora dos muros da escola: a apropriação dos locais de memória da Ilha de Guaratiba
como espaços educativos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em 04 de fevereiro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luís Reznik (Orientador)

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Lana Mara de Castro Siman

Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof^a Dra. Marcia de Almeida Gonçalves

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2020

DEDICATÓRIA

A minha família cujo café com broa de milho, nas prosas vespertinas `a sombra da jabuticabeira me fizeram perceber a sutileza do tempo, a importância das memórias guardadas e a necessidade de preservar aquilo que nos identifica.

AGRADECIMENTOS

Ao Criador, que permitiu a nossa chegada ao mundo.

Ao Sr Ataliba (Seu Missonga) e a sua esposa Margarida, meus avós maternos e responsáveis pela mudança para Guaratiba. Com eles aprendi a arte e a importância do ato de prostrar, revolvendo lembranças, criando e recriando memórias que nortearam toda a minha caminhada, mostrando que a cidadania caçara precisa ser vista e respeitada!

Ao meu pai, que com seu espírito pioneiro, coragem e bondade infindáveis tornou-se o “Tião Enfermeiro” da comunidade e o exemplo de amor ao trabalho que ousou espelhar.

A minha mãe Jandira, cuja dedicação, fé e incentivo sempre me impulsionaram a dar continuidade aos estudos, incluindo as orações a São Tomás de Aquino (padroeiro dos estudantes) nas provas.

Aos meus filhos: Miguel, parceiro tecnológico e incentivador que muito me auxiliou desde o ingresso no curso até a formatação e conclusão do produto; Raquel, parceira e confiante, sempre com uma palavra de apoio e incentivo, e Maria Fernanda, presente que a vida me reservou e a profissão aproximou.

Ao companheiro de jornada, amigo e esposo César, que com seu carinho traduzido em lanches e trancar de portas proporcionava o silêncio necessário que as leituras e o processo de escrita tantas vezes exigiam.

A amiga e cunhada, Márcia Baranick pelo auxílio nas traduções, orientações e incentivo carinhoso.

Aos meus netos Aurora e Ben, vindos de repente iluminar minha vida.

Aos meus professores Maria José de Oliveira, Angela de Macedo Correa, Elisa Maria Wazen, Nelson Freire da Rocha e Kleber Duarte de Vasconcellos que, desde os anos iniciais até a minha graduação foram fontes de inspiração e apoio para o exercício desta nobre tarefa: ensinar!

Aos professores do PROFHISTÓRIA, profissionais engajados e pessoas completas. Conscientes de que uma formação de professores historiadores eficaz se faz com renovação contínua e não medem esforços para concretizar tal missão. O Programa de Mestrado Nacional permitiu realinhar práticas docentes já consolidadas e ressignificar o conhecimento

acadêmico em aulas que possam envolver verdadeiramente tanto alunos quanto professores num fazer escolar mais produtivo a cada dia. Em especial, nessa trajetória, agradeço a professora Dra. Helena Maria Marques Araújo, quem primeiro me amparou e, com sua ternura encorajou-me a continuar, quando os obstáculos do caminho me fizeram pensar em desistir. E também a muito especial atuação do Dr. Luís Reznik, que desde as aulas me inspirava nos estudos de história local, dando continuidade ao processo de orientação com o mesmo afeto, paciência e dedicação. Às professoras Dra. Márcia de Almeida Gonçalves e Dra. Lana Mara de Castro Siman que sempre nos acolheram com gentileza, entusiasmo e carinho na leitura e debate do projeto e agora dissertação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. À CAPES cuja bolsa de estudos em muito auxiliou o traslado até a UERJ para que participássemos das aulas e a aquisição de material (livros) para execução do projeto.

Agradeço àquelas a quem posso chamar de “segundas-mães”, tamanha a importância que têm em minha vida. São elas as professoras e amigas Denize Ribeiro de Sá e Katia Pires Chagas.

Ao meu grande amigo e geógrafo, Dr. Marcio Luiz Fernandes, que sempre me auxiliou disponibilizando materiais variados e repartindo o amor pela pesquisa.

A todos os colegas da Escola Municipal Narcisa Amália que se tornaram parte de uma grande família e que aceitaram participar deste que se tornou o projeto de muitas mãos, numa proposta interdisciplinar, mostrando que educação de qualidade pode e deve ser feita coletivamente. Aos professores Artur Cruz e Sérgio Tavares (Educação Física), Cláudio Garcia (Artes Visuais), Fabiana Brum (Coordenação Pedagógica), Roberta Cruz (Ciências), Roberta Nascimento (Geografia), Patrícia Chaves (História), Maria José e Maria Vitória de Oliveira (diretoras).

Aos alunos das turmas 8901, 1802, 1901, 1902 e 1903 que aceitaram participar dos encontros e rodas de conversa e todos os que contribuíram com esta pesquisa, sem os quais seria impossível avançar, principalmente no período pós pandemia.

Aos pais, responsáveis, demais moradores e todos os que contribuíram com esta pesquisa cedendo tempo e um dedinho de prosa ampliando nosso rol de informações.

Aos meus colegas do Colégio Estadual Dr Albert Sabin, em especial a diretora Eliane Borges, por seu apoio. Às professoras Miriam Machado, Celimara Sá e Rosiane Albuquerque sempre trazendo uma ideia, texto, livro ou matéria que encontravam para me auxiliar. Ao amigo Gilmar Ramos, que nas horas de suplício digital muito me orientou com o computador.

Aos colegas de jornada e agora amigos Susana, Vinícius, Thaísa, Fernando, Priscilla, Elisa que compartilharam alegrias e preocupações e os demais companheiros de turma com quem conseguimos formar uma conexão inigualável na busca pelo saber.

Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante.

Antoine de Saint- Exupéry

RESUMO

BARBOSA, Yara de Almeida. *Fora dos muros da escola: a apropriação dos locais de memória da Ilha de Guaratiba como espaços educativos*. 2020. 143f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o reconhecimento do patrimônio histórico local no bairro de Guaratiba, mapeando seus lugares de memória como possibilidades para o ensino de História, oportunizando o empoderamento identitário dos alunos e a apropriação do patrimônio local pelos mesmos, pautada nos estudos sobre memória, saber histórico escolar, história local e patrimônio. Como produto final, apresentamos um mapa patrimonial, denominado Guaratiba no mapa, onde os marcos referenciais estão delimitados e sua indicação será feita através de uma ferramenta digital interativa, possibilitando a acessibilidade e interdisciplinaridade. Assim poderemos experimentar uma forma diferenciada de executar o conteúdo escolar para além dos muros escolares, porém preservando o conhecimento.

Palavras-chaves: Ensino de História. Ensino e aprendizagem em espaços não-formais.

História local. Educação patrimonial. Memória e identidade.

ABSTRACT

BARBOSA, Yara de Almeida. *Outside the walls of the school: the appropriation of the memory spaces of Ilha de Guaratiba as educational spaces*. 2020. 143f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

This research has as object of study the recognition of the local historical patrimony in the neighborhood of Guaratiba, mapping its places of memory as possibilities for the teaching of History, allowing the identity empowerment of the students and the appropriation of the local patrimony by them, based on memory studies, school history, local history and heritage. As a final product, we present a heritage map, called Guaratiba on the map, where the landmarks are delimited and their indication will be made through an interactive digital tool, allowing accessibility and interdisciplinarity. Thus, we will be able to experience a different way of delivering school content beyond school walls, while preserving knowledge.

Keywords: History Teaching. Teaching and learning in non-formal spaces. Local history.

Heritage education. Memory and identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Vista geral da serra da Grota Funda e morro da Ilha	54
Figura 2 –	Serra da Grota Funda	54
Figura 3 –	Pontes da Estrada da Grota Funda	54
Figura 4 –	Morro da Ilha.....	56
Figura 5 –	Morro da Ilha e Caminho da Grota Funda.....	56
Figura 6 -	Local onde se instalou o antigo destacamento.....	58
Figura 7 –	Pedra da Bigorna	59
Figura 8 –	Pedra do Telégrafo vista da Barra de Guaratiba e restinga da Marambaia	59
Figura 9 –	CAPITANIA DE S. VICENTE - Com as quatro vilas S. Vicente, Itanhaém, Santos, S. Paulo e aldeamentos indígenas, sob a catequese dos padres jesuítas - 1532-1597	61
Figura 10 –	Ilha de Guaraqueçaba - vista da Pedra de Guaratiba	62
Figura 11 –	Ilha de Guaraqueçaba e marco de sesmaria (detalhe)	62
Figura 12 –	Convento do Carmo em Pedra de Guaratiba	63
Figura 13 –	Guará em pleno voo	64
Figura 14 –	Planície de Guaratiba (RJ) e localização do sambaqui Zé Espinho .	67
Figura 15 –	Apicuns - planícies secas e hiper salinizadas por causa das enchentes e vazantes que ocorrem no meio do Estuário	68
Figura 16 –	Sambaqui Zé do Espinho em 2019	68
Figura 17 –	Escavações no sítio Zé Espinho em 1980	69
Figura 18 –	Esqueletos escavados	70
Figura 19 –	“Ernesto”	70
Figura 20 –	Goiamum - <i>Cardisoma guanhumí</i> - exemplo de alimentação do homem primitivo, presente até hoje nos manguezais da região	71

Figura 21 – Fases da reconstrução digital do crânio encontrado	72
Figura 22 – Fases da reconstrução digital do crânio encontrado	72
Figura 23 – Resultado final	72
Figura 24 – Reprodução do Zé do Espinho pela aluna Maria Fernanda (1901) ..	73
Figura 25 – A capela de Santo Antônio da Bica.	76
Figura 26 – Roberto Burle Marx em família	77
Figura 27 – Burle Marx - auto retrato, 1929 - carvão sobre papel	78
Figura 28 – Paineis de azulejos no Pavilhão Arthur Neiva – Fiocruz	79
Figura 29 – Paineis de azulejos no Pavilhão Arthur Neiva – Fiocruz	79
Figura 30 – Escultura não figurativa multicolorida. (Protótipo)	79
Figura 31 – Escultura não figurativa multicolorida. (executada)	79
Figura 32 – Visita ao Sítio Roberto Burle Marx	80
Figura 33 – Vista da chegada ao museu	80
Figura 34 – Pausa para a pose do grupo. Ao fundo, capela de Santo Antônio da Bica	81
Figura 35 – Visita ao interior da capela	81
Figura 36 – Visita ao interior do museu	82
Figura 37 – Chegada ao ateliê	82
Figura 38 – Participação das atividades	83
Figura 39 – Atividades de pintura	83
Figura 40 – Roberto Burle Marx - por Maria Fernanda (1901)	84
Figura 41 – Vista frontal da paróquia	85
Figura 42 – Igreja - por Alexandre Ribeiro (1903)	90
Figura 43 – A Igreja -lugar de memória - por Ketlen de Melo	90
Figura 44 – Maquete da ponte da Marambaia no lançamento da obra	93

Figura 45 –	Maquete da ponte da Marambaia no lançamento da obra	93
Figura 46 –	Desenho do cabo aéreo e ponte	94
Figura 47 –	Desenho da balsa	94
Figura 48 –	Trabalhadores fazendo a travessia na balsa	95
Figura 49 –	O bate-estaca em 1943	95
Figura 50 –	Casa do Porto. Propriedade do Comendador Breves - restinga da Marambaia	96
Figura 51 –	Placa indicativa do Campo de Provas da Marambaia e entrada pela ponte velha	96
Figura 52 –	Placa de inauguração	97
Figura 53 –	Fachada da Escola Municipal Narcisa Amália	98
Figura 54 –	Recreação na quadra localizada nos fundos da escola	98
Figura 55 –	Hildegarda Alves Barroso Ribeiro	99
Figura 56 –	Convite de formatura da primeira turma ginásial em 1972	99
Figura 57 –	Verso do convite	100
Figura 58 –	Narcisa Amália quando jovem	101
Figura 59 –	Reprodução da capa do livro publicado em 1872	103
Figura 60 –	Exemplar do jornal Gazetinha	106
Figura 61 –	Placas de rua na cidade de Resende	107
Figura 62 –	Homenagem `a Narcisa Amália por ocasião do seu centenário	107
Figura 63 –	O médico José Humberto na porta do sepulcro. No detalhe a réplica do Santo Sudário	108
Figura 64 –	Réplica do Santo Sepulcro atualmente	110
Figura 65 –	A igreja sem portas. Missa aberta a comunidade no ano 2006	110
Figura 66 –	Igreja atualmente	111
Figura 67 –	Réplica da casa de Maria	111

Figura 68 –	Mapa com o trajeto do bonde linha 11	114
Figura 69 –	Antiga estação - hoje sede da Comlurb e Bonde da Ilha	115
Figura 70 –	Canavial	116
Figura 71 –	Entrada do alambique e do bar/ vendinha	117
Figura 72 –	Moenda elétrica utilizada para a produção de caldo de cana	118
Figura 73 –	Tacho de ferro com passagem de água para resfriamento do caldo .	118
Figura 74 –	Tacho utilizado para o cozimento do caldo de cana. Note-se o fogão a lenha abaixo	120
Figura 75 –	Forminhas de madeira para a secagem da rapadura	120
Figura 76 –	Cemitério de Guaratiba - Foto de 1854	121
Figura 77 –	Antonio Pantaleao de Melo - sogro de Joaquim Guimaraes. Foto de 1897	123
Figura 78 –	O Sr Antonio Pantaleao e filhas, incluindo a esposa de Joaquim Guimarães – 1897	123
Figura 79 –	Exoneração de Joaquim (detalhe)	124
Figura 80 –	Ruínas do castelo dos Guimarães 1920	125
Figura 81 –	Página inicial	133
Figura 82 –	Página/ tela 01	133
Figura 83 –	Página/ tela 02	134
Figura 84 –	Página/ tela 03	134
Figura 85 –	Página/ tela 04	134
Figura 86 –	Página/ tela 05	135
Figura 87 –	Página/ tela 06	135
Figura 88 –	Página/ tela 07	135
Figura 89 –	Frontispício do prospecto/ cartão de acesso	136
Figura 90 –	Verso cartão de acesso	136

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO, EU ACHO...	18
1	ESCOLHENDO O PÓ E ESQUENTANDO A ÁGUA... OU EXPLICANDO O OBJETO DA PESQUISA	22
2	CONVIDANDO OS VIZINHOS PRA PROSEAR... OU NORTEANDO CONCEITOS COM AUTORES CONSAGRADOS ..	31
2.1	Escolhendo o assunto da "prosa"... ou como construir memórias através da Educação?	33
2.2	Pausas na conversa... ou a necessidade de lembrar... (e esquecer...) ...	35
2.3	Botando a mesa no quintal... ou definindo a metodologia utilizada	37
3	PROSEANDO NA RODA DE CONVERSA OU APLICANDO O MÉTODO ESCOLHIDO (ENQUANTO A ÁGUA ESQUENTA...) ...	41
3.1	Primeiro encontro - Por que lembrar? Um papo sobre memória	43
3.2	Segundo encontro – O que usamos para marcar memórias? – Uma prosa sobre patrimônio	47
3.2.1	<u>A Serra da Grota Funda (Serra Geral de Guaratiba) e o morro da Ilha</u>	53
3.2.2	<u>Pedra do Telégrafo e a confusão da bigorna</u>	58
3.2.3	<u>Baía de Guaratiba ou Praia Grande e a pirataria no Rio</u>	59
3.2.4	<u>Guará - Eudocimus ruber - a nossa íbis escarlata.....</u>	64
3.2.5	<u>Sítio arqueológico do Zé Espinho e o guaratibano mais antigo</u>	66
3.2.6	<u>Capela de Santo Antônio da Bica</u>	73
3.2.7	<u>Museu Casa de Roberto Burle Marx</u>	76
3.2.8	<u>Paróquia Salvador do Mundo</u>	84

3.2.9	<u>Ponte da Marambaia - da escravidão à segunda guerra mundial</u>	91
3.2.10	<u>Escola Municipal Narcisa Amália - uma prosa sobre pioneirismo feminino</u>	97
3.2.11	<u>Capela do Santo Sudário - uma história de fé</u>	108
3.2.12	<u>Antiga Estação de Bondes (limite do bairro)</u>	112
3.2.13	<u>Sítio Ceará ou Alambique dos Mudinhos</u>	115
3.2.14	<u>Antigo Cemitério de Guaratiba</u>	121
3.2.15	<u>Castelo dos Guimarães (hoje em ruínas)</u>	122
3.3	Terceiro encontro – Que memórias queremos ter? – Sobre as ausências	126
4	DO COADOR AO BULE: A PASSAGEM CAFÉ... OU COLOCANDO AS MÃOS NA MASSA: SAÍDAS A CAMPO PARA REGISTRO FOTOGRÁFICO	128
4.1	Conferindo o café produzido ou explicação do produto. Colocando a Ilha no mapa – confecção do mapa/ roteiro/ produto	131
	AFINAL, ONDE FICA A ILHA NA HISTÓRIA? CONCLUINDO NOSSA PROSA...OU TECENDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS .	137
	REFERÊNCIAS	141

"Guaratiba"

Guaratiba, Guaratiba
Seu nome me faz lembrar
Quando o homem civilizado
Quis sua terra pisar,
Aportou em uma praia,
Passando a lhe contemplar.
O índio observador,
Aguardava de flecha em punho.
Arcando o seu bodoque
Mirava para encontrar cunho;
O homem que invadiu parou,
Querendo dar testemunho .
Com um movimento uma garça,
Bateu asas e foi voar
E o índio em Tupi,
Apontando exclamou: Guará
A garça serenando,
Junto a outras foi pousar.
Outros índios admirando,
Rodando em volta do cetno,
Gritavam: Tiba, Tiba,
Usando o seu dialeto,
Mostrando pra quem chegou
O pássaro predileto.
Ficou na imaginação,
O nome desse lugar.
Voltando a embarcação,
O homem foi navegar
Procurando um porto seguro
Outras praias foi buscar.
Mas o índio que habitava
Todo o nosso litoral
Ao notar sua presença,
Fez o mesmo ritual
Mostrando pra quem chegou
No seu traje habitual.
Seu preceito, sua crença,
Pulando, cantando aportava;
Outro monte a distância
Para os estranhos mostrava:
Aitinga, Aratuquacima
A ilha que imaginava.
Ainda não foi daquela vez
Que o homem branco se apossou
Dessa terra tão querida,
E outras vezes tentou
Até que em definitivo
Um dia ele voltou .



E ao aportar de novo
Já trazia para o batismo
Os dois nomes que ouviu
Dos silvícolas com civismo
Guará-Tiba, Guará-Tiba
Surgiu com patriotismo.
Assim surgiu Guaratiba
Quatro séculos são passados
E suas comunidades
Surgiram com muito grado
Mil quinhentos e setenta e nove
Mês de março é consagrado.

Francisco Alves Siqueira
(Seu Chiquinho da Barra - Poeta local)
Raquel Barbosa Gonçalves - ilustração.

INTRODUÇÃO, EU ACHO....

Esta pesquisa - cujo título é “Fora dos muros da Escola: a apropriação dos locais de memória da Ilha de Guaratiba como espaços educativos” - tem como objeto de estudo o reconhecimento do patrimônio histórico local no bairro de Guaratiba, especificamente na localidade denominada Ilha de Guaratiba.

Levantamos como um dos problemas norteadores de nossa pesquisa que o fazer escolar muitas das vezes cansativo em suas longas exposições em sala de aula, não atende às necessidades de nossos jovens, deixando esvaír qualquer possibilidade de curiosidade que desperte a motivação para o estudo da História. Apesar do século XXI ter estimulado muitos jovens em sua curiosidade histórica de diversas formas - o que podemos comprovar com a enorme gama de jogos e filmes baseados em conteúdos históricos variados, o mesmo não se verificou em sala de aula. O que se evidencia a cada dia é o desinteresse e o desestímulo para os estudos de modo geral, sobretudo nas escolas públicas da periferia. Basta participar de uma conversa na sala dos professores para dividirmos lamentos acerca das dificuldades do ofício: alunos desinteressados e professores desestimulados, o celular que muitas vezes se torna um objeto de contenda por seu uso indiscriminado e cada vez mais interessantes com suas inúmeras funções, extensas listagens de conteúdos curriculares que devem ser ensinados, pressão das inúmeras avaliações externas, excesso de formulários, precariedade das condições e dos recursos materiais disponíveis nas escolas, remuneração deficiente, distanciamento entre a escola e a realidade discente.

Aliado a tudo isso ainda verificamos desafios específicos da disciplina, pois a mesma está, via de regra, associada pelos alunos ao conhecimento do passado. Em um momento de sensível aceleração do tempo, onde as transformações tecnológicas estão vinculadas ao que é atual, dinâmico e futurista, surge uma questão frequente aos estudantes, que provoca uma inquietante reflexão nos docentes: afinal, por que se estuda História?

Tais preocupações e anseios permeiam minha cabeça ao longo da caminhada de 20 anos como professora de História em turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental no município do Rio de Janeiro e assim como Manoel Luiz Salgado Guimarães¹ (2009, p. 49-50), acredito que a discussão acerca do Ensino de História seja, por isso, fundamental:

¹ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. 2009. p. 49-50.

Marcados por uma avassaladora cultura da memória, parecemos condenados a ver o passado como um presente eterno para o qual não haveria alternativas a não ser o refúgio seguro do passado que existiu e que se materializaria nas fontes documentais. Este aparece sempre como projeção estática desse presente eterno, impedindo-nos de adotar uma perspectiva mais generalizante porque alargadora de nossos horizontes do presente. Por outro lado, igualmente atemorizados por uma barbárie cada vez mais presente e possível em nossos cotidianos, repensar a história e seu ensino, nesses termos pode nos ajudar a refazer nossa humanidade esgarçada, tornando o passado, não o lugar seguro para as respostas que nos angustiam mas a fonte – aquele peso saudável ao qual se referia Goethe na citação usada como epígrafe – para nossa ação no mundo. E com isso talvez contribuir para que assumamos nossas responsabilidades, não para com o futuro, que é segredo, mas para com o presente, que é vida que temos a partilhar com os outros homens para sermos, como eles, humanos.

Daí verificamos que o ensino de História se modificou através dos anos, mas ainda fica a lacuna: Como ensinar História de modo a cativar/envolver os alunos? Como estimular a curiosidade sobre as transformações no tempo, a historicidade dos comportamentos, objetos, pensamentos, construções etc?

Talvez a visitação a espaços de memória auxiliem os alunos a aproximar o conhecimento teórico da realidade, diminuindo a distância que para eles esvazia de sentido as aulas de História. Então caberá ao professor a organização de visitas a museus e outros espaços de nossa cidade comumente retratados nos livros e apostilas! Esbarramos neste momento em mais um problema: a distância da localização escolar que, mesmo fazendo parte da cidade do Rio de Janeiro tem no bairro infinitos elementos impossibilitantes de deslocamento de seus alunos dentre os quais citaremos apenas a falta de verba para locação de veículos e a própria imobilidade urbana com uma malha viária extremamente deficiente sobretudo no pedaço específico da zona oeste denominado Guaratiba.

Resta-nos porém a possibilidade de procurar *in loco* os elementos que nos sirvam de suporte a esse estudo da História. Afinal, podemos descobrir "nosso lugar no mapa"! Podemos cuidar para que a nossa existência e participação desse pedacinho da cidade também possam fazer parte dos materiais didáticos já que na nossa vida desempenham bem o seu papel.

E mais questionamentos aparecem: como se apropriar dos espaços de memória presentes, muitas vezes no entorno escolar, mas que passam despercebidos, carentes de um “olhar educado”, sensível, que os possam enxergar e de uma reflexão que os possam compreender? Como perceber este ou aquele elemento como um verdadeiro marco de memória? Quais são os elementos que merecem ser reconhecidos como tais? Como avaliar se um museu de Guaratiba pode ser considerado importante, uma vez que não está no centro da cidade?

Com tantos questionamentos em mente e ciente que a distância dos grandes centros

urbanos quase sempre torna inviável a proximidade dos alunos com os marcos que classicamente traduzem e dão vida à História, procuramos propor aos estudantes descobrir a riqueza histórica presente fora dos muros da escola, isto é, no entorno escolar através dos estudos de memória e patrimônio a partir da história local, ressignificando os estudos históricos no cotidiano escolar.

Identificar e mapear lugares de memória como possibilidades para o ensino de História, com a criação de um produto, o Mapa do Patrimônio Cultural de Guaratiba, oportunizando o empoderamento identitário dos alunos e a apropriação do patrimônio local pelos mesmos, surge em nossa mente como mais uma possibilidade do fazer escolar e por esse motivo figura em nossa pesquisa.

Para sair dos muros da escola e tornar viva a nossa proposta, objeto dessa dissertação, desenvolvemos encontros semanais denominados Rodas de Conversa com alunos voluntários do oitavo e nono anos do Ensino Fundamental - segundo segmento - na escola Municipal Narcisa Amália com o objetivo de discutir e aprofundar os conceitos de memória, tempo histórico e patrimônio e assim partirmos para a prática de reconhecimento e mapeamento dos locais já há muito conhecidos na região, como possibilidades para um ensino de História mais atrativo e rico de sentido para os alunos.

Partindo do conceito de Educação Patrimonial como um processo permanente e sistemático, que apresenta o Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento, tomaremos como metáfora norteadora do processo de pesquisa um costume bem brasileiro em primeira análise e mantido nas famílias guaratibanas até os dias atuais: a prosa do café² para assim descrevermos as atividades desenvolvidas durante o segundo semestre de 2019 e primeiro quadrimestre de 2020.

Em um mundo marcado pelo esfacelamento das relações familiares, onde muitos membros do mesmo núcleo familiar sequer se cumprimentam apesar de conviver no mesmo espaço, em que os idosos são vistos como um estorvo ultrapassado e o tempo é marcado apenas como urgência, poder resgatar essa atividade ainda presente no cotidiano dos nossos alunos é uma dádiva.

Resgatar o direito de conviver harmonicamente em seu núcleo, compreender a importância dos anciãos como guardiões de saberes e deter em suas próprias mãos o domínio

² A "prosa do café, ou prosa após o café" é um hábito costumeiro em todas as regiões brasileiras, mas que se afirmou na região sudeste devido ao seu protagonismo no período de produção cafeeira. Mesmo com o passar do tempo e ascensão da vida urbana (que diminuiu não o consumo do produto, mas o modo de degustação do mesmo), este hábito se manteve em Guaratiba, com as famílias se reunindo no final da tarde para a prática do cafezinho e da conversa em família. Tal feito é recorrente e faz parte da cultura familiar na região, algo por nós experimentado e reconhecido pelos alunos participantes do projeto, daí a utilização da metáfora - grifo nosso.

do tempo, permite um debate sobre o uso saudável do mesmo não se deixando escravizar por ele, indo na contramão do que é pregado pela mídia a partir da revolução industrial.

Numa sociedade em que as relações humanas tornam-se cada vez mais virtualizadas e tantos conflitos são gerados em nome do acesso tecnológico, tal debate se soma à desconstrução de tais conflitos, esvaziados das suas terríveis causas e consequências reais. Trabalhando com múltiplas fontes, com materiais coletados por mim e pelos alunos, visitas aos pontos elencados como marcos memoráveis e entrevistas com moradores, se organiza o material que dá a base para a construção do mapa, nosso produto final.

Além disso, cremos que essas ações também contribuem para a construção de uma consciência crítica comprometida com a valorização e a preservação do patrimônio e capaz de refletir sobre a relação entre história, memória, patrimônio e identidade pessoal e cultural.

Cremos na relevância do desenvolvimento de atividades que sensibilizem o reconhecimento e a valorização dos bens culturais como patrimônio de todos, tornando os alunos capazes de entender a importância da preservação dos documentos e monumentos, a quem servem e o que representam. Os bens intangíveis, como os modos de criar, fazer e viver exemplificados pelos costumes locais que avançam no tempo. Os patrimônios vivos³ encontrados na região que são as pessoas que merecem reconhecimento e respeito pelo que representam por sua atuação na localidade. E por fim, os bens relativos ao que denominamos patrimônio natural⁴, tão presentes em Guaratiba e tão ameaçados pela especulação imobiliária sobretudo nas duas primeiras décadas deste século.

Assim, o estudo da História contribui para desnaturalizar o social, levando os alunos a compreender como a sociedade em que vivemos foi sendo construída ao longo do tempo por diferentes agentes sociais, possuindo uma história com continuidades e rupturas, diversidade e pluralidade, mudanças e transformações.

³ Aqui, ousamos importar o termo do governo de Pernambuco que, através da Lei 12.196 de 02 de maio de 2002 reconhece como Patrimônios Vivos pessoas consideradas mestres da cultura popular, de notório saber (com seus múltiplos saberes, fazeres, formas de expressão, tradições, memórias e histórias), reconhecendo-os como patrimônio imaterial do Estado, que recebem esse título através de um concurso público apoiado na lei acima citada.

⁴ O patrimônio natural compreende áreas de importância preservacionista e histórica, beleza cênica, enfim, áreas que transmitem à população a importância do ambiente natural para que nos lembremos quem somos, o que fazemos, de onde viemos e, por consequência, como seremos.

1 ESCOLHENDO O PÓ E ESQUENTANDO A ÁGUA... OU EXPLICANDO O OBJETO DA PESQUISA

Só existem dois dias em que nada pode ser feito. Um se chama ontem e o outro se chama amanhã. Portanto hoje é o dia certo para amar, acreditar, fazer e principalmente viver.

Dalai Lama

Esperamos refletir sobre a possibilidade de práticas diferenciadas na aula de História, buscando no entorno escolar insumos que diversifiquem esse fazer cotidiano e possibilitem um redimensionamento e empoderamento de identidades locais em busca da formação e de uma ampliação de um pensamento crítico e da visão do papel da História.

Pautamos tal reflexão nos estudos sobre memória, saber histórico escolar, história local e patrimônio. Buscamos espaços de memória entendidos como espaços educativos não formais dialogando com os autores que iremos trazer no decorrer de nossa pesquisa a fim de nos dar o suporte e o referencial teórico conceitual necessário para a ampliação de nossas reflexões sobre o assunto proposto nesta explanação. Para que a escolha do assunto faça sentido, tal qual se faz um café, há que se justificar a escolha dos ingredientes, do local onde se colocará a mesa para servi-lo, quem será convidado a partilhá-lo, que assuntos serão tratados nesta tarde... Com essa analogia nos voltamos ao objeto investigado nesse caso, respondendo à seguinte pergunta:

Por que pesquisar patrimônio em Guaratiba?

Meu olhar sobre essa localidade, este pequeno cantinho do Rio de Janeiro, é permeado por um grande misto de sentimentos: admiração, encantamento, curiosidade, gratidão. Fui apresentada a Guaratiba ainda bebê, em fins da década de setenta, quando da mudança de minha família que, atravessando a serra da Grota Funda, deixou o Recreio dos Bandeirantes, local de sua origem desde o século XIX (período até onde pude chegar com os documentos encontrados). A convivência com pessoas mais velhas (éramos eu e meu irmão gêmeo os últimos dos dez netos de meus avós), num ambiente calmo em que as pessoas conversavam e se relacionavam, trocando experiências e respeitando os diferentes saberes que o tempo e a memória se encarregaram de tornar caros àquela comunidade.

Cresci, estudei na escola onde hoje leciono e desde as primeiras letras aprendi a respeitar os marcos de memória presentes na minha localidade. A distância, a dificuldade de transporte e a baixa condição financeira (que relega ao pobre o distanciamento cultural, dentre tantos outros) nos impedia de conhecer os centros referenciados como espaços de memória oficiais no contexto carioca. Tínhamos que nos contentar com o que os livros nos mostravam, quando estes nos caíam nas mãos, fato que por vezes não acontecia com a frequência por nós esperada. Embora essa falta ocorresse, não nos impedia de perceber a importância da construção do conceito de memória.

Era criado em nossas cabeças (minha e da maioria dos moradores de Guaratiba) a ideia de que apenas os monumentos e espaços reconhecidos e apresentados pelos livros eram espaços referenciais e oficiais de memória. Quem não os conhecia e não podia visitá-los nem se considerava participante daquela comunidade, no caso em tela, não podia se considerar completamente carioca. O isolamento geográfico interferia na interação social e consequentemente na apropriação dos espaços e aparelhos culturais e de memória.

A construção da memória, sobretudo das crianças e dos adolescentes, se faz de modo mais eficaz quando há a participação e interação efetivas dos mesmos. O conhecimento construído e vivenciado *in loco*, quando proporcionado contribui para a construção de memórias e, consequentemente, para o empoderamento identitário, reforçado através do sentimento de pertencimento. Tais questões sempre permearam meus pensamentos enquanto o tempo foi passando.

Precocemente me formei professora (com apenas 17 anos) e o sonho de conhecer museus e monumentos nunca me abandonou. Continuei a sanar minha necessidade através dos livros a que tinha acesso (pois até isso era difícil, uma vez que não havia biblioteca pública na região e os limitados recursos familiares me tolhiam de tal atividade).

Nas poucas vezes em que tinha oportunidade de “descer ao Centro do Rio”⁵, aproveitava para olhar todos os monumentos e prédios que só conhecia dos livros ansiosa por introduzi-los ao meu universo, o que muitas vezes parecia parte de uma grande fábula. Em uma dessas ocasiões visitei o Museu da República que só havia visto através dos livros de História e de um livro em particular - o Rio 92 - editado como propaganda do governo para a concorrida conferência Eco 92, ocorrida nesta cidade no mesmo ano.

⁵ “descer ao Centro do Rio” - Termo usado até hoje pelos moradores da região de Guaratiba devido às dificuldades encontradas (falta de transporte público adequado e mesmo de acesso) para se dirigir até ao centro da sua própria cidade, fazendo o trajeto se tornar uma verdadeira odisseia. Dessa forma, o acesso aos monumentos patrimoniais e demais espaços de memória ficavam relegados a um segundo momento que, para grande parte desses cidadãos talvez viesse na idade adulta, o que não ocorria na maioria das vezes - Grifo nosso.

Tal livro só chegou às bibliotecas das escolas públicas da rede estadual de ensino a partir de 1996 onde e quando eu já lecionava. Tinha páginas lindas e grandiosas com fotos do referido prédio, dentre outros patrimônios históricos⁶ sediados em nossa cidade, despertando a curiosidade sobre tudo o que o envolvia e, despertando no meu imaginário de jovem professora um misto de admiração e curiosidade.

A fachada imponente do Museu da República, as águias no topo dos beirais observando os passantes, os suntuosos jardins, faziam minha mente divagar num emaranhado que mesclava os conhecimentos trazidos das antigas aulas dadas na escola e das audições dos discursos inflamados do meu avô e de seus amigos sobre o personagem mais emblemático que já habitou o Palácio do Catete, o Sr. Getúlio Vargas.

Leccionava à época para crianças em fase de alfabetização no primeiro segmento do ensino fundamental no antigo Centro de Apoio Integrado à Criança, o CAIC⁷, em Inhoaíba no bairro de Campo Grande, que fazia parte do projeto CIEP⁸, na distante Zona Oeste da Cidade Maravilhosa. Os alunos eram moradores da comunidade intitulada “Favela do Barbante”⁹ e por sua condição precária de renda, jamais haviam visitado museus ou quaisquer outros espaços culturais.

Assim, o conhecimento de tais espaços ficava restrito às explicações dadas em aulas, ou a uma ou outra notícia de jornal trazida por um professor. O desinteresse era bastante

⁶ Patrimônio Histórico – pode ser definido como um bem material, natural ou imóvel que possui significado e importância artística, cultural, religiosa, documental ou estética para a sociedade. Estes patrimônios foram construídos ou produzidos pelas sociedades passadas, por isso representam uma importante fonte de pesquisa e preservação cultural.

⁷ CAIC – O Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) emerge na década de 1990 dentro de um contexto histórico marcado pela discussão e constituição de propostas – no âmbito mundial – que buscavam superar o grave quadro de exclusão social, política e econômica que acometia as populações dos países denominados subdesenvolvidos ou pertencentes ao terceiro mundo. O Brasil apresentava índices muito abaixo dos esperados e isso exigia do Governo Federal medidas que pudessem superar a situação de miserabilidade, ausência de acesso ao processo de escolarização formal e atendimento integral nos campos da educação e saúde. Nesse sentido, através do “Projeto Minha Gente” em 14 de maio de 1991 foram criados os CIACs (Centro Integrado de Apoio à Criança). Seu intuito era garantir o atendimento básico em saúde, educação, assistência e promoção social de forma integrada criado pelo governo Fernando Collor de Melo (1990-1992).

⁸ Os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), popularmente apelidados de Brizolões, foram um projeto educacional de autoria do antropólogo Darcy Ribeiro, que os considerava “*uma revolução na educação pública do País*”. Implantado inicialmente no estado do Rio de Janeiro, no Brasil, ao longo dos dois governos de Leonel Brizola (1983 – 1987 e 1991 – 1994), tinha, como objetivo, oferecer ensino público de qualidade em período integral aos alunos da rede estadual.

⁹ Favela do Barbante - localizada em Inhoaíba, pertence ao bairro Campo Grande, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Tem sua origem na década de 80, quando um grupo de pessoas invadiu terras naquela região e separava os seus “lotes” com pequenas estacas de madeira e barbante para delimitação. Já em 2010, o IBGE contabilizou 4.105 moradias onde viviam 14.191 pessoas de baixa renda. A construção do CIAC - Centro Integrado de Apoio à Criança (depois CAIC - Centro de Apoio Integrado à Criança) foi uma reivindicação da comunidade através da atuação da associação de Moradores.

considerável e me deixava triste, pois gostaria de proporcionar a eles a convivência em tais espaços, acreditando em mudanças atitudinais a partir da experiência e vivência pedagógica.

Embora vivenciasse essa triste realidade, qual não foi a minha surpresa, quando recebi a notícia de que a Secretaria de Educação havia nos premiado com a possibilidade de visitar o museu! Nesse caso, o museu para nós apontado como objeto de visita era justamente o da República, objeto de meus devaneios quando das parcas incursões que fazia muito esporadicamente ao bairro do Catete.

Após meu encantamento inicial, veio a preocupação aliada aos seguintes questionamentos e inquietações: Que atividades desenvolver com crianças de classe de alfabetização no Museu da República? Como preparar tal atividade se eu mesma jamais havia visitado o espaço em questão, e não tinha sequer uma informação sobre a exposição daquele período? Como fazer uma visita prévia para me preparar se trabalhava das 8 às 17h e a visita fora marcada e informada com apenas dois dias de antecedência? Restava a possibilidade de apenas aproveitar o "passeio", o que chegou a me dizer a Coordenadora Pedagógica na época.

Porém, essa possibilidade me causava inquietação, pois a formação do Curso Normal no Instituto de Educação Sarah Kubitschek me fazia rememorar as aulas de Prática de Ensino e Integração Social dos saudosos professores Vera Cardoso e Kleber Duarte de Vasconcellos, nos cobrando transformar toda e qualquer possibilidade de experiência diferenciada em oportunidade de ensino. Sendo assim, lancei mão do único recurso disponível, o livro, e me pus a trabalhar! Preparei uma atividade que envolvia a observação dos objetos, móveis, fachada e demais informações que as tenras mentes dos meus pequenos alunos podiam captar, uma vez que estávamos todos (eu inclusive), visitando e conhecendo o espaço pela primeira vez.

Após a visita, com as cabecinhas cheias de ideias, nos sentamos no lindo jardim, onde a proposta era produzir narrativas sobre o que se observou até então. Por se tratar de uma turminha em fase de alfabetização, as narrativas continham pequenos textos e muitos desenhos e eram apresentadas em pequenos grupos onde os alunos se encontravam previamente divididos. Assim, podiam trocar suas impressões sobre tudo o que observaram. O encontro foi muito rico, tanto para os pequenos quanto para mim, que saí dali com a certeza de que a minha mediação, ainda que incipiente e inexperiente, contribuiu para o enriquecimento daquele que poderia ter sido apenas mais um simples passeio. Ali vi plantada em mim a semente do gosto pelo trabalho com educação patrimonial e memória. Conceitos que explicarei mais adiante.

O tempo passou mais ainda, graduei-me em História e continuei lecionando em escolas públicas nos lugares distantes do centro do Rio de Janeiro. As dificuldades para tornar próximo dos discentes a visita a museus e espaços conceituados (oficiais) de memória, me fez querer enveredar pelos estudos de história local e possíveis patrimônios locais. Tal afinidade se deu pela necessidade de buscar no entorno escolar possibilidades plausíveis de se trabalhar com patrimônio local de Guaratiba e potencializar o empoderamento identitário de seus habitantes / alunos. Conhecer os espaços possíveis que a distância não os impediria de conhecer. Dar a eles a possibilidade de se sentir parte dessa História, capazes de construir narrativas a partir das vivências e experiências que lhes são próximas, mais acessíveis, porém, não menos importantes. Dessa maneira percebi que faria muito mais. Poderia fazê-los verificar que também faziam parte daquela história local e também da distante, ainda trancafiada nos livros. Modificar a forma de ver a História, fazendo a mesma se aproximar da vida através da percepção da ocupação do seu lugar no mundo.

Enxergar no entorno escolar, portanto fora dos muros da escola, aquilo que faça sentido ao conteúdo escolar, bens que fazem parte da vida cotidiana do aluno, mas que não se relacionam com os conteúdos da sala de aula por não serem reconhecidos como tal e, com isso, passíveis do desprezo social.

Parece que só o que é citado nos livros didáticos têm relevância histórica. Logo, se seu bairro não é sequer mencionado nos instrumentos usados pela escola, não faz parte da História. Buscar uma nova visão, essa educação do olhar se fazia necessário ao empoderamento identitário e reconhecimento cidadão.

Ficávamos presos à visão eurocêntrica presente nos livros didáticos onde nem a região de Guaratiba, tampouco seus habitantes podiam ser encontrados. Parecia que a História não acontecia lá. O conhecimento não é reconhecido em sua pluralidade, como nos mostra Boaventura de Sousa Santos¹⁰. As vivências não são respeitadas em suas diferenças e, com isso temos as invisibilidades das populações mais afastadas dos grandes centros (ainda que pertencentes a mesma cidade, como é o caso de Guaratiba em relação ao Rio de Janeiro).

Faz-se necessário, a partir das lições de Boaventura, o pensar fora da caixa, procurar outras maneiras de ver a vida fora da cosmovisão eurocêntrica para tentar buscar a justiça social global através da busca da justiça cognitiva global. Reconhecer o conhecimento plural

¹⁰ SANTOS, Boaventura de Sousa. 2007

como uma verdadeira “ecologia de saberes”¹¹. Neste caminho pensamos lutar por uma educação emancipatória, onde os estudantes possam trazer os saberes acumulados por seus familiares e antepassados respeitando a sabedoria pautada na experiência, através dos estudos de história e patrimônio local, dando vida ao conceito.

O objeto ou local de memória, para ser referido como patrimônio cultural, precisa ter o seu valor reconhecido pela comunidade como sendo importante para a referência de sua cultura e identidade cultural dos seus membros. Dentre os papéis da escola e, principalmente do ensino da História nos Ensinos Fundamental e Médio, está a colaboração na construção do pensamento crítico dos alunos e o fortalecimento identitário enquanto sujeitos históricos e protagonistas de suas vidas. Assim, nos explicitam os PCNs¹²¹³ (Parâmetros Curriculares Nacionais), quando nos afirmavam o que se espera do aluno quando da conclusão dos seus estudos:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;

Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas. (BRASIL. MEC, 1998).

Os PCNs, desde 1998 já nos orientaram e incentivaram para que a atuação docente possa proporcionar uma educação que atue na construção da cidadania a partir da identificação e inclusão da diversidade cultural brasileira como parte do seu patrimônio sociocultural.

Desse modo, o ensino de história será capaz de permitir que o estudante reconheça as diferenças culturais como enriquecedoras da identidade nacional, proporcionando o empoderamento identitário a partir do reconhecimento do seu lugar como sujeito histórico.

Neste sentido, propiciar o conhecimento sobre as diferentes etnias, religiões, modos de relacionamento social, linguagens que formam o amplo patrimônio sociocultural brasileiro, a partir da identificação desses elementos no seu cotidiano, no seu espaço de convivência, a

¹¹ SANTOS, Boaventura de Sousa 2007 - “ecologia de saberes”- Conceito desenvolvido por Boaventura que defende que as teorias epistemológicas são também baseadas na experiência diversa (o trabalho da costureira, do sapateiro, da mãe de santo, etc) e não somente no conhecimento científico tradicionalmente concebido. Se o conhecimento tem, segundo o autor, fontes diferentes, temos uma verdadeira “ecologia de saberes”.

¹² MEC, 1998.

¹³ Utilizamos os PCNs por uma questão de contemporaneidade com a minha atuação no magistério. Hoje temos a BNCC - grifo nosso.

partir da sua localidade, é uma ferramenta a ser utilizada na escola para a construção de uma cidadania ativa.

Atualmente temos a BNCC¹⁴ que nos traz como objetos de conhecimento os patrimônios históricos e culturais da cidade e/ou do município em que se vive, pleiteando como habilidade a ser desenvolvida que o aluno possa identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região além de discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados.

O patrimônio histórico sociocultural brasileiro é repleto de múltiplas manifestações, de naturezas diversas: material, imaterial, científico, artístico e ambiental. Cabe a cada comunidade construir para si o significado de quais são os elementos constituintes da sua identidade local e coletiva, reconhecer e preservar os seus lugares de memória.

E nesse contexto, a escola pode desempenhar o seu papel de orientadora de caminhos e mediadora no processo de aprendizagem, tendo na atuação do professor seu principal instrumento de ação.

Para definir os lugares de memória, chamamos ao nosso trabalho de pesquisa Pierre Nora (NORA, 1993)¹⁵ que nos afirma que:

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um local de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual (...). Os três aspectos coexistem sempre (NORA, 1993: 21-22).

Segundo Nora, mesmo um objeto de uso pessoal pode ser um local de memória, se o mesmo estiver permeado de lembranças e sentidos. É a capacidade de memorar que forma a construção de patrimônio. Sendo assim, precisamos pensá-los além dos espaços públicos e com significado para seu grupo. O patrimônio também assume um caráter importante na formação da memória afetiva com o local e com a identidade cultural do indivíduo.

¹⁴ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).

¹⁵ NORA, Pierre. 1993. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. n. 10. São Paulo : Projeto História, 1993. pp. 7 - 28.

Portanto, após essas explicações, podemos afirmar que há muito poucos espaços de memória reconhecidos como tal em Guaratiba. E os poucos que conseguiram ser agraciados com tal reconhecimento estão entregues à própria sorte, não recebendo o trato necessário por parte das autoridades para sua manutenção.

O mais famoso e mais recente é o Museu Casa Roberto Burle Marx que teve seu reconhecimento verificado devido ao notório trabalho desenvolvido pelo artista que o nomeia e pela organização encabeçada pelo próprio paisagista para que, após a sua morte, o espaço não se perdesse.

Tal fato já nos chama a atenção pois demonstra a atuação cidadã na defesa do patrimônio local. A iniciativa para a proteção daquele espaço não foi estatal, mas particular, que através do reconhecimento da importância do legado deixado impingiu ao Estado a obrigação de tombamento e cuidado. Porém não é o único espaço que merece ser conhecido e reconhecido pelos habitantes da comunidade local.

A ausência de tombamento dos inúmeros bens materiais e imateriais de Guaratiba e mesmo da divulgação do patrimônio junto à população não permite, naquela região, um trabalho de educação patrimonial em locais oficialmente reconhecidos como lugares de memória. Muitos sabem um pouco da história deste ou daquele monumento, mas apesar da proximidade física ocorre o desconhecimento conceitual, que acaba relegando a um segundo plano a riqueza patrimonial presente no seu próprio quintal.

Outra questão é o patrimônio natural que está sendo constantemente vilipendiado pela especulação imobiliária sob os olhares atônitos dos moradores que desconhecem sua importância. Hoje em dia muito se aceita o conceito de que patrimônio se refere à dimensão cultural e natural. Como exemplo, podemos citar a Pedra do Telégrafo¹⁶, muito explorada pelo turismo externo e que, bem trabalhada poderia inclusive servir para o incremento econômico dos moradores da região. Daí, formulamos a intenção de mapear e “reconhecer” os lugares identificados na localidade como memoráveis a partir das discussões feitas com grupos de alunos nas Rodas de Conversa, nossa metodologia de pesquisa.

Neste estudo temos como objetivo central propor uma nova abordagem do fazer escolar no ensino de História em Guaratiba a partir da ampliação dos conhecimentos escolares

¹⁶ Ponto mais alto do Morro da Barra Guaratiba. Seu nome se originou no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) quando abrigava um posto militar para observação e prevenção da possível presença de submarinos alemães no Oceano Atlântico. De lá, o vigia de guarda, ao avistar qualquer intruso na baía deveria acender uma fogueira que seria facilmente vista pelos demais integrantes da corporação presentes no quartel da Marambaia (Campo de Provas da Marambaia), instalados na restinga de mesmo nome. Estes, por sua vez informariam através de telégrafo as autoridades competentes que responderiam autorizando uma resposta ao ataque. No seu topo, ainda hoje, fica hasteada uma bandeira do Brasil.

da realidade local e dos marcos de memória para promover experiências de apropriação/pertencimento identitário através da construção de postura crítica dos estudantes para o tema do patrimônio local.

Consideramos que todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por diferentes sujeitos. O pesquisador indaga visando identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas, coisas e saberes.

As perguntas e as elaborações de hipóteses variadas fundamentam não apenas os marcos de memória, mas também as diversas formas narrativas, ambas expressão do tempo, do caráter social e da prática da produção do conhecimento histórico.

Com isto potencializarmos o fortalecimento identitário dos alunos/moradores visando o entendimento do seu lugar a partir de suas posições como sujeitos históricos e consequentemente do direito ao exercício efetivo da cidadania.

As reflexões sobre tal intenção incorporam a definição dos objetivos do ensino de História na Educação Básica, que devem ir além do repasse do conhecimento produzido pela historiografia, fugindo da mera reprodução do que dizem os livros didáticos, para construir conhecimentos capazes de servir de referência e orientação no presente e que sejam significativos para os estudantes. Para isso, visamos proporcionar a discussão entre patrimônio, identidade e cidadania com alunos do ensino público, cursando o 8º e 9º anos do Ensino Fundamental¹⁷ em turmas regulares e/ou participantes do Projeto Carioca 2 (antigo Programa Acelera 3)¹⁸.

Almejamos possibilitar o trabalho com educação patrimonial mesmo em localidades distantes dos grandes centros urbanos e, portanto, distante dos marcos referenciais de memória oficiais já constituídos e referenciados como tal com alunos oriundos de diferentes programas educativos.

¹⁷ Cabe ressaltar que nosso recorte quanto às séries participantes da pesquisa se dá por serem alunos de turma participante do Projeto Carioca II (Antigo Projeto Acelera III), que são agrupados dessa maneira e, por isso, contemplam as duas séries mencionadas acima. Grifo nosso.

¹⁸ O Projeto Autonomia Carioca foi uma proposta de aceleração de estudos, destinada aos alunos em defasagem idade/série matriculados no segundo segmento do ensino fundamental em escolas públicas municipais da cidade do Rio de Janeiro. Essa forma de aprendizagem é prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) no artigo 24, inciso V, alínea “b” para alunos em atraso escolar na educação básica, ou seja, estudantes com uma idade acima do que é recomendado na legislação para determinada série no ensino fundamental ou médio, poderão ter seus estudos “acelerados” por um programa específico de estudo. Com a mudança de prefeito na cidade do Rio de Janeiro, o projeto passou a se chamar “Projeto Carioca II”, mantendo a mesma estrutura.

2 CONVIDANDO OS VIZINHOS PRA PROSEAR... OU NORTEANDO CONCEITOS COM AUTORES CONSAGRADOS

Toda lembrança está pautada no tempo. O tempo dos calças curtas, o tempo da escola primária, o dia do aniversário, o tempo da primeira bicicleta. Nossas memórias são formadas através de marcações temporais e podemos ousar dizer que somos seres datados, isto é, que nossa existência é permeada por símbolos balizadores como datas e épocas vividas.

Mas o tempo não é fácil de ser compreendido, pois falta aos humanos elementos que lhe permitam olhar o tempo “de fora”, ou seja, não lhe foi permitido participar de todo o surgimento do universo, cabendo-lhe apenas algumas especulações a partir da realidade conhecida para explicar todo o processo.

Uma compreensão inteligível do tempo então, depende da narrativa, pois o tempo é uma linguagem da relação do homem com a natureza e não, um fluxo objetivo. Depende da percepção do sujeito que nele atua, por isso não possui estagnação, mas ao contrário, reforça sua mutabilidade. O homem imprime a ação de “temporar”, isto é, explorar sua capacidade de apropriar-se e apreender o tempo através da construção de narrativas, pois: “A apreensão do tempo está na narrativa que se faz dele”. (NUNES, 2004)¹⁹

Trazemos essa reflexão sobre o tempo no início de nossa explanação por entendermos que as práticas pedagógicas que tencionamos estudar pautam-se nas noções primárias de tempo e espaço, necessárias que são sobretudo aos alunos de Ensino Fundamental. Assim sendo, poderão partir de um universo próximo para a ampliação de suas visões de mundo, entendendo o tempo como uma construção humana, que influenciará suas interações sociais modificando-se e modificando também o seu meio. Como nos concede Ricoeur²⁰:

O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal. (RICOEUR, 2007)

Atualmente, podemos narrar a História de muitas maneiras e com recursos infinitamente variados. Tal facilidade exige a reflexão sobre a escolha do tipo de narrativa frente à historiografia. Ana Maria Monteiro²¹ (2007) se preocupa em categorizar a narrativa

19 NUNES, Benedito. *Heidegger e Ser e Tempo*. 2004.

20 RICOEUR, Paul. 2007. *A História, a Memória e o Esquecimento*. Campinas : Editora da UNICAMP, 2007.

21 MONTEIRO, Ana Maria. 2007. *Ensino de História: Sujeito, Saberes e Práticas*. 2007.

histórica – história-problema – utilizando-se de diversos recursos para a melhoria da enunciação visando uma posterior emancipação do receptor.

Defende que esses usos devem ser feitos por um sujeito qualificado, ou seja, por um professor, que através de um anacronismo controlado (LORAUX, 1992) vai tornar possível uma narrativa histórica inteligível e interessante para o aluno.

Monteiro defende também que o conhecimento histórico através da adequação das narrativas necessárias ao fazer escolar possa deleitar e instruir, daí se fazer a prática do anacronismo controlado e o cuidado com as comparações, tendo em vista que a comparação de experiências não permite ao professor cometer o assassinato de conceitos históricos.

Nem todas as experiências são comparáveis, pois precisam respeitar as especificidades de tempo e lugar em que são produzidas, bem como dos sujeitos que atuaram para a sua construção. Como exemplo podemos citar a equivocada comparação entre o escriba egípcio e o cancionero medieval. Afirmamos erroneamente pois que o primeiro se trata de uma pessoa e o segundo de um livro ou manuscrito. Apesar dos dois serem exemplos do processo de escrita, o primeiro se refere àquele funcionário que acumulava as funções de contador (registrando os bens econômicos), biógrafo (registros da vida do faraó) e guardião dos escritos sagrados; ao passo que o segundo diz respeito a um livro impresso, ou manuscrito, que contém uma coletânea de canções, e por extensão, o registro sonoro dessas canções, logo, sua escrita é atrelada às artes e ao entretenimento. Desse modo, comparar as duas experiências apenas pelo fato de se relacionarem com a escrita é negar as diferenças e especificidades de cada uma delas.

Portanto, para ensinarmos história é fundamental pensar e conectar o passado, o presente e o futuro, pois os saberes docentes são frutos de saberes cruzados e plurais, heterogêneos e do próprio acúmulo do fazer escolar.

Enxergar a História hoje muito mais como fato narrado, construído, do que somente como produto de experiências, mostra que o fato já não é mais tão importante e sim, o modo como é narrado, pois este não voltará, deixando à narrativa a incumbência e importância de se fazer memorar.

Dando continuidade aos nossos convidados/teóricos, é preciso falar sobre memória e, para tanto, chamaremos à nossa conversa Aleida Assmann que nos diz ser papel do professor de História a mediação de conceitos a fim de proporcionar a produção de sentido para o aluno estimulando a consciência histórica uma vez que o indivíduo não é um ser pré-definido, mas define a sua realidade através da vivência e experiência que acabam por transformá-lo

repetidas vezes durante sua existência²² (RICOEUR, 2007). A análise do fato narrado torna-se assim, a essência do ensino da História²³ (ASSMANN, 2011).

E ainda, segundo Heidegger, “o indivíduo é obrigado a tomar decisões que reforçam sua característica de ser racional”²⁴ (HEIDEGGER, 2015). Desse modo, podemos importar do autor a ideia de que vivemos sob a maldição do livre arbítrio, tendo de assumir as responsabilidades por nossas escolhas, não podendo atribuir a outrem nosso sucesso ou fracasso.

Segundo Assmann (2011) “Não há uma essência da memória. Os modos de recordar são definidos culturalmente”. Assim, não se considera mais a memória como vestígio ou armazenamento, mas como uma massa constantemente reformulada pelas diferentes perspectivas do presente, sendo a racionalidade humana a responsável pela liberdade da construção da memória, cuja História não consegue enquadrar em sua totalidade.

A memória cultural então, se constrói de maneira constante, pautada nas relações de sentido que o indivíduo faz das narrativas que recebe e das quais participa não só durante o período escolar, mas durante toda a vida, ampliando, reduzindo ou modificando seu(s) horizonte(s) de expectativa(s) através dos múltiplos espaços de experiência que se apresentam em sua trajetória escolar ou não.

2.1 Escolhendo o assunto da "prosa"... ou como construir memórias através da Educação?

Ele ainda era demasiado jovem para saber que a memória do coração elimina as coisas más e amplia as coisas boas, e que graças a esse artifício conseguimos suportar o peso do passado. (MÁRQUEZ)

Neves (2000) propõe a História como disciplina construtora de uma identidade comum através de um aprendizado rico de sentido, através de experiências vivenciadas que façam a relação de sentimento com o conteúdo estudado tornar necessário o acúmulo cognitivo.

O “aprender de cor” passa a ser o “aprender com o coração” e as experiências práticas ou exercitadas através de narrativas estimulam a necessidade de registro em detrimento da

²² RICOEUR, 2007. *A Memória, a História, o esquecimento*. 2007.

²³ ASSMANN. 2011. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. 2011

²⁴ HEIDEGGER, Martin. 2015. *Ser e Tempo*. 2015

memorização vazia. Como afirma Lowenthal (1998), “toda memória transmuta experiências, destila o passado, muito mais do que simplesmente reflete o passado”.

Segundo defende Neves (2000), uma aprendizagem emocional se baseia na experiência, naquilo que merece ser lembrado (memorização), rico de sentido através do trabalho e arte de “burilar as memórias”.

Esse burilamento ocorre para que o esquecimento, necessário à criação de outras memórias, não seja usado para o banimento social, isto é, que não se esqueça de propósito fatos e participações necessárias a uma construção de memória cidadã não excludente, visto que a memória responde às questões do presente e, uma vez respondidas tais questões, a mesma tende a desaparecer.

Portanto, balizaremos nosso objeto de estudo no conceito de retroalimentação histórica proposto por Ricoeur (2007). Tal conceito nos aponta que a História se retroalimenta das ausências e é devido àquelas que acontece a reescritura histórica, que é feita não somente das memórias, mas também dos esquecimentos. Sendo assim, a construção de memórias se faz com muito mais facilidade e, principalmente, quando os participantes dessa construção são educandos (quer sejam crianças, adolescentes e/ou adultos) moradores de um espaço próximo, conhecido e experimentado por eles em seu cotidiano, fornecendo sentido aos fazeres e saberes escolares.

A descoberta, a investigação e a proposição de narrativas a partir de um monumento presente na paisagem há muito conhecida, uma rua ou personalidade importante na e para a comunidade, uma praça efetivamente utilizada pela população, mas cujo nome ninguém lembra, são os elementos que podem servir de chave para a abertura cognitiva e o despertar da curiosidade.

Nesse ponto, vemos premente a necessidade da atuação do professor, para que os aprendizes possam ser guiados para fora dos muros da escola, reconhecendo e apropriando-se dos marcos referenciais de memória presentes no entorno para então, exercitar um novo olhar e, como nos diz Albuquerque Júnior (2012), “pôr defeitos nas memórias”, fazendo a crítica ao modo como as mesmas são construídas.

O autor afirma que a escrita histórica não é idônea, ou neutra, pois parte de pontos de vista diferenciados e este, por sua vez, estão presos a seu tempo. Afinal, as relações que a memória tem com o passado só acontecem através do presente. Desse modo, a crítica se faz presente a partir dos defeitos postos e impostos às narrativas feitas para que se estimule a consciência histórica. O mesmo autor nos alerta que “Lembrar dos esquecidos (ou dos sem História) é uma forma de colocar defeitos nas memórias” (2012).

Fazer essa revisão, essa releitura se mostra uma tarefa bastante complexa. Eis o momento de atuação do professor como mediador de construções cognitivas, fazendo a ponte entre o conhecimento *in loco* e a construção do conhecimento escolar em suas diferentes narrativas e construções de memórias.

2.2 Pausas na conversa... ou a necessidade de lembrar... (e esquecer...)

Todos nós temos nossas máquinas do tempo. Algumas nos levam para trás, são chamadas de memórias. Outras nos levam para frente, são chamadas sonhos. (IRONS)²⁵

Durante séculos, a concepção de passado formou o presente e inspirou o futuro dos homens; porém, o alvorecer do século XX e, sobretudo o pós-guerra, contribuiu para o distanciamento entre o passado e o presente reforçando a eclosão do interesse social pela memória.

Essa sensação de ruptura não é a única característica da cultura de memória contemporânea. Segundo Assmann (2011) são três os motivos fundamentais pelos quais a sociedade atual se apropria da História: a dimensão identitária, a lúdico-cognitiva e a ética.

A primeira se evidencia sobretudo pela necessidade de conhecer sua própria história e, novamente, construir narrativas que a expliquem e conformem suas necessidades e objetivos. Como nos afirma Sanchez Costa (2009): “solo através del relato histórico podemos hilvanar coherentemente la complejidad de nuestra existência, enlazar de modo inteligible y unitária la pluralidad de nuestro pasado, presente y futuro”.

A segunda evidencia a dimensão lúdica da História e o século XXI se mostra permeado por inúmeras novelas históricas, *games* e livros onde as narrativas se fazem das mais variadas formas, atingindo um número infindável de pessoas. A História nos oferece a possibilidade de explorar a condição humana através da viagem no tempo e no espaço e esta possibilidade se apresenta fascinante sobretudo, mas não apenas, entre os jovens.

Por fim, vemos em Assmann (2011) a dimensão ética e o caráter político da História, capaz de trazer à tona personagens esquecidos, ou aliados da memória cultural, visto que tal feito interessava às diferentes camadas detentoras de poder em determinado tempo histórico.

²⁵ Jeremy John Irons, nascido em St. Helen's, Ilha de Wight, a 19 de setembro de 1948, é um ator britânico, vencedor de um Oscar, três Emmys e dois Globos de Ouro. Grifo nosso.

Alocar personalidades locais, atualizar a paisagem local na História estudada na escola, é tornar possível uma efetiva participação dos alunos como sujeitos históricos, capazes de produzir narrativas que os integrem e possibilitem se sentir parte da História aprendida. Plenificar de sentido através do “enxergar-se e enxergar o outro” como sujeitos ativos, não mais subjugados a aceitar suas existências como “marginalidades históricas”.

Os processos de identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto estimulam o pensamento e tornam tal contribuição possível a partir da história local encontrando o seu lugar na História, percebendo o seu lugar no mundo.

Nesse sentido, chamamos para nutrir nossa conversa Reznik (2002) que nos seus estudos sobre a cidade de São Gonçalo vem atentar-nos para o estudo da história local como instrumento facilitador de uma ressignificação para o estudo da História.

Trazer os fragmentos do passado, presentes no cotidiano dos alunos através da educação do olhar e da formação de um pensamento crítico é, antes de abordar o passado como fato dado, usando o mesmo como um problema para analisar os contextos. Daí, termos a sua reconstrução não como simples repetição memorialista e factual, mas como parte integrante da História.

Reforçando nosso pensamento sobre como um “olhar educado” e uma formação crítica podem auxiliar os alunos a perceberem os espaços de memória, muitas vezes ocultados ou esquecidos no dia a dia, trazemos Pereira (2015) a este diálogo:

Talvez a recorrência a museus, arquivos e outros espaços da cidade, com marcas de memória (visíveis ou invisíveis), seja um recurso relevante para a aula de História que procura esse encontro entre memórias e histórias, sentidos e descontinuidades.

Vemos o ensino de História como uma necessidade do tempo presente, como conhecimento capaz de refletir a todo instante sobre as experimentações que produz ao criar-se também como acontecimento. Além disso, permitir situar para o tempo presente, deslocando a característica estática dos acontecimentos, refletindo através dos espaços de experiência dos educandos as novas releituras possíveis da História.

Explorar espaços já conhecidos, porém negligenciados por um olhar superficial ou não treinado, através de atividades de campo (ainda que no próprio entorno escolar), exercitará a “educação do olhar”²⁶, a formação do pensamento crítico e ampliará a “leitura de mundo”, diversificando o fazer pedagógico e dando sentido e ressignificado ao conhecimento histórico

²⁶ CARNEIRO, Maria Cristina C. de A. 2005. *Cidadania: a educação do olhar*. Revista de Educação do Cogeime. Ano 14 n. 27. 2005.

apreendido. Recorremos assim a Araújo (2012) para nos dar o suporte necessário ao trabalho com os monumentos:

O trabalho com os monumentos pode trazer contribuições, na medida em que eles sintetizam esse espaço temporalizado tão caro ao entendimento da natureza do processo histórico. Daí a necessidade de vencermos os muros da escola e levarmos nossos alunos ao encontro de experiências que proporcionem observar *in loco* as permanências que a história nos concedeu, quer sejam em forma de monumentos históricos, construções arquitetônicas, ruas, etc. (ARAÚJO, 2012, p. 48).

2.3 Botando a mesa no quintal... ou definindo a metodologia utilizada

O mais lindo da metodologia é que pessoas são mais importantes que processos. São as pessoas que fazem acontecer. (JERONIMO)²⁷

A escola por nós escolhida para o exercício desse trabalho de campo é a Escola Municipal Narcisa Amália que, por si só já integra o conteúdo patrimonial local. Fundada em 1938 em uma casa comum, doada por uma família moradora da região, foi se aprimorando e ampliando, possibilitando aos moradores locais o acesso à educação e, ainda nos dias atuais, é reverenciada como espaço de memória de praticamente todas as famílias que lá residem.

Pretendemos promover experiências de valorização de memórias pessoais, bem como de patrimônios comunitários, musealizados ou não. Pela via da apropriação, simbólica ou física, procuramos fortalecer sentimentos e ampliar sentidos de pertencimento.

A partir do *re – conhecimento* local, educar o olhar, empoderar a participação docente e discente²⁸ através de uma atuação crítica para o seu autoconhecimento como sujeito histórico e possibilitar sua emergência cidadã, aqui explicitada pela exercício efetivo de sua cidadania a partir da apropriação espacial e memorialística local.

Após o levantamento bibliográfico inicial, começamos a discutir, a partir de rodas de conversa com os alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, as possibilidades de utilização dos diversos espaços de memória do bairro, através de visitas organizadas com os mesmos.

²⁷ Graduada em Direito pela Universidade de Cuiabá (2005), Pós graduada em Processo Civil, MBA em Gestão de Projetos, Pós graduada em Regimes Próprios de Previdência Social pela Faculdade Damasio (2017) e Leader Coach pelo Instituto Brasileiro de Coaching.

²⁸ Que fique claro nossa crença de que o fazer escolar também implica no aprendizado docente, não somente o aluno apreende saberes, mas o professor tem sua prática modificada pela oportunidade de troca e experimentação diversificada.

Trabalhamos com turmas do oitavo e nono anos estabelecendo um mapeamento local, “descobrimo” os diferentes espaços de memória presentes no cotidiano local, - muitas vezes, desconhecidos dos alunos - esperando que os mesmos consigam dar materialidade ao estudo de história realizado na escola.

Por quê a escolha de Roda de Conversa como metodologia de ação?

Por compreendermos ser a mesma um tipo de possibilidade para uma comunicação dinâmica e produtiva entre alunos adolescentes e professores. Tal metodologia apresenta-se como rico instrumento que pode ser utilizado como prática de aproximação entre sujeitos no cotidiano pedagógico, pois o diálogo é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala. Assim, constata-se que a roda de conversa é uma excelente escolha metodológica que deve ser explorada pelo professor, por sua relevância e contribuições que pode proporcionar aos alunos e ao fazer docente.²⁹

Também a roda de conversa se constitui um alicerce para construções de narrativas plurais, a partir da observação e partilha de ideias sobre o patrimônio guaratibano, objeto de nosso estudo. Pensamos só ser possível envolver o aluno no processo de ensino aprendizagem, se este se vê como parte do mesmo.

Compreendendo a visão do aluno como algo relevante para a construção de outras narrativas, respeitando suas memórias, podemos construir uma nova compreensão do universo observado, produzir uma narrativa consciente e potencializar que os mesmos se reconheçam como sujeitos históricos e não somente um mero coadjuvante da narrativa docente.

É necessário ressaltar que tal processo não deve ser visto como prática descomprometida - usar a roda de conversa para “falar por falar”-, mas tornar o diálogo e a partilha de narrativas algo evidentemente vivenciado pelos alunos, como nos afirma Freire:

Não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não organizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si”. (FREIRE, 1983, p. 43)

As Rodas de Conversa remontam também à prática local ainda presente no cotidiano familiar de “prosear no fim de tarde”, onde os assuntos do dia a dia são socializados e planejamentos futuros organizados.

²⁹ A Roda de Conversa é uma possibilidade metodológica para uma comunicação dinâmica e produtiva entre alunos adolescentes e professores no ensino médio. Essa técnica apresenta-se como um rico instrumento para ser utilizado como prática metodológica de aproximação entre os sujeitos no cotidiano pedagógico.

Queremos com essa atividade, fazer o planejamento de todas as ações desenvolvidas no decorrer da pesquisa e intensificar a incorporação desse fazer costumeiro à semelhança pedagógica das rodas de conversa, reconhecendo-o como mais um hábito cultural e, de certa forma, pessoal e patrimonial de Guaratiba. Mas, também de outros lugares pequenos e interioranos.

Tais rodas foram realizadas no contraturno, em encontros semanais, marcados de acordo com a disponibilidade dos envolvidos, com grupo de interesse formados por alunos voluntários do oitavo e nono anos do Ensino Fundamental, moradores do bairro e devidamente matriculados na escola onde desenvolvemos a pesquisa, já citada anteriormente.

A escolha pela história local não quer preconizar o desprezo pelos espaços de memória oficiais ou hegemônicos presentes em nossa cidade e distantes de nossa localidade.

Não pregamos aqui que devemos nos afastar de todos os espaços reconhecidos como espaços de memória hegemônicos, mas não podemos deixar de reconhecer os espaços memoriais presentes no horizonte geográfico conhecidos e pertencentes à comunidade local, nem tampouco deixar de trabalhar a questão do patrimônio por causa de dificuldades que a exemplo da distância precisamos considerar. Porém, nesta pesquisa resolvemos trabalhar a partir do que temos à nossa volta e que podemos identificar como patrimônio.

É tarefa da escola e, sobretudo do professor de História, a educação do olhar³⁰, como nos afirma Carneiro:

A educação do olhar é um chamamento a todos nós educadores que carecemos privilegiar na escola experiências humanizadoras e para isso a educação do olhar é a chave para se entender da vida, da prática, da civilidade, honestidade, companheirismo, participação, cooperação, generosidade, respeito às diferenças, justiça etc.

É preciso ensinar a olhar sobre o que se vê ou sobre o que se apresenta a nossa volta, sobre a importância ou não, sua pertinência, sua validade. É necessária reflexão, pois é isso que nos diferencia. Desenvolver o senso crítico e contribuir para a formação política, que é uma das grandes colaborações dadas à nação. Incentivar a reflexão é formar cidadãos participativos e críticos, que saibam utilizar a democracia e usufruir dela com equidade.

O olhar deve ser exposto, discutido e até modificado. Devemos fomentar a participação com controvérsias, buscando posições que não tenham dono. São junções de

³⁰ CARNEIRO, Maria Cristina C. de A. 2005. *Cidadania: a educação do olhar*. Revista de Educação do Cogeime. Ano 14 n. 27. 2005.

olhares. Ainda segundo Maria Cristina Carneiro³¹ O olhar é, portanto, uma intenção de descoberta.

O olhar é resultado de nossa leitura sobre o mundo e o principal meio de se captar a realidade. A todo instante a natureza, as coisas, as pessoas e o mundo se renovam de forma que o nosso olhar também se renove.

Ao mesmo tempo que chama a atenção dos alunos para ver determinado ponto, tem ele também o seu olhar apontado para este ou aquele detalhe para o qual nunca havia sido perceptivo o suficiente. “O meu olhar é nítido como um girassol” (Fernando Pessoa). Isso significa ter um olhar em mutação, um olhar que se adapta e se encaixa, percebendo diferenças e permanências em todo objeto observado.

A educação do olhar se faz necessária para apropriação das memórias locais e construção de narrativas outras a partir do universo conhecido. Dessa forma, o conteúdo se tornará mais valoroso, rico de sentido e se ampliará de modo a construir uma crítica e efetiva memória coletiva, dando aos alunos a oportunidade de exercer sua cidadania de maneira realmente eficaz.

³¹ CARNEIRO, Maria Cristina C. de A.2005. *Cidadania: a educação do olhar*. Revista de Educação do Cogeime. Ano 14 n. 27. 2005.

3 PROSEANDO NA RODA DE CONVERSA OU APLICANDO O MÉTODO ESCOLHIDO (ENQUANTO A ÁGUA ESQUENTA...)

Quem não leva a sério a preparação de algo, está se preparando para o fracasso.

Benjamin Franklin

Para que essa conversa pudesse fluir era necessário organizar a preparação do café. Conforme já dissemos, escolhemos como metodologia de pesquisa, fazer rodas de conversa com os alunos.

Ao convidá-los para participar dos encontros pedimos aos mesmos que viessem munidos de algum objeto antigo que tivessem em suas casas. Pedimos também que trouxessem em suas cabeças um breve histórico daquele objeto para compartilhar. Tal preparação foi solicitada por mim durante a semana aos alunos interessados em participar do projeto de pesquisa e era necessária para as atividades que realizaríamos já no primeiro encontro.

Isso levou um tempo maior que o programado, pois trabalhos de outras disciplinas, dificuldades em ficar no contraturno (horários apertados do transporte escolar), atividades extracurriculares como cursos externos e treinos de futebol, desinteresse inicial devido ao não recebimento de nota por essa atividade por se tratar de atividade extra e de alunos de diferentes turmas, feriados prolongados e pontos facultativos ocorridos no período, entre outras tantas dificuldades que nos atrapalharam bastante.

Mas, passado o sufoco inicial para a formação do grupo, pudemos enfim iniciar, mesmo sendo obrigados a fazer algumas concessões: a periodicidade dos encontros que a princípio havia sido pensada para ser semanal, estendeu-se a quinzenal caso a necessidade assim o exigisse, o que ocorreu bastante.

Nossos encontros reduziram-se a uma hora e trinta minutos de duração máxima, para que os participantes não perdessem o transporte escolar nem alterasse muito suas rotinas, o que inviabilizaria sua participação. Mais uma vez a questão do deslocamento se colocava como um obstáculo a ser transposto.

Essas limitações foram bastante frustrantes (por vezes cheguei a pensar que não funcionaria devido a inconstância dos participantes) e debilitantes (pois a cada encontro precisava fazer um resumo do encontro anterior) mas, ainda assim, tocamos em frente

bastante animados com os que resistiam.

Vale como registro da caminhada que um dos motivos da baixa adesão e inconstância inicial se deu pelo fato dos alunos envolvidos não serem apenas integrantes de turmas em que eu lecionava, mas de toda a escola, visto que a ideia do trabalho foi divulgada para todos eles, mas não poderiam receber pontuação como modo de premiação, o que desanimou um grupo considerável.

Mesmo não sendo uma anotação positiva me serviu como ponto de observação. Então, por que convidar alunos de outras turmas, poderemos indagar? Tal iniciativa foi necessária pois os alunos da turma em que lecionava, por se tratar de um programa especial de aceleração de estudos tinham os anos escolares compactados e, por esse motivo se formariam no fim do ano 2019 e não dariam continuidade no grupo de estudos formado para esse projeto visto que seriam encaminhados a outras escolas a fim de continuar seus estudos, agora no Ensino Médio.

Ultrapassado esse obstáculo, seguimos com nossos doze bravos guerreiros/estudantes/sobreviventes na busca por uma forma diferenciada de estudar e romper os muros da escola, como propomos no título de nossa pesquisa. Os eixos discutidos nas conversas foram: memória, patrimônio e história local, que a seguir explicaremos com a narrativa do desenrolar do processo de construção dessa dissertação.

Ainda para esclarecer a metodologia adotada vale dizer que tinha claro os eixos a discutir nas oficinas, porém, a ordem em que os referidos assuntos seriam discutidos eram definidos pelo “*rumo da prosa*” respeitando os avanços e ou pausas que ocorressem no percurso, como se verificou adiante. Dessa forma os alunos puderam atuar como verdadeiros interlocutores na ação de “*prosear*” garantindo a dinâmica que o processo exigia.

Ao professor propositor das oficinas (eu) coube o papel de mediador, orientador e porque não dizer incentivador, estimulador, impulsionador e incrementador da pesquisa histórica. Tal atitude, longe de relegar a atuação do professor a um possível segundo plano como se pensava no passado, auxilia e fomenta o aumento da produção de sentido na construção do conhecimento histórico escolar.

Por esse motivo escolhemos partir do universo conhecido, do seu local de fala, do seu próprio território dos elementos da história local como ponto de partida de nossas especulações iniciais, ampliando o conhecimento construído a medida que esse local também se amplia. A partir da observação da sua própria casa, da sua rua, do seu bairro o olhar da criança se amplifica, expandindo seu horizonte educativo, rompendo muros.

3.1 Primeiro encontro - Por que lembrar? Um papo sobre memória

Tudo o que a memória amou já ficou eterno. (PRADO)

Traremos ao nosso trabalho a livre transcrição de falas que ocorreram em uma aula dada em 14/02/2020, na turma 1802. O tema da aula era: Pra que serve a memória? Como motivação foram colocadas no quadro da sala algumas afirmações. A turma pré adolescente, bastante atuante e animada, permitiu que o assunto fosse abordado compartilhando experiências. Tal fato contribuiu bastante para as discussões trazidas neste trabalho justificando a explicação trazida abaixo.

Começamos o encontro com um questionamento feito ao grupo: O que é memória? E surgiram inúmeras contribuições tais como : “Memória é aquele negócio lá que tem dentro da sua cabeça e que faz você lembrar.” (Priscila Santos - 1802) “Memória é uma lembrança boa.”(Melissa Pesenti -1802) Aproveitando a fala, e intensificando a prosa questionei: Toda memória tem de ser boa para ser considerada memória? E as respostas seguiram: “Sim, do contrário você não lembra.” (Stephany Melo - 1802). “Nem sempre, por vezes acontecem coisas que você não gosta, mas também não consegue esquecer.” (Maria Eduarda - 1802). “Ou não pode esquecer, né?!” (Priscila Santos - 1802). Questionei-os então sobre quem escolhe que memórias guardar e o que se seguiu foi uma enxurrada de colocações: “Ué, quem escreve os livros!” (Israel Ribeiro -1802) “Ou quem manda na TV!”, acrescentou. “Também pode ser a gente mesmo, que esquece aquilo que é ruim...” (Isabel da Guia - 1802). Verificando que a conversa não se encerraria ali, continuei o registro para posterior retomada e, observei com atenção todos os elementos que, a partir da curiosidade dos alunos, surgia quase automaticamente, como verificamos a seguir.

“E quando a gente lembra de uma coisa... mas só uma parte, daí o cérebro começa a imaginar o resto?” (Wesley Pereira - 1802) Então eu pergunto: Tudo o que o cérebro completa é verdade? Ao que responderam: “às vezes sim, às vezes não. por isso precisamos pesquisar para ter certeza de que aquela memória é de fato verdadeira, ou inventada.” (Laryssa Ruen - 1802) “Vejam o exemplo do nome do nosso bairro: sabemos que não é uma ilha, daí criaram o tal Willian que ninguém sabe se existiu de verdade né, professora?” (Maria Clara da Paz - 1802).

Já bastante motivados e cientes de que o assunto era bastante extenso, resolvemos esmiuçar a questão levantada partindo de algo concreto. Discutimos sobre os elementos que

despertam memórias. Elementos tais que sejam visíveis ou palpáveis, capazes de despertá-las. Aquilo que nos desperta a imagem que remete à lembrança.

Nesse momento em uníssono, um grupo de meninos respondeu que o nome das coisas é o que inicia a capacidade de memorar, pois este é parte daquilo que é lembrado seja um objeto, animal, pessoa, lugar ou mesmo um fato. E partimos a prostrar sobre o nome das coisas, e a apropriação do mesmo por elas, como mostraremos a seguir.

Todas as coisas têm nome
 Casa, janela e jardim
 Coisas não têm sobrenome
 Mas a gente sim! (TOQUINHO)

Qual a primeira “coisa” que se torna nossa? Qual é a nossa primeira propriedade, nosso primeiro objeto?

Concluindo que a resposta a essas questões seria o nosso nome, iniciamos este encontro fazendo uma pequena apresentação dos presentes com a utilização de uma dinâmica, assim descrita:

Cada aluno(a) deveria se apresentar aos demais respondendo às seguintes perguntas que deixei anotadas no quadro da sala, a saber: a) Qual o seu nome e idade? b) Qual a origem do seu nome? Quem o escolheu, qual o significado (se você souber)? c) O significado, a narrativa trazida pelo seu nome combina com você? Por quê?

A reflexão sobre a origem daquela que seria a primeira propriedade dada a todos os seres humanos (o próprio nome) se revelou bastante interessante com o orgulho demonstrado pelos que conheciam o significado de seus nomes, a empatia gerada no grupo com a colaboração entre os colegas com os que declararam desconhecer o seu mas se sentiram estimulados a descobrir.

Foi meu pai quem decidiu
 que o meu nome fosse aquele.
 Isso só seria justo
 se eu escolhesse
 o nome dele. Nome da gente - Pedro Bandeira

Concordamos que o homem costuma criar relações de sentido para os elementos dos quais se apropria a partir de um processo de escolha dele próprio ou dos provedores do grupo em que se insere em sua vivência, como é o caso do nome que apesar de nosso, não temos a opção de escolher, tarefa delegada a nossos genitores ou parentes.

Dando seguimento a conversa, nesta ocasião também assistimos a um vídeo do

youtube intitulado: A evolução humana em um minuto e meio - animação Ape ³² para lembrarmos das aulas do sexto ano em que trabalhávamos os conceitos de evolução e a necessidade de responder à questão: para que serve a História? Ainda vimos um segundo vídeo, também coletado do youtube, intitulado A evolução até o homo sapiens em 1 minuto.³³

Após a admiração inicial causada pelos vídeos assistidos e um pequeno compartilhamento de impressões sobre os mesmos onde os alunos compararam o homem da antiguidade com o atual, verificando as mudanças ocorridas em seu corpo e em seu meio, bem como suas maneiras de comportar-se frente aos desafios apresentados, fiz uma pequena intervenção na conversa a fim de orientar sua atenção para os diferentes objetos utilizados, aproveitados da natureza ou criados pelo homem a fim de facilitar suas próprias atividades. Apontaram então os objetos mostrados no vídeo e perceberam, aguçando seu olhar, essa evolução e a mudança na relação do homem com os objetos por ele utilizados.

Orientei os alunos que depositassem em uma mesa os objetos por eles trazidos, a fim de proporcionar uma melhor observação, o que despertou a curiosidade dos mesmos.

Passamos a refletir que desde que nos entendemos por gente, os objetos que carregamos nos ajudam a contar a história de quem somos, a formar nossa identidade e a moldar como nos apresentamos ao mundo. E o melhor: isso pouco tem a ver com seu valor monetário, mas com os laços que criamos com os mesmos. Não importa se o objeto é uma moeda rara ou um simples chaveirinho com escudo de time.

Também os laços criados têm diferentes origens: podem ser fruto da necessidade como as facas e raspadores do homem pré histórico ou mesmo da memória atribuída a eles como no caso de um souvenir de viagem, ou uma medalhinha de um santo de devoção.

É a carga simbólica constante nos objetos tanto para quem os produz como para quem os usa, que faz com que os mesmos tenham sentido e participem do processo de criação de memórias. Nesse ponto o objeto perde a condição de coisa qualquer e passa a ser uma peça única, marcada pelas relações do cotidiano, nos ajudando a localizar as narrativas por ele carregadas repletas de afeto e paixões.

Feita essa introdução, produzindo o ambiente propício a uma reflexão sobre a importância de lembrar e refizemos a oficina: Vestígios históricos – porque a vida deixa marcas, onde separamos, catalogamos e explicamos os diferentes objetos trazidos pelos alunos, fazendo questionamentos, tais quais:

³² A evolução humana em 1 minuto. Vídeo do Youtube. <https://youtu.be/1pMkkVxiWi0>

³³ A evolução até o homo sapiens. Vídeo do Youtube. <https://youtu.be/YUPjkIfei54>

Por que você escolheu esse objeto para trazer hoje? Que memórias ele carrega? A quem ele pertencia? Para que servia? Ainda se usa hoje em dia? Por que ele ainda é guardado em sua casa? Sua utilização mudou através do tempo?

Nessa oficina, já desenvolvida por mim há mais de quinze anos, sobretudo com turmas de sexto ano (das quais os alunos participantes são oriundos) temos por objetivo o resgate da memória dos objetos, pesquisando sua utilização e seu significado através das gerações em diferentes lugares.

Um mesmo objeto pode mudar de função no tempo, no espaço e na cultura em que se encontra inserido, gerando diferentes memórias. Através dessas experiências com objetos, passamos a trabalhar as relações com as pessoas, sobretudo as mais velhas por ser característica da região de Guaratiba na grande maioria das famílias a convivência de várias gerações, inclusive no mesmo espaço uma vez que grande parte deles vivem em quintais multifamiliares.

Bem característico da região, muitos parentes moram em um mesmo sítio, mantendo a individualidade de sua própria casa e núcleo familiar mas a coletividade do parentesco, mantendo inclusive diversas atividades em grupo como a plantação de subsistência ou agricultura familiar tanto de gêneros alimentícios como de plantas ornamentais, gerando renda para todos os participantes da ação e ainda a criação de gado para uso doméstico.

Ampliando esse estudo trabalhamos a relação com o patrimônio local, com vistas ao desenvolvimento da consciência de preservação e construindo coletivamente o conceito de memória, cumprindo ao mesmo tempo o currículo escolar.

Na oficina dessa roda de conversa os alunos tiveram mais uma vez a oportunidade de apresentar objetos desconhecidos dos colegas por terem perdido a sua utilidade ou terem sido substituídos por outras tecnologias como foi o caso das fitas de VHS, disquetes, moedores de carne manuais e vitrolas, fotos com roupas de épocas diferentes trazidos para a exposição. Cada um apresentou o seu objeto e narrou o que sabia sobre o mesmo, enquanto os demais tinham liberdade de perguntar o que a sua curiosidade estimulasse e ainda formular hipóteses sobre a utilização dos objetos expostos.

A conversa foi considerada por mim muito proveitosa e algumas conclusões coletivas por todos anotadas foram, a saber:

O **ser humano**, desde a sua origem, **sempre se cercou de objetos por variados motivos**: necessidade (armas e utensílios), vaidade (enfeites como brincos, colares e cocares), demonstrações de poder (cetro, coroa, jóias), respeito (um objeto deixado de herança ou mesmo as cinzas de um ente querido).

. **Todo objeto traz em si uma possibilidade de construção de memórias**, pois nele está implícito uma lembrança, um ensinamento.

. **As memórias podem ser classificadas como particulares** pois dependem do ponto de vista de cada um, e **coletivas** quando esse ponto de vista é compartilhado pelo grupo (família ou comunidade por exemplo).

. **Um mesmo objeto pode trazer diferentes memórias**, pois depende da relação criada com o mesmo e o tempo é um fator de interferência bastante relevante nesse contexto.

. **Um objeto considerado obsoleto ocupa o lugar das "memórias esquecidas"³⁴ e estas podem ser "redescobertas" através da pesquisa histórica**. E ainda assim, tais objetos continuam sendo memoráveis, ainda que a memória agora produzida por eles seja a do esquecimento, como no caso das ruínas.

Depois dessa animada e quase interminável conversa, nos enchemos de alegria (os olhinhos deles brilhavam!) e percebemos a necessidade de conversar sobre patrimônio, o que decidimos como tema para o próximo encontro, marcando nossa próxima prosa. Seguiram animados para o ponto do ônibus escolar e eu observava a alegre conversa entre eles, cheia de sugestões e trocas de informação.

3.2 Segundo encontro – O que usamos para marcar memórias? – Uma prosa sobre patrimônio

Quando se dissipa o patrimônio com loucuras, procura-se restaurá-lo com culpas.
(TÁCITO)

Nessa oportunidade, começamos com uma pesquisa ao material de mais fácil aquisição devido a sua disponibilidade farta em sala de aula, o dicionário,³⁵ que nos conceitua o assunto escolhido como tema para esse encontro como bem ou conjunto de bens naturais ou culturais de importância reconhecida, que passa(m) por um processo de tombamento para que seja(m) protegido(s) e preservado(s).

Depois vimos como a questão patrimonial é tratada perante a lei já que a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo

³⁴ "Memórias esquecidas e redescobertas" foram conceitos criados pelos alunos nas rodas de conversa. Foi o modo como se referiram a interferência do tempo na construção de memórias

³⁵ Definição retirada do dicionário online da Língua Portuguesa patrimonio significado da palavra in <https://www.dicio.com.br/patrimonio/>

Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a denominação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Tal mudança incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial, ampliando-o.

Com a conversa em andamento pudemos perceber o interesse despertado por nossos convidados. Os alunos perceberam a mudança ocorrida na legislação, observando sua necessidade frente aos elementos percebidos e ressignificados como patrimoniais através do tempo.

Ressaltaram sua importância uma vez que “incluindo os elementos culturais, as pessoas comuns teriam suas artes também reconhecidas como exemplo podemos citar a produção de esteiras e chinelos de taboa³⁶ muito conhecidos na região e não só os grandes pintores que a gente vê nas aulas de arte”, segundo Ely Marcelle e Kawane Santos (1902 e 1901, respectivamente). Dessa forma, enalteceram o reconhecimento da produção artística e cultural oriunda das camadas mais humildes da população e sua incorporação no conceito legal.

A Constituição estabeleceu ainda a parceria entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, mantendo a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens sob responsabilidade da administração pública.

Enquanto o Decreto de 1937 estabelece como patrimônio “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor etnográfico ou arqueológico, bibliográfico ou artístico”, o Artigo 216 da Constituição define patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Nessa redefinição produzida pela Constituição, estão as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações artísticas, tecnológicas e científicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico,

³⁶ Taboa - A taboa (*Typha domingensis*) é uma planta aquática que pode alcançar cerca de 3 metros de altura. É encontrada em várias partes do mundo, graças ao seu caráter adaptável. Entre os lugares de preferência estão os ambientes com água doce (alagadiços e igarapés). A planta também ajuda a descontaminar as águas, é comestível e usada na fabricação de esteiras, chapéus, balaios, cestos, tapetes e chinelos. Em Guaratiba, até hoje auxilia na renda de muitas famílias que vendem o artesanato produzido aos turistas que visitam a região. Grifo nosso.

paleontológico, científico e ecológico.

A partir da definição encontrada ampliamos a reflexão verificando a importância da atuação de órgãos como o IPHAN, agindo na preservação destes espaços de memória. Sua definição sobre tais espaços está assim declarada:

Patrimônio histórico é todo bem natural, material ou, ainda, imóvel que tem significado/importância artística, documental, cultural, religiosa e estética para um determinado grupo de pessoas. São considerados ainda patrimônios históricos quaisquer conjunto de manifestações produzidas ao longo de um determinado período de tempo, podendo ser costumes, saberes, tradições e até mesmo práticas culturais.

Em geral são patrimônios produzidos por nossos antepassados, por isso sua importância, afinal, representam uma considerável fonte de pesquisa.³⁷

O IPHAN demonstra sua grande importância pois tem a função de zelar pelo cumprimento dos marcos legais, efetivando a gestão do Patrimônio Cultural Brasileiro e dos bens reconhecidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como Patrimônio da Humanidade. Destaca-se na preservação do patrimônio na América Latina, possuindo um vasto conhecimento acumulado ao longo de décadas. Tornou-se referência para instituições análogas de países de passado colonial, mantendo ativa cooperação internacional.

Também forma parceria com os estados e municípios construindo o Sistema Nacional do Patrimônio Cultural, baseando suas ações em três eixos estruturais: **coordenação** (com a definição de instância(s) coordenadora(s) para garantir ações articuladas e mais efetivas); **regulação** (princípios e regras gerais de ação, bem como conceituações comuns); e **fomento** (incentivos direcionados principalmente para o fortalecimento institucional, destinação de recursos, estruturação de sistema de informação de âmbito nacional, fortalecer ações coordenadas em projetos específicos). Trabalhando com esses conceitos de modo a facilitar o acesso ao conhecimento dos bens nacionais, a gestão do patrimônio é efetivada segundo as características de cada grupo: Patrimônio Material, Patrimônio Imaterial, Patrimônio Arqueológico e Patrimônio Mundial.

Notamos durante a discussão, que hábitos e costumes também são considerados patrimônio e aqui pude perceber o salto de aprendizado do grupo. A identificação das manifestações conhecidas comparadas aos conceitos estudados deu aos jovens a certeza de sua inserção nesse universo patrimonial e uma verdadeira explosão de exemplos conhecidos

³⁷ IPHAN - <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>

por eles veio à baila. Neste instante, a epistemologia e a prática se fundem dando sentido ao aprendizado.

A admiração demonstrada quando um dos participantes (Alexandre Ribeiro - 1903) levantou como exemplo as danças juninas muito presentes nas festas da comunidade em que todas as gerações de sua família haviam participado poderiam ser consideradas patrimônio e não só a praça ou as igrejas da localidade. Logo foi seguido por outro (Kaique Heleno - 1901) que salientou a prática longeva do jogo de futebol às segundas feiras, com a participação dos membros do Ruim de Bola Futebol Clube, afamados por suas disputas e campeonatos, bem como a presença costumeira de vários grandes nomes do futebol nacional como Bebeto e Jorginho, figuras frequentes no Estádio Hélio Pantaleão de Melo, que serve de palco para tais eventos e costumeiramente recebe a alcunha de “campo da Ilha”.

Uma característica a ressaltar é o dia escolhido para a prática futebolística. Devido a vocação agrária e comercial da localidade, abastecendo de verduras e frutas desde a década de 1920 até os dias de hoje as feiras livres em diferentes localidades das zonas norte e sul cariocas, só restava aos "feirantes" organizarem os jogos no único dia de folga que podiam usufruir: a segunda-feira. Mesmo após a queda do trabalho nas feiras, substituído por outras atividades laborativas, o dia oficial das práticas esportivas se manteve, permanecendo atualmente.

Ampliamos um pouco mais a discussão, proseando sobre os diferentes tipos de patrimônio, a fim de elencarmos os que gostaríamos de estudar. Vimos que o Patrimônio Cultural é dividido em dois grupos, que variam de acordo com a sua natureza. O Patrimônio Imaterial e Patrimônio Material. Há também o Patrimônio Artístico, que reúne os bens artísticos, e o Patrimônio Natural, referente aos bens naturais de uma região.

Após a comparação dos conceitos encontrados demos início à identificação dos diferentes exemplos de patrimônio presentes no entorno escolar. Os alunos preencheram uma pequena ficha (anexo 1), produzida coletivamente apenas para organizar os diversos patrimônios por eles elencados. Assim dividiram-se em patrimônios naturais (presentes na paisagem e portanto quase intocados pelo homem), patrimônios artísticos (monumentais arquitetônicos, onde se percebe com facilidade a interferência humana na sua construção) e patrimônios imateriais (de construção e/ou reconhecimento coletivo).

Interessante percebermos que os itens classificados como patrimônios artísticos (sobretudo os que englobam obras arquitetônicas) foram mais facilmente notados e por isso figuravam em destaque tanto em atenção despendida quanto em número no levantamento inicial feito pelos alunos.

Já os naturais, fazem parte do cotidiano, sendo facilmente identificados também pois, como disse Juliha Vieira (1901): “Identificar patrimônio contido na paisagem é fácil, basta abrir a janela que um morro importante já “olha” pra gente”.

Já os imateriais foram mais custosos para a identificação e obtenção de fontes, por isso listados em número menor. Também percebemos a dificuldade de identificá-los em um mapa, nosso produto final, decidindo deixar esse material para uma outra pesquisa que tencionamos aprimorar em um futuro próximo.

Dividimo-nos em grupos para comparação das fichas e compilação dos itens listados. Separados os que apareciam em duplicidade e os que não pertenciam a região de Guaratiba, escolhemos como mais relevantes para nosso estudo e que constariam em nosso produto final, o mapa patrimonial, e alguns critérios precisaram ser estabelecidos dada a grande quantidade de informações trazidas e interesse despertado não só nos alunos que participaram do projeto como de todos aqueles mobilizados por eles para pesquisa de campo (pais, tios, avós, vizinhos, entre outros).

Elegemos como critério de escolha os mais reconhecidos e referenciados pela memória local, os que continham fontes possíveis de serem encontradas, os que pudessem ser visitados e dois grupos foram criados. O primeiro, dos elementos naturais que compunham a paisagem local ou que trouxesse em si a representação simbólica do lugar (como é o caso do guará) e segundo dos elementos que, mesmo inseridos na paisagem natural foram formados pela intervenção humana. Dessa forma, os seguintes foram listados:

Patrimônio Natural:

3.2.1 Serra da Grota Funda com destaque para o Morro da Ilha.

3.2.2 Pedra do Telégrafo.

3.2.3 Baía de Guaratiba ou Praia Grande.

3.2.4 Guará - *Eudocimus ruber*.

Patrimônio Artístico (arquitetônico)

3.2.5 Sítio arqueológico do Zé Espinho.

3.2.6 Capela de Santo Antônio da Bica.

3.2.7 Museu Casa de Roberto Burle Marx.

3.2.8 Paróquia Salvador do Mundo.

3.2.9 Ponte da Marambaia.

3.2.10 Escola Municipal Narcisa Amália.

- 3.2.11 Capela do Santo Sudário.
- 3.2.12 Sítio Ceará ou Alambique dos Mudinhos.
- 3.2.13 Antigo Cemitério de Guaratiba.
- 3.2.14 Castelo dos Guimarães (hoje em ruínas).
- 3.2.15 Antiga Estação de Bondes (limite do bairro).

Para conhecermos um pouco mais os itens patrimoniais listados, fazendo aqui uma explanação sobre cada um deles com um breve histórico, a ser utilizado como base para a confecção do produto, o mapa patrimonial. Vale ressaltar que a pesquisa foi feita pelos alunos que, em pequenos grupos ou individualmente, traziam para os encontros suas anotações.

Discutimos então o material trazido ao que acrescentamos elementos e fontes trazidas pelo professor mediador assim dando robustez ao conteúdo discutido. As interferências e trocas foram vastas e, a cada roda de conversa maior era o conhecimento adquirido por todos os que dela participavam.

Assim veremos, no decorrer da pesquisa a transcrição de muitas falas dos alunos mostrando a dinâmica aplicada e a importância de uma mediação que garanta ao estudante o seu lugar de fala, o respeito às suas vivências e experimentações no processo de pesquisa histórica.

Ao longo da explanação traremos as interferências (incluindo alguns de seus desenhos) feitas pelos jovens desbravadores tal qual se colocavam nas rodas de conversa para que se faça notar a educação do olhar na práxis pedagógica, isto é, quanto mais pesquisavam e discutiam, mais o seu olhar se tornava aguçado e ampliado frente ao mundo conhecido.

Mas por ter sido sempre lembrado como um “ponto fora do mapa” esse mundo encantador ora desbravado por nossos valentes pesquisadores, não era até então reconhecido como algo de elevada importância. Por não figurar nos meios costumeiramente utilizados como ferramentas pedagógicas (livros e apostilas) era relegado a segundo plano sendo desprezado como possibilidade para o fazer escolar. Apesar de vivenciado e experienciado por muitos desde o nascimento, esse universo guaratibano não era reconhecido como algo valioso.

É a pesquisa histórica o grande elemento capaz de proporcionar esse “abrir de pálpebras”, trazendo o espaço de experiência como novo palco para aprendizagens múltiplas capaz de proporcionar um verdadeiro horizonte de expectativas.

Seguimos com a apresentação dos itens acima elencados para ampliar o volume de

informações sobre os mesmos, agora baseada na pesquisa e catalogação de fontes bibliográficas, fotográficas e locais encontradas por todos os agentes envolvidos nesta pesquisa (professores, alunos, pais/ responsáveis e membros da comunidade).

3.2.1 A Serra da Grota Funda (Serra Geral de Guaratiba) e o morro da Ilha

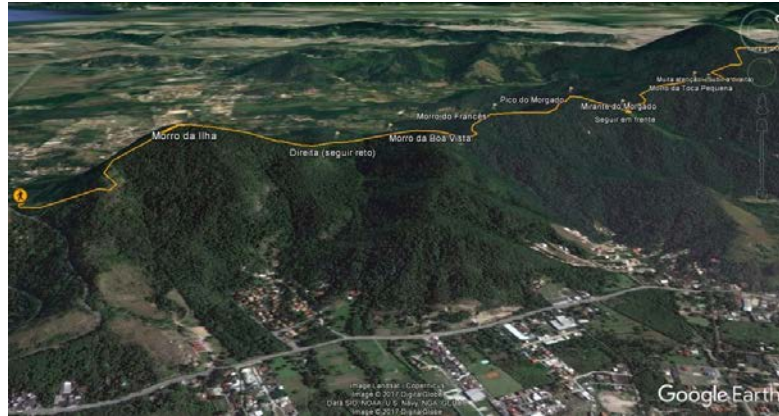
Trata-se da formação rochosa composta por um conjunto de morros que separam os bairros de Guaratiba e Recreio dos Bandeirantes fazendo parte do Maciço da Pedra Branca³⁸, na zona oeste da nossa cidade. Também é a porta de entrada para o bairro a que nos referimos como palco de nosso estudo.

Foi rota de comércio e desbravamento desde o século XVI, sendo utilizada no traslado constante de tropeiros, comerciantes e mesmo dos bandeirantes. Seus sinuosos caminhos eram arborizados e constantes as fontes de água, rios e riachos, assim como grutas e mirantes naturais que tornavam a longa jornada menos árida tanto aos homens quanto aos animais necessários ao transporte de cargas. A figura 1 mostra a vista detalhada dos morros da Serra da Grota Funda com caminhos delimitados a partir do Recreio dos Bandeirantes, passando pela Ilha de Guaratiba em direção à Vargem Grande.

³⁸ O maciço da Pedra Branca fica dentro do Parque Estadual da Pedra Branca. Localiza-se na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, entre os bairros de Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca, Camorim, Vargem Pequena, Vargem Grande, Guaratiba, Campo Grande, Santíssimo, Senador Camará, Bangu, Padre Miguel, Realengo, Taquara, Jardim Sulacap, marca o limite da baixada de Jacarepaguá com o restante da Zona Oeste. A transposição do maciço é feita pela estrada que liga o Largo de Piabas, no Recreio dos Bandeirantes, à serra da Grota Funda, em Guaratiba e também pelo Túnel da Grota Funda (Vice-Presidente da República José Alencar), inaugurado em julho de 2012. Outra transposição seria a Ligação C, via que integraria Bangu a Jacarepaguá. É a maior área da cidade coberta por floresta natural, já que a Floresta da Tijuca é, em parte, oriunda de reflorestamento. A vegetação é rica e, nela, podem ser vistos exemplares seculares de braúnas, cedros, jequitibás e uma fauna exuberante.

A região é protegida desde 1974, quando foi criado o Parque Estadual da Pedra Branca, o qual possui cerca de 12.500 hectares de área coberta por vegetação típica da Mata Atlântica. O maciço abriga o ponto mais alto da cidade do Rio de Janeiro, o Pico da Pedra Branca, com 1.025 metros de altitude. Na região de Guaratiba estão localizados diversos picos de mais baixa altitude, porém de grande relevância para a constituição do maciço. Grifo nosso.

Figura 1 - Vista geral da serra da Grota Funda e morro da Ilha



Fonte: Mapa da Trilha Transcarioca, 2017.

Figura 2 - Serra da Grota Funda



Fonte: A autora, 2019.

Figura 3 - Pontes da estrada da Grota Funda



Fonte: A autora, 2019.

Estrada antiga da Grota Funda - caminho de tropeiros. Com seu traçado em zigzague, como vemos na figura 2, oriundo dos tempos dos desbravadores foi objeto de obras no reinado de D. Pedro II (vide figura 3) que a calçou em diversos trechos, incluindo pontes e pontos de parada nos mirantes naturais. Sendo posteriormente pavimentada (1929) e convertida em uma moderna estrada de rodagem no governo de Washington Luiz³⁹, mantendo até os dias atuais seu traçado original. Aqui vale ressaltar a observação de Rebeca Lapa (1981): “Professora, seria bom que ainda hoje os banquinhos existissem como antigamente... Daria para descansar... Eu, que venho a pé para a escola pela Estrada da Grota Funda, poderia parar de vez em quando, né?”

Segundo os registros de Magalhães Corrêa⁴⁰, a obra executada no governo do prefeito Antônio Prado Júnior⁴¹ possuía no topo da encosta um grande mirante com bancos em estilo neo-colonial e um enorme painel de azulejos com um mapa de todas as estradas do Distrito Federal.

Como o topo do morro é o ponto de segmentação dos dois trechos da velha estrada, tanto o mirante como todas as obras foram destruídas nos anos 60, quando foi substituída pela nova estrada, de traçado mais suave e coberta de asfalto e betume.

Hoje a antiga estrada se encontra bastante abandonada pelo poder público, com grande quantidade de mato cobrindo suas margens, sendo utilizada sobretudo por pessoas que fazem trilhas pela região, além de poucos moradores. Mesmo a estrada mais nova, com a abertura do túnel da Grota Funda, foi também abandonada tendo seu fluxo reduzido e destinado preferencialmente ao tráfego de caminhões. Os carros e BRTs foram desviados para a Avenida das Américas a fim de encurtar o trajeto.

Sobre a importância do morro da Ilha (Figuras 4 e 5) como símbolo de identificação local FERNANDES⁴² nos diz que “o lugar representa um símbolo de afetividade, satisfação, felicidade e conagração. O caráter simbólico dos lugares estabelece conexões, decodificando o seu passado e o conectando ao presente”. Dessa forma, destacamos a importância do referido marco geográfico como um dos responsáveis pelo batismo do bairro

³⁹ Washington Luís Pereira de Sousa, foi o décimo terceiro presidente do Brasil e último presidente da chamada República Velha.

⁴⁰ CORRÊA, Armando Magalhães. O sertão carioca. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936,

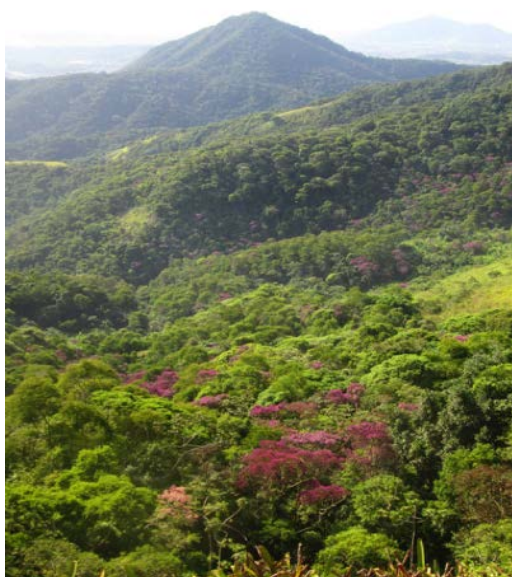
⁴¹ Antonio da Silva Prado Júnior - foi engenheiro e empresário paulista. No governo de Washington Luís foi prefeito do Distrito Federal de novembro de 1926 a outubro de 1930. grifo nosso.

⁴² FERNANDES, Marcio Luiz. Descortinando o universo simbólico d um lugar. In: Revista Perspectiva Geográfica, n. 11, v. 9, 2014.

estudado.

Sua localização estratégica, mais destacada dos seus pares na Serra Geral de Guaratiba (Serra de Grota Funda) dava aos viajantes que por ali passavam a impressão do cume de uma ilha incrustada na região de Guaratiba. Torna-se assim uma explicação plausível e melhor palatável para a localização daquela terra no século XVI.

Figura 4 - Morro da Ilha



Fonte: A autora, 2019.

Figura 5 - Morro da Ilha e Caminho da Grota Funda



Fonte: A autora, 2019.

Vemos que a toponímia, sobretudo em localidades antigas exercem um forte papel na sua nomenclatura, haja vista quantas localidades têm seus nomes baseados na observação da natureza e seus acidentes geográficos, independentemente da ação ou interferência humana sobre os mesmos. Como exemplos temos a própria Barra de Guaratiba, Restinga da

Marambaia ou o Morro Cavado.

Ainda há aqueles cujos nomes remetem a acontecimentos célebres ou mesmo corriqueiros como no caso do “Caminho do Morgado”, simbolizando o estado físico em que ficavam aqueles que se aventuravam por aquelas paragens, famosas por acolherem antigos engenhos e seus respectivos alambiques.

Outras origens foram relatadas para o nome da localidade, como a que atribui a “um tal Willian, dono de um sítio em Guaratiba, o responsável pela origem do nome do lugar chamado Ilha”. Tal afirmação apesar de bem difundida inclusive por artigos de jornais (Segundo Caderno - o Globo, por exemplo) que, vez ou outra, numa reportagem sobre o polo gastronômico ou as belezas naturais que lá existem faz referência ao local dando essa explicação como única para a origem do seu nome.

A citada explicação nos causa inquietação por seu forte caráter discriminatório. Ao afirmar que o nome da localidade tem sua origem na corruptela do nome Willian dada a ignorância dos habitantes da região, relega-se os mesmos à categoria de incultos, incapazes de pronunciar o nome de um forasteiro.

Sabendo que os primeiros habitantes eram indígenas, seguidos de portugueses devidamente instruídos para lutar e fazer comércio acompanhados que foram de religiosos que por sua vez também possuíam instrução, assumir tal colocação era bastante custoso e um tanto dolorido.

Debruçamo-nos então a pesquisar mais profundamente, tendo o objetivo de resgatar uma possibilidade de origem mais plausível, pautada em vestígios comprováveis afastados da fábula, que não deprecie, mas empodere os orgulhosos guaratibanos acerca deste que se considera como primeiro patrimônio, o nome.

Depois de muito refletir, e pela falta de fontes que comprovem a existência deste fabuloso senhor, resolvemos pautar nossa avaliação sobre a toponímia explicada por Fernandes já que esta até hoje pode testemunhar o nascimento do bairro por sua presença perene e indiscutivelmente comprovável na paisagem exuberante.

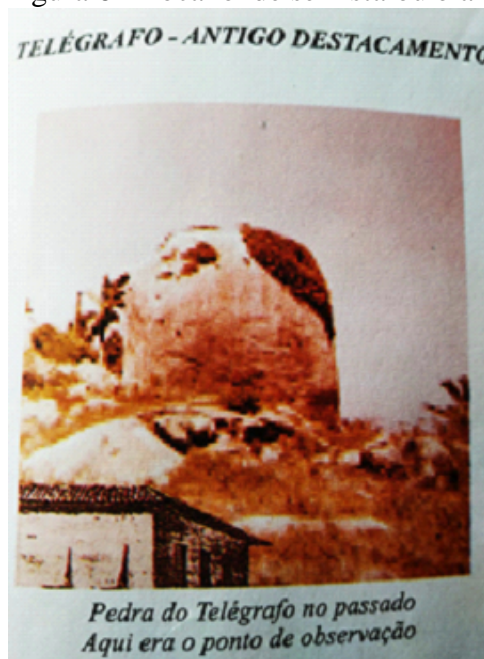
Em discussão sobre a origem do nome do lugar ainda há quem se incline a favor da narrativa fabulosa, sobretudo os professores que não são oriundos de Guaratiba e assim se declaram pelo caráter romântico (segundo eles) da narrativa.

3.2.2 Pedra do Telégrafo e a confusão da bigorna

A Pedra do Telégrafo, um atrativo natural que se encontra em Barra de Guaratiba, está situada a 354 metros de altura e serviu de base para um destacamento militar de monitoramento (Figura 6) da costa que funcionou lá durante a Segunda Guerra Mundial (1943-1945).

Como a visão do alto era privilegiada, o vigia de guarda que avistasse qualquer invasão proveniente da baía poderia através do rádio avisar aos militares presentes no quartel - Campo de Provas da Marambaia - que se utilizariam do telégrafo, instrumento bastante avançado na época, sobretudo em uma região bastante remota para avisar as autoridades competentes superiores, procedendo a seguir a retaliação adequada.

Figura 6 - Local onde se instalou o antigo destacamento



Fonte: DeniZe, 2008.

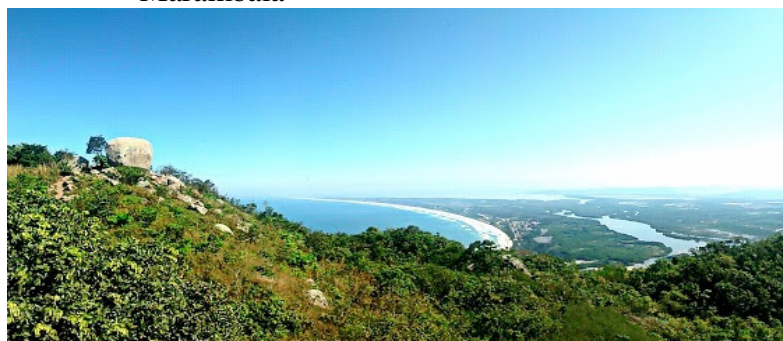
Uma bandeira do Brasil marca a Pedra do Telégrafo, que fica poucos metros acima da mais famosa e muito confundida com ela, a chamada Pedra da Bigorna (Figura 7). Esta outra é ponto de parada de turistas pois possui uma peculiaridade: uma foto bem angulada retirada nela, além de garantir uma lembrança magnífica da região, garante a ilusão de que o modelo está caindo em um precipício. Pelo inusitado do feito, a Pedra do Telégrafo (Figura 8) acaba sendo relegada a um segundo plano pela maioria dos visitantes, apesar de ser o verdadeiro marco patrimonial daquele local.

A referida pedra se localiza no lado sul do Parque Estadual da Pedra Branca, que é uma unidade de conservação ambiental situada na zona oeste do Rio de Janeiro e ainda hoje é muito visitada por turistas em busca de uma bela vista das chamadas praias selvagens: Praia do Perigoso, Praia dos Búzios, Praia do Meio, Praia Funda, Praia do Inferno e Grumari.

Figura 7 - Pedra da Bigorna



Figura 8 - Pedra do Telégrafo vista da Barra de Guaratiba e restinga da Marambaia



Fonte: A autora, 2007.

3.2.3 Baía de Guaratiba ou Praia Grande

Olhando a praia da barra de Guaratiba, não fazemos ideia do quanto a história da formação do Rio de Janeiro passou por lá, puxada por aqueles que se aventuravam no Novo Mundo a partir do século XVI. Dentre tantos destacamos aqueles que se empenharam em lutar contra os índios na implantação da capitania de São Vicente ao lado de Martim Afonso de Souza.

A calma e segura enseada guaratibana, como retratada na poesia, funcionou como uma

verdadeira porta de entrada para todos aqueles que se aventuravam adentrar o sertão carioca tomando posse das terras doadas por El Rei ou mesmo para os que vislumbravam dominar e saquear o território livrando-se da fortificada baía da Guanabara, como foi o caso da invasão francesa cuja empresa foi efetuada pelo corsário Duclerc em 1710, do qual falaremos mais adiante, provando que a pirataria era uma atividade que não se restringia apenas aqueles exemplificados nas produções cinematográficas ocorridas no mar do Caribe e que tanto encantam nossas crianças e jovens.

A origem do território do Rio de Janeiro dependeu da espoliação das terras dos nativos, dos religiosos e das propriedades públicas, da escravidão tanto de índios como de negros africanos, da exploração de trabalhadores livres e de uma política de colonização executada pela metrópole portuguesa e incorporada posteriormente pelas elites nacionais..

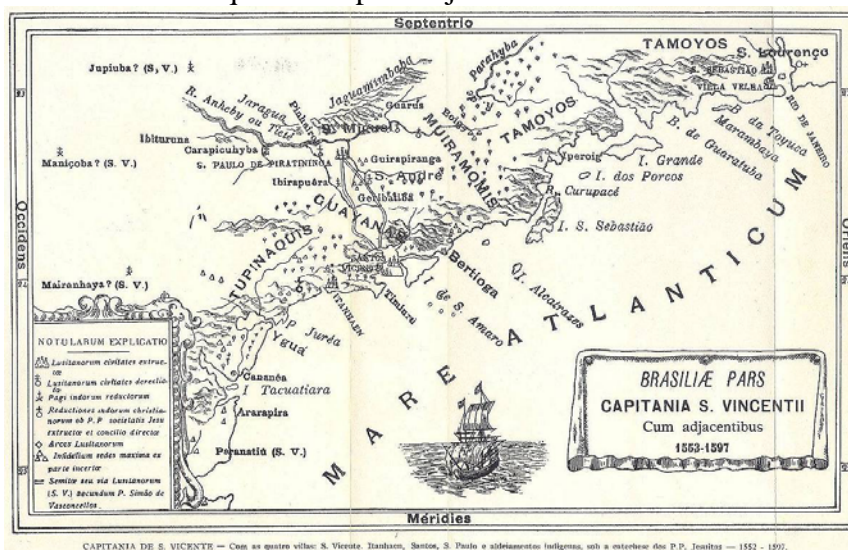
A apropriação da terra brasileira pelos portugueses a partir de 1534 remeteu-se à tradição medieval de sesmaria através das donatarias e capitanias hereditárias.

O solo era distribuído gratuitamente somente àqueles cristãos que possuíssem condições de utilizá-lo e de pagar o dízimo ou as ordens religiosas, ou aos amigos do Rei ou a funcionários da Câmara, conforme rezasse a carata de doação.

Nos registros pertencentes a matriz de São Salvador do Mundo da Freguesia de Guaratiba, constatamos que a região da Guaratiba começou a ser habitada pelos portugueses (pois os índios tupinambás já se faziam presentes muitos anos antes!) a partir de março de 1579, quando Manoel Velloso Espinha, morador da Vila dos Santos (vide mapa na figura 9)⁴³, que lutou ao lado de Estácio de Sá contra os índios tamoios, quando da fundação da cidade do Rio de Janeiro, requereu à Coroa portuguesa a doação de uma sesmaria, o que lhe foi concedido.

⁴³ Este mapa aparece, em versão melhorada, na obra *Capitanias Paulistas*, de Benedicto Calixto (S.Paulo, segunda edição, 1927). p XVI e XVII.

Figura 9 - CAPITANIA DE S. VICENTE - Com as quatro vilas S. Vicente, Itanhaém, Santos, S. Paulo e aldeamentos indígenas, sob a catequese dos padres jesuítas - 1532-1597



Fonte: CALIXTO, Benedito.

Recebeu então, de Pero Lopes de Souza, as “*terras compreendidas entre a barra de um rio conhecido como Guandu*”⁴⁴, correndo pela costa ao longo da praia para a banda do leste, cumprindo três léguas e para o sertão seis e assim mais uma ilha que estava entre Mangaratiba e Hitinga por nome Aratuquacima com todas as águas, entradas e saídas”⁴⁵.

Embora tais terras tivessem sido confirmadas em 2 de janeiro de 1580 por Salvador Corrêa de Sá, as mesmas já haviam sido dadas em sesmaria ao Sr. Cristóvão Monteiro⁴⁶ vinte e três anos antes, em 16 de janeiro de 1557. Mas nas cartas recebidas por Manoel Velloso Espinha já se previa tal problema e a inscrição dizia que: “se tais terras estivessem dadas, poderia correr para diante”. Dessa forma, tomou ele a posse das terras entre a Ilha de

⁴⁴ A bacia do rio Guandu abrange uma área de cerca de 190 Km². O rio Guandu-Mirim nasce na Serra do Medanha, com nome de Guandu-do-Sena, que é formado por várias nascentes. Logo em seguida, troca de nome para rio da Prata do Medanha até a confluência com o rio Sapê, quando passa a se chamar Guandu-Mirim. Suas águas ingressam no canal D. Pedro II e, posteriormente, no Canal do São Francisco, onde deságua na Baía de Sepetiba. Seus principais afluentes são os rios Guandu do Sapê, Cabenga, dos Cachorros e Campinho. O atual canal D. Pedro-Guandu representa o desvio do antigo curso do rio Guandu-Mirim, cujo leito marcava a divisa entre os antigos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, que se esgotava através do Canal de São Francisco. Com esta modificação, enquanto o rio Guandu-Mirim marca a divisa entre as cidades de Nova Iguaçu e Rio de Janeiro, o antigo leito, hoje seco, permanece como marco político de limites entre os municípios. Fonte:rio-guandu-mirim.php

⁴⁵ Boletim Carioca de Geografia, 1970 p 58.

⁴⁶ Capitão-mor Cristóvão Monteiro, estabelecido a princípio na Capitania de São Vicente, recebeu por ordem Martim Afonso de Sousa em janeiro de 1567, a doação da vasta região da baixada de Santa Cruz e montanhas vizinhas como recompensa aos serviços prestados durante a expedição militar que expulsou definitivamente os franceses da Guanabara.

Guaraqueçaba (figuras 10 e 11)⁴⁷ e a Barra de Guaratiba, bem como o sertão guaratibano. Do lado oeste ficaram então as terras da sesmaria de Cristóvão Monteiro, mais tarde denominadas de fazendas do Piaí e Santa Cruz.

Figura 10 - Ilha de Guaraqueçaba - vista da Pedra de Guaratiba



Fonte: GuarAntiga, 2020.

Figura 11 - Ilha de Guaraqueçaba e marco de sesmaria (detalhe)



Fonte: GuarAntiga, 2020.

O referido cidadão justificou o seu pedido de doação, alegando ter usado *um navio de sua propriedade, e a sua custa, com sua gente, mais escravos, com muita despesa, auxiliando a colonização portuguesa* quando da implantação das feitorias em Cabo Frio, além de ter contribuído para a derrota dos Tamoios ao lado de Estácio de Sá, no período de 1554 a 1567.

A doação foi concedida, sob a exigência de que o donatário povoasse as terras dentro de um prazo máximo de três anos, com seus herdeiros, ascendentes e descendentes, sem tributo algum, a não ser dízimo devido a Deus e pago à igreja. Dá-se então a mudança em definitivo de Manoel Velloso Espinha e sua esposa, a Dona Jerônima Cubas (esta que era

⁴⁷ Localizada próxima ao litoral de Pedra de Guaratiba entre as localidades da Ponta Grossa e A.P.A da Brisa. Esta pequena ilha desempenhou importante papel durante o período colonial brasileiro. Possui um marco histórico que data do séc.XVI e sua função era delimitar as fazendas dos Jesuítas à Oeste e dos Carmelitas à Leste. Seu nome, Guaraqueçaba é um vocábulo tupi que significa: lugar de dormir dos guarás, através da junção dos termos agwa'rá (guará), ker (dormir) e aba (lugar). Grifo nosso.

filha ilegítima de Brás Cubas, capitão-mor de São Vicente fonte inspiradora para o personagem homônimo do escritor Machado de Assis: Memórias póstumas de Brás Cubas) a fim de tomar posse de suas terras e fazer valer o contrato de sesmaria.

Tiveram dois filhos: Manoel Velloso Espinha Filho e Jerônimo Velloso Cubas. Prosperaram, tornando-se grandes proprietários de terras, escravos, engenhos de açúcar e aguardente, criação de bois e cavalos, além de plantação de mandioca, milho e legumes.

Com a morte do pai, as terras da Freguesia de Guaratiba foram divididas entre os herdeiros ficando Jerônimo com a parte norte (hoje Pedra e Sepetiba fazendo fronteira com as terras de Santa Cruz) e Manoel com a parte leste (Barra, Ilha e Campo Grande), tendo o rio Piraquê como marco divisório.

Jerônimo Velloso Cubas, casado com Beatriz Álvares Gago, não tendo herdeiros, pela lei foi forçado a doar sua parte à província Carmelitana Fluminense, uma congregação religiosa de frades da Ordem do Carmo (vide figura 12), o que foi feito em 27 de julho de 1629. A congregação carmelitana de posse religiosa das terras, fez construir diversas benfeitorias entre as quais, igreja, noviciato e um engenho, aproveitando também as construções já existentes. Tais construções continuam de pé até os dias atuais. A igreja manteve sua função inalterada. Tendo por padroeiro São Pedro, ainda sedia grandes festejos em honra do padroeiro. As instalações do convento foram convertidas em escola na década de 1930 e a sede do engenho em propriedade particular e hoje em dia funciona em seu interior um abrigo evangélico.

Figura 12 - Convento do Carmo em Pedra de Guaratiba



Fonte: GuarAntiga, 2020.

3.2.4 Guará - Eudocimus ruber - a nossa íbis escarlate

Com um movimento uma garça,
Bateu asas e foi voar
E o índio em Tupi,
Apontando exclamou: Guará!
A garça serenando,
Junto a outras foi pousar.

Outros índios admirando,
Rodando em volta do cetiro,
Gritavam: Tiba, Tiba,
Usando o seu dialeto,
Mostrando pra quem chegou
O pássaro predileto.

Poema Guaratiba - fragmento.

Ave típica da região (vide figura 13), muito abundante nos séculos XVI a XVIII, quando começou a desaparecer devido a caça em virtude das cores de sua plumagem. É uma ave pelicaniforme (espécie de pelicano) da família *Threskiornithidae* (que inclui a caraúna, o colhereiro e a íbis). Também conhecida como íbis-escarlate, guará-vermelho, guará-rubro, guará-piranga, garça-vermelha e íbis vermelha, tem como habitat as áreas de manguezais, onde se alimentam e fazem seus ninhos.

Figura 13 - Guará em pleno voo



Fonte: Internet, 2020.

Citado pelo aventureiro alemão Hans Staden nos idos de 1554, o bichinho, tornou-se vítima de sua própria beleza. Era freqüentemente caçado, primeiro pelos indígenas e, mais tarde, pelos colonizadores, que também viram no animal uma fonte de lucro. Na Europa, a última moda era usar chapéus adornados com plumas de aves exóticas. E o guará, com suas penas cor escarlate, tornou-se alvo preferido de caçadores.

Alimenta-se de pequenos moluscos e do caranguejo chama-maré (*Uca Leach*), sua iguaria predileta e o maraquani. Por ser um alimento rico em cantaxantina, é o responsável

pela coloração vermelha de sua plumagem.

Costumam voar em bandos e formam seus ninhos na vegetação densa do manguezal, alcançando em torno de 58 centímetros de comprimento. Originalmente, suas populações ocorriam entre o Amapá e Piauí e entre o Rio de Janeiro e Santa Catarina. Hoje, no entanto, são encontrados, sobretudo, nos Estados do Amapá, Pará, Maranhão, Piauí e São Paulo (em Cubatão, que por seu trabalho de recuperação de manguezais foi o responsável pela retirada deste animal da lista de animais em extinção no ano de 2019).

Em Guaratiba, iniciativas como a do ativista ambiental e ator Victor Augusto Duarte Fasano⁴⁸ que desde a década de 1980 luta ativamente pela preservação de espécies ameaçadas de extinção, desenvolveu no sítio Tropicus a criação de guarás e jacutingas, dentre outras visando sua reintrodução no ambiente natural. Seu engajamento foi de grande importância para o aumento das populações dessas aves tendo contribuído para a volta do guará na paisagem guaratibana.

No sítio Tropicus também se desenvolveu atividades de conscientização ambiental com a visita de alunos das escolas da região a fim de suscitar nas crianças e adolescentes a consciência ambiental a fim de garantir a qualidade do meio ambiente, pois, como disse o próprio Fasano em entrevista a jornalista Luciana Tierno da Revista Viverde em dezembro de 2009⁴⁹:

“essa agonia de que as espécies que eu convivi tão proximamente passariam a não existir mais, me fez tomar à frente do criadouro, Trópicos na época, e criar animais ameaçados de extinção, em cativeiro para reintrodução na natureza. E hoje é um dilema terrível, porque muitas dessas espécies não têm para onde voltar, porque seu habitat já está destruído. Então, você salvou a espécie, mas não tem como restituí-la na natureza. O mais importante de tudo é a gente preservar o habitat de qualquer forma pra que as espécies possam sobreviver.”

O trabalho desenvolvido no sítio rendeu variados frutos (ou melhor, ovos!), conseguindo com sucesso levar a termo a reprodução da Harpia (*Harpia harpyja*) em cativeiro no ano de 2014, o que pode ser testemunhado por alunos da região que lá estiveram em visita para ver o filhotinho da imponente águia.

⁴⁸ Por suas atividades em defesa do Meio Ambiente, o ambientalista Victor Fasano foi nomeado para assumir a Secretaria Extraordinária de Defesa dos Animais da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2005 pelo prefeito Cesar Maia - grifo nosso.

⁴⁹ Entrevista concedida a jornalista Luciana Tierno para a Revista Viverde Natureza, páginas 6-8.

3.2.5 Sítio arqueológico do Zé Espinho e o guaratibano mais antigo

"O primeiro sulco aberto na terra pelo homem selvagem foi o primeiro ato de civilização." (LAMARTINE)

Sempre se atrelou a ocupação da região de Guaratiba à chegada dos portugueses a partir de 1579. Porém tal informação é facilmente contestada dada a existência de sambaquis com a descoberta de ossadas humanas datadas de aproximadamente 2000 anos AP⁵⁰.

Tais registros foram feitos por arqueólogos que pesquisaram os sambaquis região desde os anos 70 e os artefatos descobertos assim como o resultado das pesquisas realizadas encontram-se no acervo do Museu Nacional e na biblioteca da UFRJ, respectivamente.

Mas afinal, o que entendemos por Sambaqui?

Sambaqui é uma palavra de origem indígena, cuja etimologia remonta a dois elementos da língua tupi: "tamba", que quer dizer moluscos, e "ki" que significa amontado ou depósito. Sendo assim, sambaquis são empilhamentos de materiais orgânicos constituídos basicamente de conchas de moluscos e carapaças de crustáceos, ossos e artefatos de madeira tendo sido formados por povos que habitaram, sobretudo, o litoral do Atlântico entre cinco e sete mil anos atrás.

De uso corrente nos trabalhos científicos nacionais e internacionais, recebendo conforme sua localização, denominações diversas: concheiros, casqueiros, berbireiros, ostreiras e sarnambis (KNEIP: 1970 & 1971)⁵¹. Os estudos científicos sobre eles no Brasil só foram iniciados depois de 1950, tornando-se cada vez mais importantes na medida em que se foi confirmando a existência, nessas áreas, de preciosas informações sobre o passado cultural de populações que viveram em épocas muito anteriores ao descobrimento.

Os sítios são caracterizados basicamente por serem uma elevação de forma arredondada que, em algumas regiões do Brasil, chega a ter mais de 30 metros de altura, alguns têm 400 metros de extensão, (embora sítios do Rio de Janeiro sejam muito menores não ultrapassando os cinco metros de altura). Na região aqui estudada podemos comprovar a existência dessas formações, analisando a sua estrutura a partir da definição de GASPAR:

⁵⁰ AP - Antes do Presente - grifo nosso.

⁵¹ KNEIP, L. M. & PALLESTRINI, L., *Arqueologia:estratigrafia, cronologia e estruturas do Sambaqui Zé Espinho*. In: *Coletores e Pescadores Pré-históricos de Guaratiba Rio de Janeiro* (L. M. Kneip, org.), pp. 89-141, : Editora UFRJ/ Eduff. Rio de Janeiro/Niterói.1987.

2000:⁵²

São construídos basicamente com restos faunísticos como conchas, ossos de peixes e mamíferos, ocorrem também frutos e sementes, sendo que determinadas áreas dos sítios foram espaços dedicados ao ritual funerário e lá foram sepultados homens, mulheres e crianças de diferentes idades, apresentando o modo de vida dos pescadores, coletores e caçadores que ocupavam o litoral brasileiro.

O IAB - Instituto de Arqueologia Brasileira desde a década de 1960 apoiou as pesquisas na região guaratibana. No campo da Pré-História, inaugurou o primeiro ano de pesquisas - 1965 e 1966 - do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA - Iphan/CNPq/Smithsonian Institution), realizando escavações e estudos nos sítios arqueológicos do Apicum de Guaratiba (vide figuras 14, 15 e 16), Recreio dos Bandeirantes, Ilha do Governador e da restinga de Sernambetiba.

Figura 14 - Planície de Guaratiba (RJ) e localização do sambaqui Zé Espinho



Fonte: A autora, 2018.

⁵² GASPAR, M. D., *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro. 2000.

Figura 15 - Apicuns - planícies secas e hiper salinizadas por causa das enchentes e vazantes que ocorrem no meio do Estuário



Fonte: A autora, 2019.

Figura 16 - Sambaqui Zé do Espinho em 2019



Fonte: A autora, 2019.

O Sambaqui Zé Espinho é um dos 15 sítios arqueológicos localizados na bacia do Rio Piracão, na Planície de Maré de Guaratiba (FERREIRA & OLIVEIRA, 1987; KNEIP, 1987)⁵³, dentre os 23 da Apicum de Guaratiba. Cinco pequenas elevações formam esse sítio, denominadas “sambaquis” A, B, C, D e E. Pesquisado inicialmente na década de 1960, o Sambaqui Zé Espinho sofreu novas intervenções arqueológicas na década de 80, onde foram escavados os “sambaquis” A e D e delimitou-se a primeira camada do sambaqui C (figura 17). A partir destas escavações, constitui-se a coleção esquelética deste sítio (figura 18), com a maioria de seus remanescentes recuperados nos sambaquis A e D e apenas um indivíduo no

⁵³ FERREIRA, A. M. M. & OLIVEIRA, M. V. Contribuição ao estudo arqueo geológico do Quaternário Superior da Baixada de Guaratiba-Setpetiba. In: Coletores e Pescadores Pré-históricos de Guaratiba Rio de Janeiro (L. M. Kneip, org.), pp. 29-46.

sambaqui C (figura 19) (KNEIP & PALLESTRINI, 1987).

Em março de 2018 foi feita a reconstrução digital da face de um homem que viveu em terras cariocas há cerca de dois mil anos por pesquisadores do Setor de Antropologia Biológica do Museu Nacional (MN) da UFRJ e da Faculdade de Medicina e Odontologia São Leopoldo Mandic.

O trabalho foi realizado a partir de um esqueleto em bom estado de preservação encontrado pela pesquisadora Lina Maria Kneip⁵⁴ arqueóloga do Museu, na década de 1980, em escavações no sítio Sambaqui Zé do Espinho, proporcionando-nos o conhecimento de como seriam as feições do mais antigo morador guaratibano, que até então repousava incógnito no acervo do Museu Nacional a espera de que alguém pudesse, algum dia, desvendar a sua face.

O indivíduo, teve sua idade estimada em 38 anos e media entre 1,40 e 1,50m tendo vivido por volta de 2000 anos atrás. Foi chamado Ernesto em homenagem a um dos primeiros pesquisadores e estudioso de paleopatologia de povos brasileiros antigos, o odontólogo Ernesto de Salles Cunha (1907-1977).

Figura 17 - Escavações no sítio Zé Espinho em 1980



⁵⁴ Arqueóloga e professora do Museu Nacional/UFRJ, Lina Ma. Kneip, expoente na Arqueologia Brasileira, foi a pioneira no estudo dos sítios arqueológicos localizados no Município de Saquarema, tendo atuado nas pesquisas de diversos outros sítios arqueológicos brasileiros, dentre eles o Zé do Espinho. Grifo nosso

Figura 18 - Esqueletos escavados



Fonte: Kneip, 1980.

Figura 19 - “Ernesto”



Fonte: Kneip, 1980.

O trabalho em torno de “Ernesto” não se extinguiu com a reconstituição de seu rosto apenas pois dava para aprender mais com este que seria considerado o mais velho entre os cariocas. Ávidos por mais informações, os pesquisadores do Museu Nacional também realizaram um extenso estudo da chamada osteo biografia de seu esqueleto, levantando dados sobre possíveis doenças que afetavam o indivíduo, as atividades físicas por ele desenvolvidas e outras informações sobre seu modo de vida que deixaram pistas marcadas em seus ossos.

Além da idade e estatura, os cientistas observaram, por exemplo, que seus dentes não tinham cáries mas apresentavam um grande desgaste, numa indicação de que tinha uma dieta rica em proteínas, mas pobre em carboidratos. Com a enorme quantidade de moluscos presentes no sambaqui (figura 20) verificava-se a diversidade alimentar da região.⁵⁵

⁵⁵ Hábito frequente dos habitantes da região, o consumo de crustáceos até hoje recorrente contribui para sua boa constituição óssea e dentária. Grifo nosso.

Figura 20 - Goiamum - *Cardisoma guanhumi* - exemplo de alimentação do homem primitivo, presente até hoje nos manguezais da região



Fonte: A autora, 2012.

Seu esqueleto também não tinha marcas de violência, o que indica ausência de conflitos, e, indícios de artrose na coluna vertebral e membros superiores indicam uma atividade física mais intensa com os braços e a parte superior do corpo, talvez por frequentemente remar por ter vivido em uma região de mangues.

O processo teve início com a réplica virtual do crânio, feita a partir de um conjunto que contou com mais de 80 fotografias processadas por meio de programas de computador. Depois, estruturas anatômicas foram modeladas virtualmente sobre o crânio digitalizado (figura 21) e, por fim, recobertas com uma camada de pele e detalhes de acabamento, como marcas de expressão e cabelos (figura 22).

Após o término deste valioso trabalho pudemos ver o resultado como ilustrado abaixo (vide figura 23). Ao ver tal transformação os alunos se encantaram e eu pude ouvir exclamações como: “Mas ele era bonito, professora!” O que mais uma vez nos leva a reflexão da importância da narrativa no processo educativo.

Ao verem apenas fotografias de crânios e artefatos encontrados nas pesquisas arqueológicas os alunos não faziam com facilidade o vínculo com a vida que aquele indivíduo e seus pares tiveram, bem como a importância do seu pioneirismo na ocupação da localidade estudada e por eles conhecida.

Dar um rosto para esses povos levando as pessoas a refletir sobre a importância da preservação de sítios arqueológicos como estes pensando serem as únicas fontes de informações que temos sobre estas populações, já que elas sumiram antes de os portugueses chegarem aqui e não existem registros escritos ou arquitetônicos delas além dos próprios sambaquis, pode fazer a diferença na criação de sentido do fazer escolar.

A relação com o objeto muda após o conhecimento mais aprimorado. Mudando a

forma de olhar, educando o seu modo de ver o ambiente e os objetos a sua volta, o aluno percebe a proximidade do conhecimento e a importância da História. Uma simples caveira não costuma ser tão simpática para as pessoas, mas um rosto já gera empatia, tanto que nossos alunos o renomearam de Zé do Espinho, evitando a nomeação anterior. Justificaram tal atitude dizendo que “Zé” era um nome bem comum na região e “Ernesto” não combinava com ele. Daí passaram a representá-lo com desenhos de diferentes formas, “adotando -o” como mostramos abaixo.

Figuras 21 - Fases da reconstrução digital do crânio encontrado

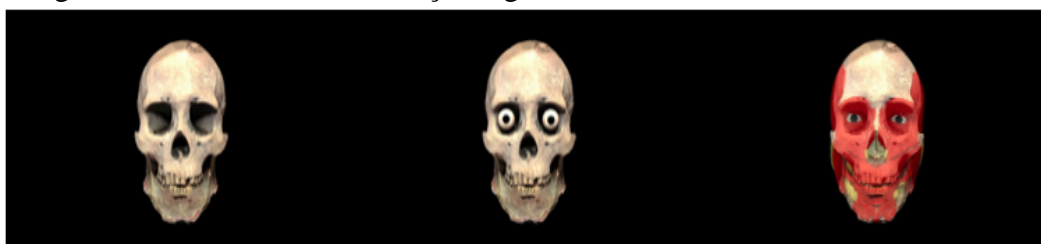


Figura 22 - Fases da reconstrução digital do crânio encontrado



Figura 23 - Resultado final



Figura 24 - Reprodução do Zé do Espinho pela aluna Maria Fernanda (1901)



Fonte: Rodas de Conversa desenvolvidas em 2019.

3.2.6 Capela de Santo Antônio da Bica

"Quem não pode fazer grandes coisas, faça ao menos o que estiver na medida de suas forças; certamente não ficará sem recompensa". (PÁDUA).

Trata-se de uma pequena ermida dedicada a Santo Antônio que foi erguida entre 1680 e 1690, junto à sede da fazenda da Bica, pelo capitão-mor Belchior da Fonseca Dória. Este atuou como Alferes da Companhia de Infantaria da Ordenança da Capitania de Sergipe del Rei, lutando contra a invasão holandesa no Nordeste. Conforme consta na série de Documentos Históricos - Patentes e Provisões 1668-1677 da Bibliotheca Nacional onde se lê na página 50 o assentamento⁵⁶

ALVARÁ DO POSTO DE ALFERES da Companhia de Infantaria da Ordenança da Capitania de Sergipe del-Rei, de que é Capitão Balthazar da Fonseca Saraiva, na pessoa de Belchior da Fonseca Doria.

Posteriormente se estabeleceu junto com sua esposa, Catarina Veloso, no Rio de Janeiro, na região de Guaratiba, no sítio denominado Fazenda da Bica, que era assim chamada

⁵⁶ Registro constante a fls 50 da série de Documentos Históricos da Bibliotheca Nacional em seu vol XII de 1929.

devido à farta presença de mananciais (as bicas) que abasteciam os moradores da região.

Com a expedição empreendida pelo corsário francês Jean François Duclerc, em 1710, contra a possessão dos portugueses em terras brasileiras, Guaratiba surge mais uma vez na história do Brasil. Quando a tropa de Duclerc composta por seis navios e uma tripulação com cerca de oitocentos homens foi surpreendida pela artilharia da Fortaleza de Santa Cruz, na baía da Guanabara, em 16 de agosto de 1710, se viu forçado a seguir adiante em busca de um local mais propício ao desembarque para então dar continuidade a sua empresa.

Neste ponto, voltamos a ver a participação dos alunos que, inspirados com a narrativa exclamavam como fez Kaique Heleno (1901): Ué, quer dizer que os piratas existiram de verdade no Brasil? Pra mim era coisa que só rolava no Caribe! E arrancou risos de todos. E a prosa continua.

O destemido corsário rumou em direção à Ilha Grande, saqueando-a, bem como a região de Angra dos Reis e Ilha da Madeira. Na volta aporta, no dia 11 de setembro na enseada de Guaratiba na Praia Grande.

Sua estratégia era marchar através do interior e pelo mato, utilizando a rota do sertão, cruzando Vargem Grande, Jacarepaguá, Grajaú e Tijuca, atingindo, após oito dias de caminhada, num assalto surpresa a sede do governo.

Nesse momento, vale registrar a admiração dos alunos ao ouvir nomes de localidades conhecidas, percebendo a proximidade das mesmas com o entorno guaratibano. Aqui podemos verificar a ampliação da percepção do território e o reconhecimento do mesmo como palco de um acontecimento histórico referendado nos livros didáticos mas, muitas vezes, desalojado do contexto territorial. E aqui é a vez de Kawane Sobreiro (1901) tecer suas considerações: Nunca pensei que desse pra chegar no centro da cidade a partir daqui! A gente acha que tá sempre tão longe de tudo!

E seguimos na narrativa dos fatos, sem perder o rumo da prosa, contando a balbúrdia produzida pelos invasores que em seu caminho, queimaram e saquearam sítios e fazendas, entre eles Santo Antônio, que teve sua capela destruída pelo fogo atado pelo saqueadores franceses. Apesar da luta travada a fúria dos corsários não pode ser contida pelos colonos e o prejuízo foi considerável.

Após a saída dos invasores o Sr. Doria mandou reconstruir o templo, cuja fachada permanece inalterada, tendo sobrevivido ao ataque. Quanto às suas características arquitetônicas, trata-se de uma capela de nave única, com sua fachada composta por um retângulo rematado por tímpano triangular, muito comum nas capelas seiscentistas, inspiradas na igreja de São Roque de Lisboa.

Seu interior é de ornamentação humilde, onde destaca-se o ornamentado e colorido altar-mor onde figura a imagem do padroeiro, disposto em nível mais baixo que a nave principal, possuindo igual forro em gamela. Como era comum nas igrejas do mesmo período, suas janelas são feitas em madeira sem a utilização de vidro. Desta maneira até hoje permanecem completamente abertas durante os ofícios. para a garantia da iluminação e arejamento necessários.

Do final do século XVII até a compra da área por Roberto Burle Marx, em sociedade com seu irmão Siegfried, em 1949, não se tem muitas informações sobre o local e o que aconteceu com a propriedade, apenas o seu estado de degradação foi comprovado pelo artista que se empenhou em reconstruir após sua aquisição.

A Capela foi mais uma vez restaurada, a pedido de Burle Marx e agora com a assessoria de Lúcio Costa e Carlos Leão, nos anos 1970 sendo resantificada e entregue à comunidade local, voltando a ser espaço de cerimônias e ofícios religiosos. Funcionou regularmente e no mês de junho ocorrem as missas e procissões em homenagem ao santo padroeiro, fazendo a alegria das moças casadoiras da região, que se valiam da fé ao patrono para desposar.

Ao analisarmos este item elencado em nossa pesquisa, não faltaram relatos de parentes (tias, primas, avós) que se casaram na referida capela. Também na foram poucas as que se referiam a narrativa da invasão corsária, ou em uma linguagem contemporânea e consonante aos programas assistidos pelos jovens, invasão pirata. Tais narrativas ampliaram a conversa com a pergunta feita por Julia Vieira (1901): Professora, porquê a senhora fala “corsário” e nao “pirata”? Tem diferença? Ao que seguiram as perguntas de Kawane Sobreiro e Maria Clara (1901) respectivamente: Eles matavam as pessoas que encontravam? e O fogo ateadado na igreja se espalhou pelo morro? Como conseguiram apagar? Conseguiram dominar a cidade como queriam? Não tinha polícia para ajudar naquela época?

Muitas eram as questões, que demonstram o interesse dos alunos fazendo extrapolar inclusive o tema para além do proposto no início da reunião. Seguimos na acalorada discussão, alcançando as respostas que pudessem sanar a curiosidade demonstrada e seguimos em frente.

Figura 25 - A capela de Santo Antônio da Bica



Fonte: A autora - arquivo pessoal, 2016.

3.2.7 Museu Casa de Roberto Burle Marx

O importante é saber que a vida é uma figura com milhares de faces. (Marx)

Para falar da casa precisamos conhecer um pouco o seu dono. Roberto Burle Marx teve uma carreira profissional diversificada e bem sucedida, tendo, no entanto, o paisagismo como a sua atividade profissional mais conhecida. Contudo, também foi um importante pintor, além de cenógrafo, decorador, litógrafo, escultor, ceramista, tapeceiro, designer de jóias, desenhista e cantor lírico.

Apaixonado pela vida e pela natureza, incentivado pela família, herdou da mãe, Cecília Burle, o gosto pela música. Do pai, Wilhelm Marx, o encorajamento que despertou o interesse desenfreado pela pintura. Da tia, Evangelina, esta que seria a primeira da sua vasta

coleção de plantas que mais tarde o tornaria um paisagista mundialmente conhecido.

Figura 26 - Roberto Burle Marx em família



Fonte: Arteblog, 2016.

Nasceu a quatro de agosto de 1909, em São Paulo, quando sua família (figura 26) se mudou de Recife. Quando os negócios começaram a ir mal em São Paulo, seu pai resolveu mudar-se para o Rio de Janeiro em 1913, quando o pequeno Roberto alcançava seus quatro anos. A família viveu um tempo em casa de familiares e, quando a nova empresa de exportação e importação de couros de Wilhelm Marx começou a ter resultados positivos, finalmente se mudaram para um casarão no Leme. Nesse casarão, Burle Marx, então com 8 anos, começou a sua própria coleção de plantas e a cultivar suas mudas a partir da *Alocacia cupera*, também conhecida como “orelha de elefante”, presente de sua tia.

Foi a partir do jardim da família que ele iniciou seu primeiro negócio: uma empresa de venda de flores. Em meados de 1920 teve que se desfazer do negócio pois problemas de saúde relacionados a sua visão o levaram a Europa em busca de tratamento e lá permanecem por cerca de dois anos dividindo sua permanência entre a Alemanha e a Suíça. Na viagem para a Alemanha, em 1928, Burle Marx tem a oportunidade de conhecer as obras de Van Gogh e Picasso e faz um curso de desenho na Escola de Degner Klemm, que se torna essencial para a sua carreira como pintor (FLEMING, 1996)⁵⁷.

[...] ele foi [...] a uma exposição na Galeria Flechstein, onde pela primeira vez viu obras de Picasso – do período Rosa - de Paul Klee e de Matisse. “Foi um grande

⁵⁷ FLEMING, Laurence. Roberto Burle Marx: um retrato. Rio de Janeiro: Editora Index, 1996. p.34.

choque. Tão brutal. Não consegui esquecer”. A mulher da galeria garantiu-lhe que algum dia ele entenderia. “Sofri uma paralisia, um indigesto. Levei muito tempo para assimilar”. A mulher da galeria tinha razão, aquelas pinturas seriam absorvidas durante quase quarenta anos e iriam emergir como uma base remota para suas próprias pinturas abstratas, quando finalmente atingiu essa fase. “O que gosto em Picasso é, principalmente, sua liberdade.” (FLEMING, 1996, p. 34).

A exposição influenciou Burle Marx, impelindo-o a adquirir obras de artistas como Picasso, Braque e Le Corbusier. Em 1929, faz o seu autorretrato (vide figura 27), obra ainda hoje muito requisitada em mostras artísticas mundo afora.

Figura 27 - Burle Marx - auto retrato, 1929 - carvão sobre papel



Fonte: Arteblog, 2016.

Burle Marx matriculou-se na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, em 1927 sendo impedido de cursar devido aos problemas de saúde. Quando, então, retorna da Europa, em 1929, estuda arquitetura e artes, mas, aconselhado pelo amigo Lúcio Costa, resolve estudar pintura. Segue sua trajetória artística aprimorando-se em todas as áreas a que se dedica. Pode ser considerado um artista plural e orgânico, recebendo influência de amigos e professores como Oscar Niemeyer, Jorge Machado, Carlos Leão e Leo Putz.

Sempre ativo trabalhou em diversos projetos desde jardins particulares a grandes projetos em praças e prédios públicos como por exemplo seu primeiro painel de azulejos, de 1947, para o Instituto Oswaldo Cruz (vide figuras 28 e 29), atualmente Fundação Fiocruz ou ainda a escultura feita para a praça Heitor Bastos Tigre, (vide figuras 30 e 31) no Recreio dos Bandeirantes.

Figuras 28 e 29 - Paineis de azulejos no Pavilhão Arthur Neiva - Fiocruz



Fonte: Arteblog, 2016.

Figuras 30 e 31- Escultura não figurativa multicolorida. Protótipo (esq.) e executada (dir.) - 1999



Fonte: Arteblog, 2016.

Em 1985, o Sítio Roberto Burle Marx foi doado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), vinculado ao Ministério da Cultura, a fim de que no local fosse criada uma escola de paisagismo, botânica e artes em geral, onde todo seu legado e suas plantas pudessem ser preservados

No mesmo ano em que completaria 90 anos a residência foi transformada no Museu-Casa de Burle Marx, no mês de agosto de 1999. Além dos ambientes originais e objetos de uso pessoal, há a exibição dos objetos de arte e artesanato adquiridos durante toda a sua vida. O acervo é composto de mais de 3.000 itens, dentre as quais obras do próprio Roberto. Integram a coleção imagens sacras barrocas em madeira policromada, cerâmicas primitivas pré-colombianas, arte popular - como carrancas, esculturas em madeira e cerâmica, cristais, conchas, vidros decorativos, entre outros.

Assim como seu antigo morador, o sítio e o museu se mantêm vivos através de

atividades culturais, como cursos, exposições e concertos musicais que são realizados ao longo do ano em suas dependências (vide nossa experiência nas figuras 32 a 39). Anualmente também acontece a Jornadinha das Artes, onde alunos das escolas da região participam de atividades de desenho e pintura no ateliê do artista.

Figura 32 - Visita ao Sítio Roberto Burle Marx



Fonte: A autora, 2019.

Figura 33- Vista da chegada ao museu



Fonte: A autora, 2019.

Figura 34 - Pausa para a pose do grupo. Ao fundo, capela de Santo Antônio da Bica



Fonte: A autora, 2019.

Figura 35 - Visita ao interior da capela



Fonte: A autora, 2019.

Figura 36 - Visita ao interior do museu



Fonte: A autora, 2019.

Figura 37 - Chegada ao ateliê



Fonte: A autora, 2019.

Figura 38 - Participação das atividades



Fonte: A autora, 2019.

Figura 39 - Atividades de pintura



Fonte: A autora, 2019.

Figura 40 - Roberto Burle Marx - por Maria Fernanda (1901)



Fonte: A autora, 2019.

Após o falecimento do paisagista e conforme o seu desejo, ocorreu a incorporação do espaço pela União, em 1994 a área foi transformada em parque com visitação pública, sua casa em museu e a delicada igrejinha continua testemunhando a História.

3.2.8 Paróquia São Salvador do Mundo

O Senhor oculta algumas coisas aos sábios, mas as revela aos pequeninos. (Jesus Cristo)

A paróquia de São Salvador do Mundo (vide figura 41) está localizada na Estrada da Matriz, em um terreno elevado o que permite observá-la da rua principal. Reconhecida por seu valor histórico, artístico e cultural para a comunidade, também é o maior e mais antigo dos prédios religiosos da região.

Figura 41 - Vista frontal da paróquia



Fonte: A autora, 2020.

A principal fonte de pesquisa por nós utilizada foi o Processo n 039-T-38 do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e sua existência, idas e vindas dos trâmites necessários a efetivação do tombamento do bem já configura, por si só assunto relevante para uma longa conversa sobre como os bens patrimoniais de nosso país são tratados pelos órgãos de fiscalização e proteção em virtude da localização dos mesmos, cabendo um olhar acurado por parte do observador e uma reflexão crítica acerca do tratamento dispensado neste caso específico. Vamos a prosa!

O referido processo teve início em 3/06/1938 entre as primeiras 40 propostas de tombamento, logo da criação do IPHAN. Consta que a paróquia de São Salvador foi criada em 1676, época em que teria sido erigida a primeira capela curada⁵⁸ no porto de Guaratiba, feita de pedra, madeira e cal.

Por se encontrar bastante deteriorada, a sede da matriz foi transladada em 1724 para a igreja de Nossa Senhora da Saúde edificada dois anos antes no alto do morro da espia na Barra de Guaratiba em posição estratégica para vigilância da entrada da baía. No terreno de sua localização atual a sede começou a ser construída em 1669 e seu término se deu em 1676, mantendo a fachada atual.

No mesmo documento verificamos que entre as demais igrejas de Guaratiba havia a de

⁵⁸ Não significa a inexistência de outras capelas, mas a garantia de que em São Salvador do Mundo existia pároco na época, ou seja, um cura residente.

Curato ou curado era uma zona geográfica eclesiástica da Igreja Católica provida de um cura residente para cuidar das atividades religiosas sob a dependência de uma paróquia, mas com ampla autonomia. O curato normalmente era dotado de uma igreja menor ou de uma capela com um batistério. Grifo nosso.

Nossa Senhora do Desterro, edificada antes de 1629, quase a beira mar, na região hoje conhecida como Pedra de Guaratiba, por Joaquim Veloso Cubas e sua mulher, Beatriz Alves Gago. A importância da informação se evidencia por comprovar o povoamento das terras entre São Vicente e Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XVII, após a expulsão dos tamoios das terras cariocas.

“A Vila de Angra dos Reis foi criada em 1608. Os primeiros colonizadores de São Sebastião e Ubatuba já estavam presentes por volta de 1610 e as vilas correspondentes foram oficializadas respectivamente em 1636 e 1637, mas as paróquias foram criadas bem antes...” (COTRIM, 2012)⁵⁹

Segundo Cotrim o pelourinho de Paraty foi erigido em 1660, mas o povoamento era anterior, desde a última década do século XVI. O transporte e comunicação era farto e feito por via marítima com o farto comércio de aguardente, indispensável no comércio com Angola. Guaratiba era utilizada como ponto de apoio, nas proximidades do Rio de Janeiro.

O processo de tombamento ficou latente até que em agosto de 1953 o arquiteto Paulo Tedim faz anotações informando que “a igreja estava em estado ruinoso”. Constam nessa época anotações acerca de obras feitas sem autorização do órgão fiscalizador. Contam os párocos atuais que a igreja sofreu um incêndio na década de 1950 que obrigou a execução de obras emergenciais feitas com doações de paroquianos.

A partir da segunda metade da década de 1950 tem início através dos membros do D.E.T. (Diretoria de Estudo e Tombamento) o pedido de destombamento do bem ora estudado e a peleja conta inclusive com nota do famoso poeta Carlos Drummond de Andrade (a época chefe da seção de História) e de Lúcio Costa (arquiteto que projetou o plano piloto na cidade de Brasília) diretor do D.E.T, de acordo com o cancelamento que, junto com Rodrigo Mello Franco de Andrade encaminham o processo ao Conselho Consultivo para apreciação e prosseguimento.

Rodrigo informa ao Padre Henrique Ramos que não poderia realizar as obras solicitadas porque os peritos haviam optado pela “conveniência de ser cancelado o tombamento do edifício em virtude da sua irremediável desfiguração”. Para os senhores peritos era melhor “destombar que preservar” pois não consideravam o prédio com relevância suficiente para merecer intervenção do órgão.

Entregue a própria sorte a igreja sobreviveu, sendo sua manutenção bancada por doações dos fiéis. Nada foi feito no processo até que três décadas mais tarde, em 20/03/1984 o

⁵⁹ COTRIM, Cassio Ramiro Mohallem. *Villa de Paraty*. Rio de Janeiro: Editora Capivara. 2012, p. 20.

arquiteto Glauco Campello encaminha-o ao arquiteto Augusto Carlos da Silva Telle para opinar sobre o procedimento a ser tomado. Este encaminha por sua vez a arquiteta Dora Alcântara dois dias depois sem maiores comentários. Observamos que a esta altura já não havia referências ao tombamento, mas ao encerramento do processo.

É provável que existisse resistência quanto a abertura de uma exceção, pois um destombamento aceito poderia gerar precedente para outros eventuais destombamentos que pudessem surgir. A vacância temporal nos movimentos do referido processo demonstram que era melhor “engavetá-lo” do que tornar o destombamento uma prática viável. Assim passou mais de uma década sem que se fizesse nenhum movimento mais robusto além de umas poucas notas burocráticas.

Eis que em outubro de 1998 o Ministério Público Federal solicita que o IPHAN se manifeste dando informações sobre o andamento do processo, a identificação nominal do responsável pelas intervenções irregulares no imóvel tombado e quais providências foram adotadas pelo órgão a fim de responsabilizar o autor das irregularidades alegadas.

Depois de mais algumas idas e vindas nos meandros da burocracia com notas que apenas aumentavam o tempo de estadia do processo nas prateleiras e do susto levado pelo pároco José Geraldo Gomes que de nada sabia mas acabou responsabilizado por toda depreciação patrimonial alegada pelo órgão fiscalizador.

Em dezembro do mesmo ano padre conclama os fiéis que tivessem algum interesse ou conhecimento sobre o assunto para ajudar a descobrir do que se tratava a intimação recebida que exigia fosse recomposta a igreja tal qual o original no prazo de 90 dias sem quaisquer outras explicações.

Nessa época eu cursava a graduação em História e participei junto com outros membros da paróquia da preocupante região. Comprometida a ajudar e interessada que já era no tema patrimônio fui em busca de respostas encontrando o referido processo. Atendida por funcionários do IPHAN, pude descobrir que muitas informações referentes às obras citadas como pertencentes ao patrimônio da igreja, não figuravam sequer nos livros de registro de tombamento. Trazendo cópia do processo deixei agendada uma visita do pároco à sede do órgão para melhores explicações. O que se deu a seguir consta no corpo do processo com a atuação do engenheiro e historiador Marcus Tadeu Daniel Ribeiro⁶⁰ que, com excelente

⁶⁰ Doutor em História Social (IFCS/UFRJ); mestre em História do Brasil (IFCS/UFRJ); graduado em Artes (UERJ/RJ) e Engenharia Civil (UGF/RJ). É técnico do Iphan há vários anos. É coordenador do Núcleo de Formação Artística e Cultural e professor de História da Arte do Colégio de São Bento, lecionando também no curso de pós-graduação em História da Arte Sacra da Faculdade de São Bento. É membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA). Grifo nosso.

fundamentação propõe novos rumos ao processo. Primeiro ele descarta o destombamento por não haver “motivos de interesse público” que o justificasse para fazer valer o disposto no Decreto - Lei 2537 que regula os critérios de destombamento, como afirma nas folhas 132 a 139:

“Não é este certamente o caso da igreja Matriz de São Salvador do Mundo de Guaratiba. Ela não foi destruída, apesar das modificações de que a frente trataremos, como também não existe um motivo de interesse público maior (...) que justifique a prerrogativa de destombamento proposto”.

Destaca dois aspectos que devem ser observados no encaminhamento do assunto desde o tombamento da igreja: as questões vinculadas ao seu valor cultural (histórico e artístico) e aquelas circunstanciadas na conservação do bem cultural em si. Drummond alegou não haver acontecimento ou circunstância relevante que recomende tal situação, nesse caso a manutenção do bem tombado.

Marcus então observa que o que torna um bem memorável e passível de tombamento não é somente a possibilidade de vinculação a um fato memorável de repercussão como o batismo de um príncipe ou o casamento de um rei, mas sim o transcurso do próprio processo civilizatório. Sendo assim,

“a história dessa igreja constitui-se como um dos marcos fundantes do processo civilizatório, desde o ano de 1616 quando ali se venderam 500 braças de terras de testadas por outras 1500 de fundos aos padres jesuítas para ali erigirem as benfeitorias que julgassem necessárias a ocupação da área pela igreja; em 1633 era parte das terras doadas como dote de casamento da filha de Manoel Veloso Espinha, oportunidade em que se menciona a Ermida do Salvador, certamente a igreja primitiva; em 1698 a igreja já tinha o nome de Salvador do Mundo”.

Vale ressaltar que Manoel Veloso Espinha mantinha negócios em São Vicente, tornando-se um importante comerciante do Rio de Janeiro e sendo proprietário de um navio, fazia negócios diretamente com Angola.

O historiador destaca a “inequívoca referência e importância históricas dessa igreja não apenas para aquela localidade, mas para a cultura brasileira como um todo, se a entendermos como parte de um processo histórico-cultural que ela invoca e representa em nível nacional...” Conclui que não pode opinar favoravelmente ao destombamento por reconhecer a sua importância para a memória da cultura nacional.

Quanto a descaracterização alegada destaca que a estrutura arquitetônica do bem não foi abalado e sua fachada permanece inalterada apesar dos elementos artísticos não configurarem mais do acervo em virtude do abandono, incêndio e demais intempéries e

intervenções (como pintura dos afrescos e substituição das tábuas do forro do teto).

A esse parecer se soma às observações escritas pela coordenadora técnica Leticia Von Kruger Pimentel⁶¹ que nos exorta sobre os perigos que o precedente de um destombamento poderia causar quando diz que:

“do ponto de vista da legislação, também, hoje, se faz impróprio sustentar uma proposta de destombamento do bem com base na sua descaracterização pura e simples (...) ao se migrar por esse caminho estaríamos abrindo um precedente de amplo espectro, que ao saber de conveniências particulares, poderia redundar em uma sequência de ações similares por parte daqueles que olham as ações de proteção ao patrimônio cultural como um empecilho aos seus interesses pessoais e imediatos”.⁶²

Desta forma também opõe-se ao destombamento mas propõe a anulação da inscrição do bem no Livro de Tombo Belas Artes, pela falta dos demais itens do acervo mantendo-o apenas no Livro de Tombo Histórico, mas garantindo seu tombamento e preservação perante a lei e órgãos competentes. Esta foi uma vitória de riqueza singular sobretudo em tempos de ameaça a grandes lotes de terra por grupos paramilitares visando a especulação imobiliária que estica seus maldosos tentáculos sem respeitar quaisquer valores em detrimento da memória e cultura de um povo.

Nesta análise vale o destaque dado aos participantes da peleja, percebidos pelos alunos na explanação do bem estudado a ser percebido pelas perguntas feitas: Professora, “esse Carlos Drummond” é o poeta do livro? (Melissa - 1802) e ainda, Ué, porque levaram tanto tempo pra olhar a igreja? Aí é fácil apenas cobrar do pobre do padre! (Stela Mendes - 1901) E essa história de destombar, professora? Não era mais fácil ter tomado conta antes e não deixar destruir? Afinal, se a Igreja tinha um montão de madeira e a iluminação era feita com velas pois não tinha luz, um incêndio era facinho de começar, né? (observa Maria Fernanda - 1901). Minha avó estava na reunião que o padre fez para ver se alguém da comunidade sabia alguma coisa sobre as modificações feitas na igreja...o que eu sei, pois ela me contou, é que minha bisavó Maria ganhou uma imagem de Nossa Senhora das Graças desse tamanho ó -

⁶¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Santa Úrsula (1997). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História e Preservação do Patrimônio Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: ruínas, preservação, história e patrimônio cultural. Especialização em Preservação do Patrimônio Cultural Integrado ao Planejamento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco e pelo Centro Integrado de Estudos em Conservação Integrada - CECI / UFPE em 2002. Mestrado em Ciências da Arquitetura com ênfase em História e Preservação do Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ / FAU / UFRJ, desde 31/05/2005. Atua na área de Patrimônio Cultural do governo federal brasileiro desde 2004 sendo servidora pública do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN desde junho / 2006.

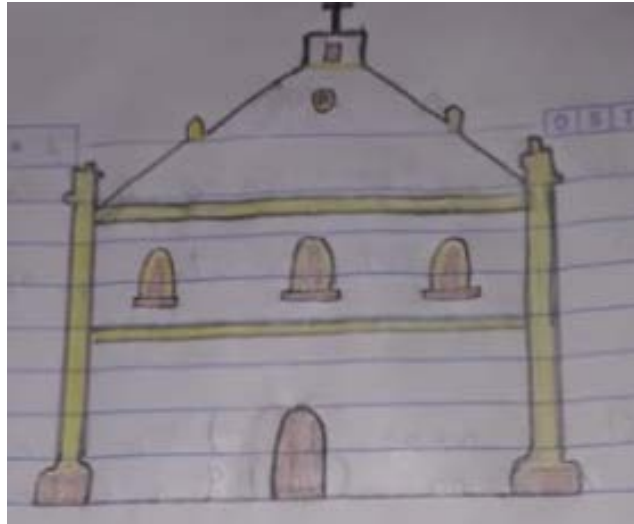
⁶² PROCESSO IPHAN 0398 - T - 38 p. 151 a 157.

colocando a mão na altura do seu coração, cerca de uns 80 cm para representar o tamanho da imagem - na época do padre Godofredo, mas isso tem muito tempo, quando meus bisavós eram vivos e iam `a missa todo domingo... (Giovanna Sousa - 1802).

Vendo a interação do grupo verificamos que a questão da identificação, tombamento e preservação do patrimônio local é objeto de estudo dos jovens e sua importância é observada por eles. Cabe a escola, através da pesquisa histórica orientada pelo professor, dar aos mesmos possibilidade de conhecimento dos marcos patrimoniais presentes em seus quintais e ruas.

É conhecendo que se percebe a importância, é se apropriando que se desenvolve a consciência do coletivo e, desse modo pode-se desenvolver meios para preservar e proteger.

Figura 42 - Igreja - por Alexandre Ribeiro (1903)



Fonte: Roda de conversa - digitalização executada pela autora, 2020.

Figura 43 - A Igreja - lugar de memória - por Ketlen de Melo



Fonte: Roda de conversa - digitalização executada pela autora, 2020.

3.2.9 Ponte da Marambaia - da escravidão `a segunda guerra mundial

Vê que a vida é uma grande ponte,
Não constrói nela tua casa,
Atravessa somente. (PENSAMENTO BUDISTA)

A ocupação da região da restinga da Marambaia tem sua origem documentalmente comprovada ainda no século XIX, mais precisamente em 1856 em nome do comendador Joaquim José de Sousa Breves. Cafeicultor, nascido em São João Marcos em 1804, hoje Rio Claro, era filho do capitão-mor José de Sousa Breves e de Dona Maria Pimenta de Almeida Breves.

Por seu nascimento e posição foi admitido no paço como moço fidalgo da Casa Imperial. Em 15 de agosto de 1822 em São João Marcos, incorporou-se à comitiva regencial, como Guarda de Honra de D. Pedro I, indo a São Paulo e Santos pela antiga rota que passava na atual costa verde do Rio de Janeiro.

Por acompanhar o príncipe, participou do episódio que marcou a separação do Brasil da dominação lusitana, conhecido como grito da independência, ou do Ipiranga. De todos os presentes nessa ocasião, Sousa Breves foi o último a falecer, o que ocorreu no ano de 1889. Membro da Guarda Nacional, como recompensa pela sua fidelidade ao Imperador D. Pedro I, também adquiriu o título de Comendador da Ordem da Rosa, um dos vários títulos honoríficos da Coroa. A partir daí ficou conhecido como "Comendador Breves" também conhecido a época como "rei do café".

Homem de muitas posses e tendo a atividade cafeeira o emprego de mão de obra escrava, algo efetivado com o emprego do transporte marítimo, tomou posse de Marambaia (área composta pela ilha e restinga de mesmo nome) onde se construiu uma casa de comércio ou entreposto marítimo que servia ao comércio de gêneros variados, incluindo entre estes escravos trazidos por mar para o trabalho nas fazendas de café e engenhos de açúcar.

Nesta casa se providenciava a "engorda" das peças/ escravos trazidos da África que seriam posteriormente vendidos. Este lugar também serviu de casa de custódia para os condenados e escravos fugidios que tinham como destino o degredo e aguardavam as embarcações para seguirem aquilo que lhe reservava o destino. Após a sua morte as terras ficam a cargo de sua viúva, a Dona Maria Isabel de Moraes Breves, filha dos barões de Piráí - José Gonçalves de Moraes e Cecília Pimenta de Almeida Frazão de Souza Breves.

Em 1908 a ilha é passada para a Marinha do Brasil que nela instala a Escola de

Aprendizes- Marinheiros. A partir deste ano passa a ser utilizada para exercícios militares e experimentos de armamentos, principalmente pelo Corpo de Fuzileiros Navais, garantindo o caráter militar da utilização da região, sendo seguida das forças do Exército e da Aeronáutica posteriormente.

Um dos monumentos mais emblemáticos no imaginário popular é a ponte da Marambaia, ou Ponte Velha, cuja construção tem início em 1943 e testemunhou a grande mudança ocorrida na Barra de Guaratiba devido a eclosão da Segunda Guerra Mundial e consequente posicionamento do Brasil frente aos países aliados no combate ao nazifascismo.

Com a segunda guerra estourando no mundo, sendo Barra de Guaratiba um ponto estratégico, e já tendo sofrido em um passado mais distante com invasões de portugueses e franceses pelo mar, tornou-se urgente que o governo de Getúlio Vargas, se movimentasse para garantir a soberania nacional e seu posicionamento frente às outras nações. Com isso, através de chefes militares indicados para a empreita e de muitos trabalhadores locais e de fora, começaram os serviços para proteger o litoral com a instalação de um campo de ação militar de forças integradas, o Campo de Provas da Marambaia (vide figuras 44 e 45).

Dadas as circunstâncias, diferentes providências foram tomadas, a saber:

- Abertura de uma pedreira no lugar denominado "Campo de São João" distante um quilômetro da entrada do canal da Barra de Guaratiba onde se iniciaram as obras de construção de uma ponte para possibilitar a instalação de uma unidade militar na restinga da Marambaia, percebida por sua estratégica posição. Hoje nessas instalações funciona o CAEx - Campo de provas da Marambaia.

- A construção de uma balsa, com capacidade para cinquenta pessoas, carros e material, com a finalidade de atravessar o canal, do continente até a Restinga da Marambaia.

- Instalação de um cabo aéreo entre um ponto elevado de Barra de Guaratiba, próximo a entrada da Rua da Vendinha e outro ponto na restinga da Marambaia que, através de uma caçamba, pudesse transportar pedra, saibro e o que mais fosse necessário até o outro lado e assim proporcionar a chegada dos materiais necessários à construção.

- Abertura de barreiras para extração de aterro em um lugar denominado Itapuca, e outra no "Córrego", às margens do Córrego da Cachoeira da Bica, que ainda deságua na entrada do canal que separa a restinga da Marambaia de Barra de Guaratiba.

- Construção de dois galpões na restinga da Marambaia, para garagem e almoxarifado.

- Aquisição de um barco a remo, com capacidade para cinco passageiros, para travessia rápida do canal.

- Ocupação de uma casa que foi denominada "Casa do Porto", junto ao canal, para

instalação dos dirigentes dos serviços e do pessoal de escritório. Esta casa, com dois andares, foi construída sobre pedras do canal, na mais alta maré, por um senhor de engenho, que deixava de quarentena os seus escravos e onde tinha até uma custódia, encontrando-se em um ponto ideal para abrigar o pessoal de serviço.

Figura 44 - Maquete da ponte da Marambaia no lançamento da obra



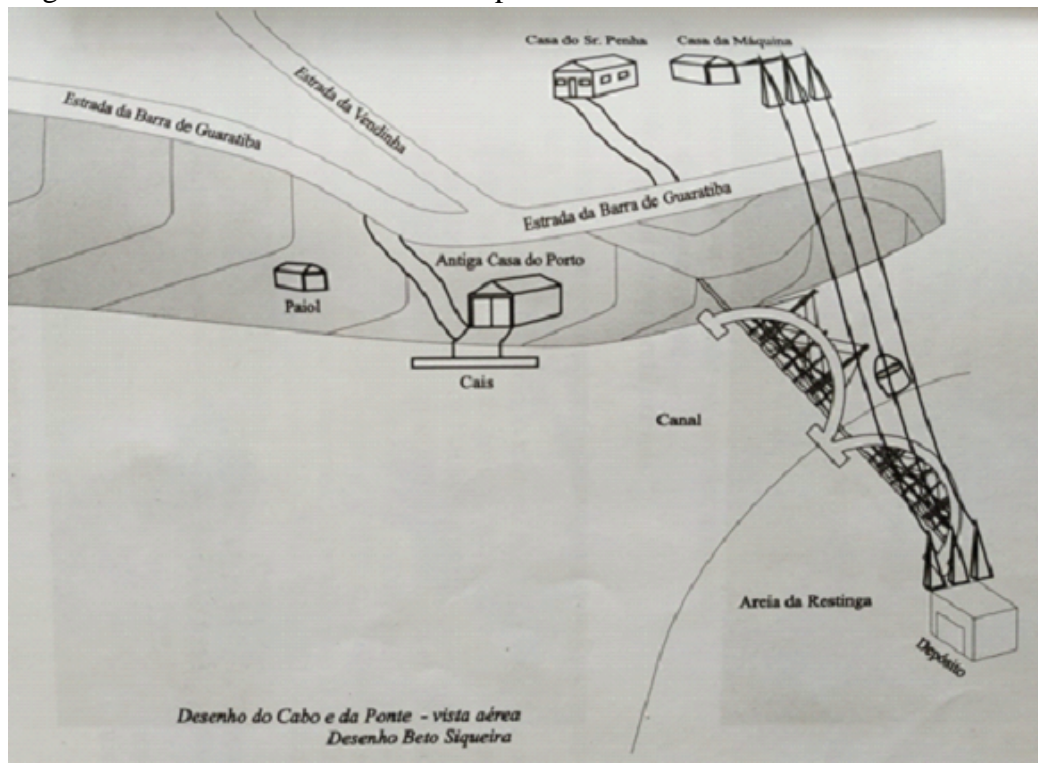
Fonte: A autora - restauração de imagens, 2020.

Figura 45 - Maquete da ponte da Marambaia no lançamento da obra



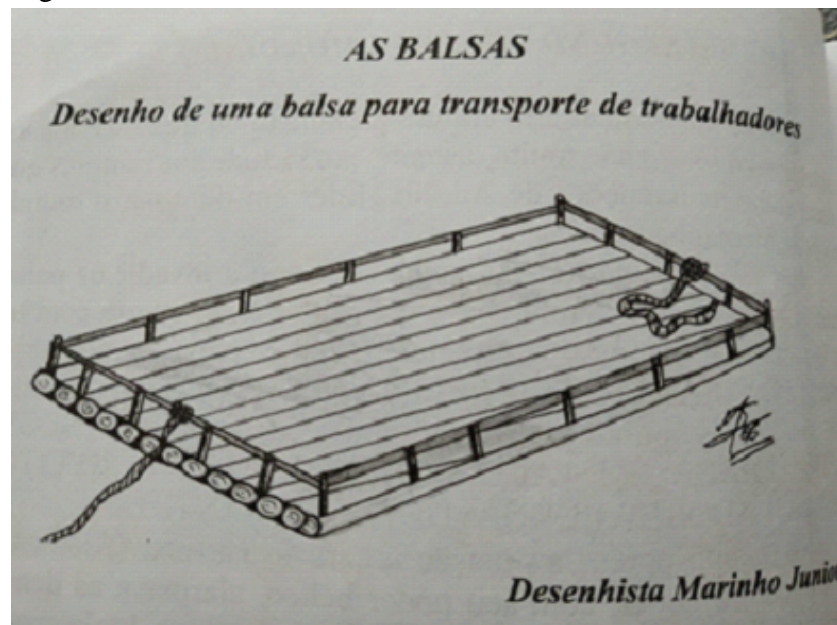
Fonte: A autora - restauração de imagens, 2020.

Figura 46 - Desenho do cabo aéreo e ponte



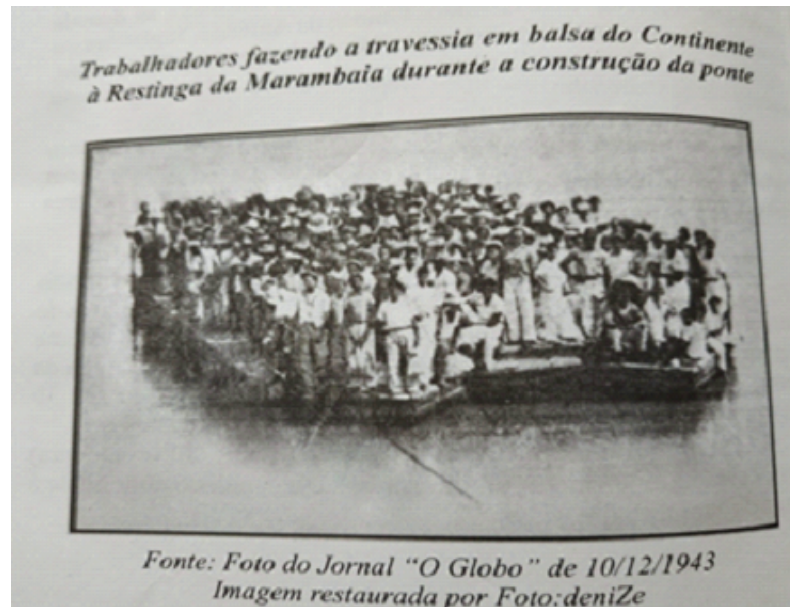
Fonte: A autora - restauração de imagens, 2020.

Figura 47 - Desenho da balsa



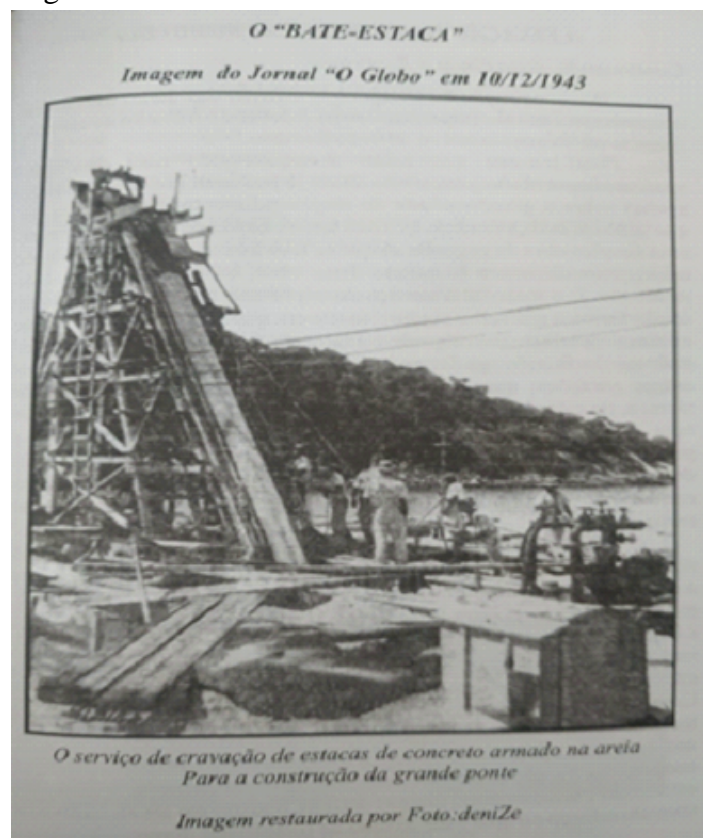
Fonte: A autora, restauração de imagens, 2020.

Figura 48 - Trabalhadores fazendo a travessia na balsa



Fonte: A autora - restauração de gravura, 2020.

Figura 49 - O bate-estaca em 1943



Fonte: A autora - restauração de gravura, 2020.

Figura 50 - Casa do Porto. Propriedade do Comendador Breves - restinga da Marambaia



Fonte: A autora - restauração de imagens, 2020.

Figura 51 - Placa indicativa do Campo de Provas da Marambaia e entrada pela ponte



Fonte: A autora, 2020.

Figura 52 - Placa da inauguração



Fonte: A Autora, 2020.

3.2.10 Escola Municipal Narcisa Amália - uma prosa sobre pioneirismo feminino

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem, É conviver, é se “amarrar nela”! Ora é lógico...
 uma escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer, Fazer amigos, educar-se, ser feliz. É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo. *Paulo Freire (fragmento do poema A Escola)*

Figura 53 - Fachada da Escola Municipal Narcisa Amália



Fonte: A autora, 2017

Figura 54 - Recreação na quadra localizada nos fundos da escola



Fonte: A autora, 2020.

A Escola Municipal Narcisa Amália foi fundada em 1938, ainda no governo Vargas, tendo surgido como escola primária em uma casa doada pela Sra Hildegarda Alves Barroso Ribeiro (vide figura 55) e seu pai o Dr. Raul Capelo Barroso, na Estrada da Ilha. A escola cresceu e foi transferida no ano seguinte para uma sede maior, também doada ao município, na Estrada Teodoro de Camargo, seu endereço atual (vide figuras 53 e 54).

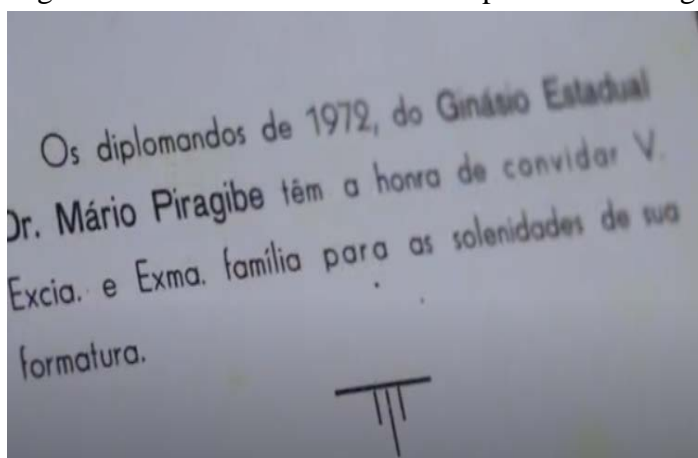
Figura 55 - Hildegarda Alves Barroso Ribeiro



Fonte: A autora, 2018.⁶³

O ginásio só foi implantado em 1967, já no período de governo militar e recebeu o nome de Ginásio Estadual Dr. Mário Piragibe formando sua primeira turma em 1972, conforme registro do convite de formatura (vide figuras 56 e 57) gentilmente guardado pelo professor Osmir Pereira, que testemunhou a implantação do ginásio tendo desempenhado as funções de coordenador do mesmo. Presenteou a direção da unidade escolar no ano de 2018, por ocasião das comemorações do octogenário da E. M. Narcisa Amália com o simbólico artefato, que agora devidamente emoldurado figura no acervo da escola, comprovando essa conquista.

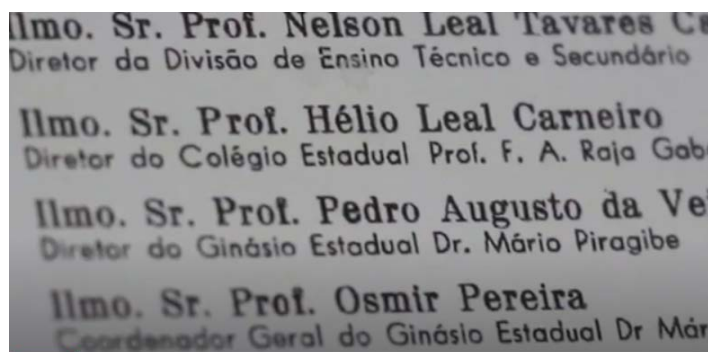
Figura 56 - Convite de formatura da primeira turma ginásial em 1972



Fonte: A autora, 2019.

⁶³ Fotografia do retrato da Sra Hildegarda que faz parte do acervo da E. M Narcisa Amália. A foto foi gentilmente cedida por sua neta e também professora, a Sra Denize Ribeiro de Sá, que há 43 anos trabalha na escola. Grifo nosso.

Figura 57 - Verso do convite



Fonte: A autora, 2019.

Até a segunda metade da década de 1990 permaneceu como a maior escola da região chegando a matricular quase 900 alunos nos dois segmentos do Ensino Fundamental. É reconhecida e recomendada pelos habitantes da localidade, onde quase a totalidade das famílias encontra algum vínculo. Todos tem uma história, uma lembrança, ou mesmo um “causo” para memorar relacionado intimamente com a vivência no espaço escolar.

A neta da Sra Hildegarda, a professora Denize Ribeiro de Sá atua na orientação educacional na escola há mais de 35 anos e este é mais um exemplo dessa proximidade que a memória pode proporcionar (foi a própria avó quem a incentivou nos anos 1980 a trabalhar naquela escola).

A escola foi inovadora ao proporcionar educação formal aos habitantes deste distante e bucólico pedacinho do Rio de Janeiro e, no ano de 2018 completou seus 80 anos reafirmando seu papel como lugar de memória, fazendo parte da História desta comunidade que a acolhe e reverencia desde a sua origem.

Suas características inovadoras recebem fortemente a influência de sua patrona a escritora, ensaísta, poetisa e primeira jornalista profissional do Brasil, a Sra Narcisa Amália de Campos (vide figura 58). A corajosa ariana, nascida aos cinco dias do mês de abril de 1856 no município de São João da Barra, recebeu grande incentivo para os estudos da professora Narcisa Inácia de Campos, sua mãe, e do poeta e professor Joaquim Jácome Oliveira de Campos, seu pai. Estudou latim e francês tendo como professor o padre Joaquim Francisco da Cruz.

E mais uma vez vemos as intervenções discentes: Só podia ser o nome da escola... Só tinha professor na família dela, professora! - observa a alegre Stela Mendes (1901), seguida da exclamação de Maria Fernanda: Que sorte, heim! Essa não ficava sem fazer o dever de casa nem se quisesse! - garantindo a risada geral.

Outros assuntos vieram a tona neste ponto da análise: a questão do casamento precoce

da escritora (como veremos abaixo) chamou a atenção (principalmente das meninas) e da violência doméstica sofrida por ela, conforme demonstram Ely Marcelle (1902) : Puxa, as mulheres sofrem com esses maridos desgraçados há muito tempo! E a gente acha que violência doméstica e feminicídio é coisa nova... a História está aí pra provar o contrário! - e Maria Clara (1901): Por isso é que ano passado a gente teve que ver o filme sobre a Maria da Penha, né professora? Essas coisas já acontecem faz tempo!

Figura 58 - Narcisa Amália quando jovem



Fonte: Arquivo da E M Narcisa Amália, 2018.

E continuamos a conhecer Narcisa que, aos 11 anos, passa a morar com sua família em Resende, e, aos 13, se casa com João Batista da Silveira⁶⁴, artista ambulante de vida irregular, de quem se separou alguns anos mais tarde. Aos 28 anos, em 1880, se casou novamente com Francisco Cleto da Rocha, mas a união não durou devido aos maus tratos por ela sofridos e o casal se separou pouco tempo depois, obrigando-a a deixar Resende, em especial por conta dos boatos espalhados por seu marido na cidade, que passou a dizer serem seus versos (pois aquela época ela já escrevia) frutos de seus casos amorosos negando a autenticidade de sua

⁶⁴ O primeiro casamento, aos treze anos de idade, foi com o poeta João Batista da Silveira, de dezoito anos, filho de uma das famílias mais ricas de Resende. Seis meses após o casamento, João perdeu os pais e herdou muito dinheiro. Com isso, caiu na boemia e esbanjou todos os bens. Acabou como vendedor ambulante viajando de cidade em cidade, e também explorava um mambembe. Narcisa voltou para a casa dos pais, humilhada, e João foi embora. Grifo nosso.

autoria.

Seus primeiros trabalhos foram traduções de contos e ensaios de autores franceses como a escritora George Sand, que utilizava o pseudônimo Amandine Aurore Lucile Dupin para ocultar sua verdadeira identidade e escapar do preconceito que relegou as mulheres apenas aos afazeres domésticos reprimindo qualquer possibilidade de reconhecimento científico ou literário na época. As difamações e comentários maledicentes eram uma constante, como afirma o historiador Júlio Cesar Fidelis Soares que afirma nos dando uma ideia de como era difícil o reconhecimento feminino⁶⁵:

“O sucesso de Narcisa passou a incomodar o marido que, depois de separado, passou a difamar Narcisa declarando que seus versos não eram de sua autoria, mas escritos por poetas com quem teria tido casos de amor. O escritor Múcio Teixeira fez coro à campanha contra Narcisa declarando que o livro “Nebulosas” tinha sido escrito por um homem com pseudônimo de mulher.

Narcisa participa de saraus onde declama suas poesias, e publica o único livro de sua carreira, uma antologia de 44 poemas intitulado *Nebulosas* em 1872 (vide figura 58), aos 20 anos de idade que contou com prefácio entusiasmado de Pessanha Póvoa⁶⁶ que reconhecia em Narcisa a nossa primeira poetisa:

Narcisa Amália será a impulsora e o ornamento de uma época literária mais auspiciosa que a presente. Há de redigir os aforismos poéticos, como Aristóteles escreveu os da natureza. [...] Narcisa Amália não é um tipo, é uma heroína. [...] Este livro há de produzir tristezas e alegrias. É a primeira brasileira dos nossos dias; a mais ilustrada que nós conhecemos; é a primeira poetisa desta nação. Delfina da Cunha, Floresta Brasileira, Ermelinda da Cunha Matos, Maria de Carvalho, Beatriz Brandão, Maria Silvana, Violante, são bonitos talentos. Narcisa Amália é um talento feio, horrível, cruel, porque mata àqueles. Foram as suas antecessoras auroras efêmeras; ela é um astro com órbita determinada. (PÓVOA, 1872, p. XV-XVI).⁶⁷

Um dos poucos escritores da época que enxergava em uma mulher a capacidade de produzir literatura de qualidade, Póvoa chegou a exortar os amigos para que, como ele, pudessem dar o valor a que a arte de Narcisa Amália fazia jus. Logrou algum êxito pois em 13 de fevereiro de 1873 Narcisa recebe a Lira de Ouro em reconhecimento pela qualidade de seu trabalho.

⁶⁵ Historiador local de Resende, Mestre em História pela Universidade Severino Sombra, tem alguns artigos dedicados `a personalidades que se destacaram em diversas áreas no período imperial, sobretudo os que viviam longe da corte, como Narcisa Amália que teve sua poesia admirada pelo Imperador. - grifo nosso.

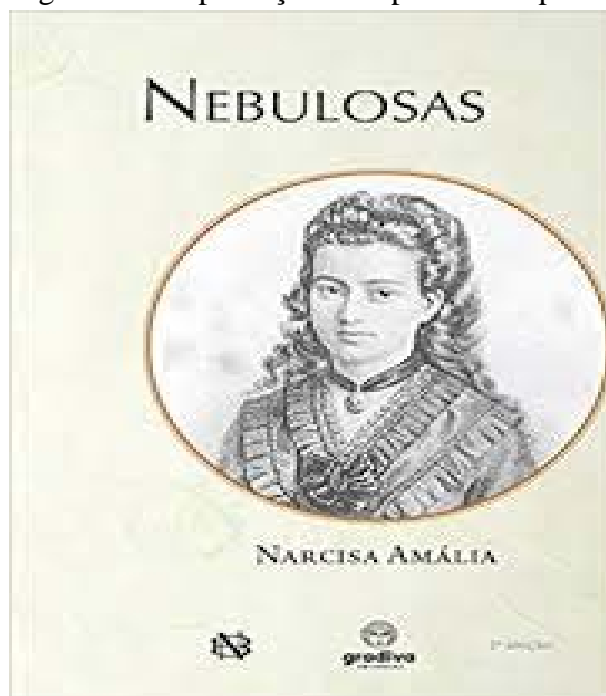
⁶⁶ José Joaquim Pessanha Póvoa nasceu em São João da Barra, em 15 de abril de 1836, falecendo em Vitória a 17 de julho de 1904. Foi um advogado, jornalista, político, escritor e poeta brasileiro.

⁶⁷ PÓVOA, Pessanha. “Prefácio”. In: AMALIA, Narcisa. *Nebulosas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1872, p. V-XXVI.

Eu peço que julguem o livro de Narcisa Amália, livro que ilumina a grande noite da poesia brasileira. Quando houver um Conselho de Estado ou um Senado Literário, Narcisa Amália terá as honras de Princesa das letras. [...] Teófilo Braga, Luciano Cordeiro, Cesar Machado, Adolfo Coelho, Bulhão Pato, Gomes Leal, E. Coelho, Silva Túlio, A. de Castilho, Silva Pinto e Teixeira Vasconcelos, meus amigos, hão de deferir o seguinte requerimento: Peço um lugar de honra no auditório das vossas glórias literárias para a autora das Nebulosas (PÓVOA, 1872, p. XVI-XVII)⁶⁸.

Porém Narcisa não abria mão das coisas que defendia. Ela fazia duras críticas a sociedade escravocrata da época. Seus poemas exaltavam a natureza e a pátria e ainda versavam sobre suas lembranças de infância. A riqueza de sua obra foi também bastante comentada por Machado de Assis que a chamou: “a jovem e bela poetisa” e pelo próprio imperador, D. Pedro II, grande admirador de seu trabalho, coragem e seu pioneirismo.

Figura 59 - Reprodução da capa do livro publicado em 1872



Fonte: A autora - arquivo pessoal.

A admiração do monarca o fez enfrentar a chuva do dia 16 de outubro de 1874, quando em visita surpresa a cidade, desce do trem para entregar a comenda da ordem de Cristo ao professor Joaquim Jácome, pai da poetisa, pelos serviços desempenhados na construção de dois colégios na cidade desde 1863, quando se mudou para Resende. Na ocasião, apesar do mau tempo e da lama nas ruas, fez questão de procurar Narcisa a fim de

⁶⁸ Historiador local de Resende, Mestre em História pela Universidade Severino Sombra, tem alguns artigos dedicados `a personalidades que se destacaram em diversas áreas no período imperial, sobretudo os que viviam longe da corte, como Narcisa Amália que teve sua poesia admirada pelo Imperador. - grifo nosso.

alimentar-se do “pão espiritual” que brotava de seus poemas.

Foi recebido por ela que em trajes simples e após deixar os afazeres da padaria que tocava com o marido, declamou seus belos versos ao faminto alcaide. Tal feito intensifica o ciúme de seu cônjuge que se encarrega de imputar-lhe a “má fama” na cidade. Como afirma SCHUMACHER⁶⁹ no Dicionário Mulheres do Brasil, página 437:

“Dom Pedro II, em visita a Resende, manifestou o desejo de conhecer a escritora pessoalmente. Contaram os cronistas que o imperador caminhou até a padaria onde Narcisa morava e trabalhava, para ouvir de sua própria voz alguns de seus poemas.”

No prefácio do seu livro de poesias intitulado *Nebulosas*, o escritor Pessanha Póvoa assim escreveu: “*Um livro que ilumina a grande noite da poesia brasileira. Quando houver um Conselho de Estado ou um Senado Literário, Narcisa Amália terá as honras de Princesa das Letras*”.

Apesar de reconhecida e reverenciada por homens de grande destaque, o preconceito não se afastava, rondando suas portas como uma neblina grossa que urge por ofuscar o brilho dos raios de sol no alvorecer.

Aborrecida e entediada com a infâmia a que era submetida, a poetisa desabafa em um de seus versos: “*Meu nome atirei às ventanias...*” Em 1889, em carta a Alfredo Sodré, Narcisa Amália lamenta a dificuldade de uma mulher ser artista e talentosa naquela época, como podemos verificar no trecho:

[...] como há de a mulher revelar-se artista se os preconceitos sociais exigem que o seu coração cedo perca a proibidade, habituando-se ao balbucio de insignificantes frases convencionais? Vitimada pela opressão, gale do círculo murado em que inutilmente se debate, a mulher inteligente acompanha com mágoa a extinção gradativa de sua fecundidade cerebral, seguindo com olhos rasos de pranto a inspiração que ala-se para sempre, movendo em largo vôo sereno as asas flamejantes, menos feliz que a pomba da tradição bíblica, sem ter encontrado um ramo de loureiro onde por instante repousasse... (FAEDRICH, 2016, p. 145-146)⁷⁰

Fora as falsas acusações, era atacada por sua própria condição de mulher. Em dezembro de 1872, C. Ferreira, no jornal *Correio do Brasil*, elogia a poesia de Narcisa, mas ataca seu envolvimento com as causas libertárias. Diz que acha “fora de lugar” que a poetisa fique “cantando revoluções, apostrofando o reio, endeusando as turbas” e acrescenta: “O

⁶⁹ SHUMACHER, Maria Aparecida. *Dicionário Mulheres do Brasil - de 1500 até a atualidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.

⁷⁰ FAEDRICH, Anna. *Narcisa Amália e as intempéries da produção literária feminina*. Palimpsesto, Rio de Janeiro, Ano 15, n.22, jan.-jun. 2016. p. 145-146.

melhor é deixar (o talento da ilustre dama) na sua esfera perfumada de sentimento e singeleza”.

Mais ásperos, outros críticos sugeriam que ela voltasse “aos cestos de costura”. O crítico Sílvio Homero chegou a dizer que textos de cunho social são “indignos de ocupar as páginas de um livro de mulher”. Narcisa desabafou em poesia: “Quando tento liberar-me no espaço/ As rajadas em tétrico abraço/ Me arremessam a frase – Mulher!”

Os boatos de que não seria autora dos textos do livro “Nebulosas” foram facilmente derrubados pelo depoimento de várias testemunhas, incluindo o jornalista Alfredo Sodré, que declarou tê-la visto escrevendo vários dos poemas. Mas no fim Narcisa Amália não conseguiu vencer os preconceitos contra os quais bravamente lutara. A princípio se considerava uma mulher forte (e era), como escrevera, no prefácio a Ezequiel Freire:

Dirás que é falso. Não! É certo!
 Desço ao fundo d'alma toda vez que hesito
 Cada vez que uma lágrima ou que um grito
 Trai-me a angústia - ao sentir que desfaleço
 E toda assombro, toda amor, confesso
 O limiar desse país bendito
 Cruzo: - aguardam-me as festas do infinito!
 O horror da vida, deslumbrada, esqueço!
 E em cada moita, em cada gruta
 A sinfonia da paixão eterna!
 - E eis-me de novo forte para a luta! Resende, 7.9.1886.

Mas sucumbiu. Cansada das difamações sofridas em sua terra natal, vem para o Rio de Janeiro em 1889, impondo-se um exílio voluntário no bairro de São Cristóvão, onde passa a trabalhar como professora em uma escola pública. Abolicionista convicta funda em 13 de outubro de 1884 o jornal “Gazetinha”, suplemento do Tymburitá que tinha como subtítulo, “folha dedicada ao belo sexo”, sendo reconhecida como jornalista e remunerada pelo exercício da função. Além desses, trabalhou em outros veículos de comunicação nos estados de São Paulo, Espírito Santo, Pernambuco e Sergipe, além de trabalhar na revista “A Leitura”, entre 1894 a 1896. Abria assim o mundo jornalístico `as mulheres.

Figura 60 - Exemplar do Jornal Gazetinha



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Trabalhou ainda no século XIX intensamente em favor da emancipação feminina, tendo publicado o livro "A Mulher do Século XIX" em 1892, livro que conclama as mulheres à luta por seus direitos inalienáveis, tendo ainda com sua poesia, se integrado às causas abolicionistas e republicanas.

Narcisa morreria em 24 de julho de 1924, aos 72 anos, na residência de um casal de amigos em Rio Comprido. Com diabetes, a Princesa das Letras – cujo título lhe fora cassado pela inveja – morreu parálitica e cega. Foi sepultada no cemitério São João Batista no Rio de Janeiro.

Mesmo tendo sido um ícone para a história do jornalismo feminino no Brasil, sua obra acabou caindo em esquecimento, e mesmo hoje há uma considerável dificuldade em achar detalhes de sua trajetória, seja em livros ou até mesmo nos meios digitais, devido a deficiência de relatos sobre o protagonismo feminino da época.

Tornou-se nome de rua em Resende, nome de escola no município do Rio e deixa em sua obra o exemplo de mulher aguerrida, de visão avançada, capaz de incomodar por demonstrar uma qualidade ímpar em seus escritos. Suas ideias defendiam a liberdade e a

igualdade entre raças e gênero em uma época de atitudes atrozés a quem cultivasse tais pensamentos e ideias.

Ao término desta roda saímos com a certeza de que a luta pelo empoderamento e respeito femininos, tem no exemplo de Narcisa Amália uma inspiração para não se permitir quedar, ainda que os obstáculos sejam persistentes.

Figura 61 - Placas de rua na cidade de Resende



Fonte: Acervo da E. M. Narcisa Amália.

Figura 62 - Homenagem à Narcisa Amália por ocasião do seu centenário

O CENTENÁRIO DUMA GRANDE PIONEIRA

Maria de LURDES TEIXEIRA

COMEMORA-SE no dia 5 de abril o centenário de nascimento duma escritora brasileira que deveria ser mais frequentemente lembrada — a poetisa e jornalista fluminense Narcisa Amália.

Ao enunciar este nome duma sonoridade sugestiva, imediatamente surge em nossa lembrança, em plena juventude, o seu belo rosto, conforme nó-lo mostra o único retrato que dela conhecemos, lembrando um pouco aquelas estranhas e admiráveis Bronte, suas irmãs mais felizes: o corpete justo cingindo o busto delicado, o veludinho segu-

rando um medalhão rente ao decote, a farta cabeleira escura, ondulada e brilhante levantada na testa, despenhando-se pelos ombros e servindo de moldura ao rosto oval iluminado por esplendidos olhos negros.

E', porem, uma figura romantica, delicada e essencialmente feminina, bem adequada à poetisa daqueles versos: "Meu nome arremessei às ventanias...", esta imagem de antiga miniatura ou daguerreotipo aristocratico, e não o da batalhadora feminista que lutou valentemente na imprensa por ideais avançados e corajosos.

Sabemos que Narcisa Amália, a esquecida autora das *Nebulosas*, nasceu na cidade de São João da Barra, tendo ido residir com sua família em Resende, quando contava onze anos. Filha dum casal de professores, natural é que tivesse recebido uma educação cuidada, bem acima da que era comum entre as meninas do seu meio e do seu tempo no Brasil. Seu pai, Jacome de Campos, agraciado por Pedro II com o Habito de Cristo, era homem de certa cultura e dedicava-se a atividades jornalísticas e literarias, enquanto a mãe, uma

estriteza do ambiente literario, verificamos que o livro teve realmente grande repercussão. A imprensa do Rio e de São Paulo se referiu ao seu nome com abundantes adjetivos laudatorios: a excelsa poetisa, a laureada poetisa, a grande escritora, a illustre jornalista, eram expressões frequentes a seu respeito até mesmo em publicações de Portugal. No prefacio que Pessanha Povoá escreveu para as *Nebulosas* encontramos algumas frases que atestam a importancia atin-gida por Narcisa Amália em seu tempo: "... a primeira brasilei-

sando as turbas", "Há o que quer que seja de desconsolador, quando se escuta a voz delicada duma senhora aconselhando as revoluções." E' ainda o escandalizado articulista quem fala, continuando de maneira inefável: "Eu por mim desejaría que a poetisa estivesse sempre em colloquos com as flores, com as primaveras e com Deus." Pobre Narcisa Amália! Em que tempo se desenrolou o seu drama!

Não resta a menor duvida, realmente, quanto ao carater de pioneira de ideais avançados em prol da melhoria da situação da

Texto da escritora e jornalista Maria de Lurdes Teixeira sobre o centenário de Narcisa Amália, poeta, tradutora e primeira mulher jornalista profissional do Brasil - Acervo

Fonte: Acervo da E. M. Narcisa Amália.

3.2.11 Capela do Santo Sudário - uma história de fé

“O últimos nunca serão os primeiros, e sim os humildes”. (RESENDE)

Aqui a nossa conversa cruzará os caminhos da fé. A Capela do Santo Sudário foi idealizada graças a fé de um homem que não poupou esforços na realização do seu sonho: a construção de uma réplica deste que foi o túmulo de Cristo.

Nascido na cidade de Uberaba, Minas Gerais, em 27 de março de 1947, filho de Guiomar Pires de Resende. José Humberto Cardoso Resende estudou em Goiânia, São Paulo e fez medicina no Rio de Janeiro formando-se em 1976. Foi monitor de Anatomia Humana e depois professor por 25 anos.

Especializou-se em Cirurgia Plástica na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e na Cruz Vermelha do Brasil. Passou no concurso público para a Cirurgia Plástica do Hospital Federal dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, onde foi chefe do serviço por 28 anos até a sua aposentadoria.

Paralelamente à sua atuação como médico, com mais de 20 mil cirurgias realizadas sob sua responsabilidade e sem nenhum óbito na carreira, é médico religioso, tendo dedicado parte de sua vida aos estudos sobre Jesus de Nazaré e o Santo Sudário de Turim junto à Santa Sé e perante o mundo científico sendo autor de vários livros sobre o tema. Também é escultor e pintor, ocupando a cadeira de número 37 na Academia Nacional de Belas Artes. Pintou, ele mesmo a réplica do Santo Sudário (vide figura 63) que se encontra no sítio tendo sido reconhecido pela Academia tal a qualidade artística do trabalho.

Figura 63 - O médico José Humberto na porta do sepulcro. No detalhe a réplica do Santo Sudário



Fonte: Internet, 2018.

O interesse do médico pela vida de Jesus Cristo começou aos 10 anos, em Araguari, cidade de Minas Gerais. Seu pai o deixava na porta do colégio, um seminário religioso dominicano, horas antes do início das aulas, pois precisava chegar pontualmente ao trabalho. Para ocupar o tempo vago, o menino assistia à missa. Um dia, curioso, perguntou ao padre o que Jesus gostava de comer quando era criança. Por alguns meses bolinho de arroz se tornou a comida favorita de José Humberto até desconfiar que a resposta poderia ser invenção do clérigo.

Já estudioso do Santo Sudário, 40 anos depois, o médico entrou na Igreja de Nazaré, em Jerusalém, e repetiu a mesma pergunta a uma senhora que cuidava do lugar. “*Levei o maior susto quando ela respondeu bolinho de arroz*”, recorda José Humberto que pretende escrever um livro narrando as estripulias de Jesus quando criança.

Fundou a Associação do Santo Sudário de Jesus, que engloba o Grupo de Médicos do Santo Sudário, no qual os voluntários dedicavam um dia por mês atendendo gratuitamente a população, totalizando cerca de 19.500 pessoas beneficiadas pelo programa nas décadas de 1990 e 2000.

O grupo de médicos se revezava nas dependências da Paróquia São Salvador do Mundo por mais de uma década, onde pessoas se dirigiam para atendimento em diversas especialidades como cardiologia, pediatria, neurologia e cirurgia plástica, entre outras.

A sede da Associação está localizada na Estrada do Morgado, no coração da Ilha de Guaratiba, numa área de 3.500 m² e compõe um conglomerado arquitetônico – financiado pelo próprio médico –, constituído por uma réplica do Santo Sepulcro (vide figura 64), feito em pedra com precisão exata de medidas, uma igreja sem portas (figuras 65 e 66), uma réplica de um teatro romano onde ele e a esposa deram aulas de catequese a 100 crianças, uma réplica da casa de Maria (figura 67), um presépio em tamanho real e uma via sacra.

Figura 64 - Réplica do Santo Sepulcro atualmente



Fonte: Contribuição da Letícia Barbosa (1902), 2020.

A partir de 2016, por motivos pessoais cedeu o espaço para a Comunidade Shalon que o administra para fazer retiros e mantém o lugar em funcionamento com agendamento de visitas e retiros espirituais. O maior sonho do médico é fundar uma ordem religiosa mundial para leigos.

Estudioso e atuante é lembrado e reverenciado por grande parte dos moradores que ainda hoje frequentam o sítio para participar das atividades religiosas lá celebradas.

Figura 65 - A igreja sem portas. Missa aberta a comunidade no ano 2006



Fonte: A autora, dezembro de 2006.

Figura 66 - Igreja atualmente



Fonte: Contribuição da aluna Letícia Barbosa (1902), 2020.

Figura 67 - Réplica da casa de Maria



Fonte: Contribuição da aluna Letícia Barbosa (1902), 2020.

3.2.12 Antiga Estação de Bondes (limite atual do bairro)

“Contam que, viajando num bonde, tentava sentar-se a seu lado uma atriz enfadonha que lhe assediava sempre que o encontrava. Percebendo haver alguns lugares disponíveis mais atrás, saiu-se então Emílio com esta: "Atriz atroz, atrás há três!" (MENESES)⁷¹

A dificuldade de locomoção na cidade, sobretudo daqueles que habitam as regiões mais distantes do Centro como é o caso da Zona Oeste, vem de longa data e atualmente tem estampado os jornais e noticiários com relatos de abandono e sofrimento diários.

Nesses tempos epidêmicos tal obstáculo mostrado sua face atemorizante, pois o estado em que se encontram provam ser um espaço propício para propagação da doença atormentando ainda mais os trabalhadores que não tem outra forma de deslocamento até seus empregos.

Em nossa pesquisa deparamo-nos com a existência de um prédio onde a arquitetura salta aos olhos e cuja história narra a utilização de bondes chamando a atenção dos alunos que desconhecem tais formas de transporte que muito nos serviram no passado. “Bonde? Aqui é o Pão de Açúcar, por acaso? Aqui é a Comlurb, meu povo!” - era a indagação/ exclamação feita por Wesley Pereira (1802) quando os colegas narraram a descoberta do ponto. “Esse prédio é onde se guardam os caminhões de coleta de lixo e só” argumenta Fabrício Oliveira (1802) e acrescenta: “Onde já se viu, bonde por aqui? Só se for o do baile!” A expressão “pegar o bonde” com o passar dos anos teve o seu sentido alterado, sobretudo com o advento dos movimentos musicais de funk e para nossos meninos é hoje a única conotação possível.

Após uma pequena explanação sobre a origem dos transportes na cidade do Rio de Janeiro e a mostra de um vídeo sobre o mesmo assunto, nos deparamos com os bondes que serviam a população na zona oeste. A admiração foi considerável ao perceber que os bondes usavam tração animal, pois a energia elétrica não era distribuída por toda a cidade com uniformidade, impossibilitando a implantação dos carros elétricos.

Outros pontos despertaram a atenção dos jovens como o tempo das viagens (o trecho de Campo Grande até Ilha de Guaratiba levava em média duas horas para ser percorrido!) e o hábito de pegar o carro em movimento, o famoso “bonde andando”.

⁷¹ Emílio Nunes Correia de Meneses. Nascido em Curitiba, a 4 de julho de 1866, faleceu no Rio de Janeiro em 6 de junho de 1918, tendo atuado como jornalista e poeta parnasiano brasileiro, sendo mestre em poemas satíricos. Foi eleito imortal da Academia Brasileira de Letras em 15 de agosto de 1914, ocupando a cadeira de número 20, cujo patrono é Joaquim Manuel de Macedo. Seu sucessor foi o escritor maranhense Humberto de Campos que tomou posse em 1919. Grifo nosso.

Sobre o primeiro coube a Isabel da Guia (1802) a primeira observação: “Não mudou muita coisa né? Até hoje, mesmo com ônibus demora muito! E olha que hoje não dá pra botar a culpa no cavalo!”.

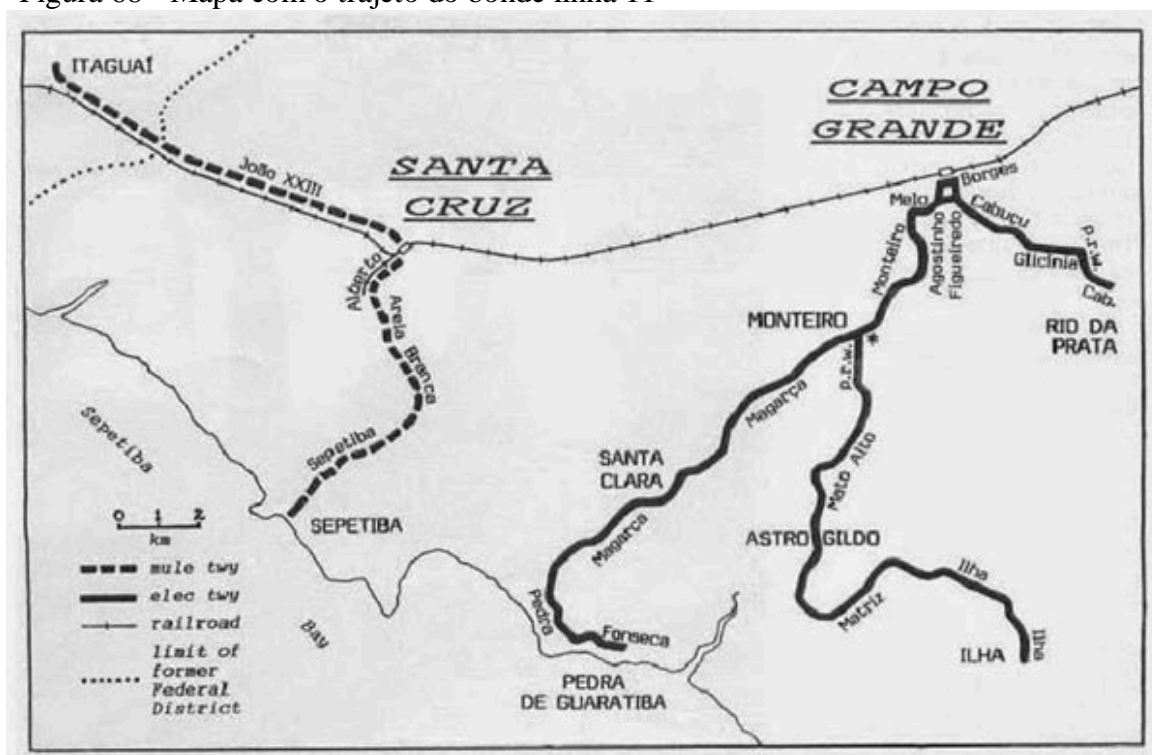
Sobre o segundo ponto, coube a Laryssa Ruem e Wesley Pereira (1802) observarem que ainda hoje há quem “pegue o BRT” sem passar pela catraca da estação e assim não pagar a passagem... “É um jeito, assim mais ou menos, de pegar o bonde andando né, professora?”

Como o assunto rendeu, aproveitamos a oportunidade de começar a conversa perguntando aos alunos se conheciam a expressão: “pegar o bonde andando”. Até o início da década de 70, ainda era possível fazer uso dos bondes elétricos como meio de transporte popular. Sendo a maioria destes adaptados ao calor típico do nosso clima, eram inteiramente abertos, permitindo acesso a cada banco ou assento, diretamente.

Quem não conseguia (ou não queria) pegar o bonde em suas paradas formais, tinha que pegar o bonde andando. A atividade exigia técnica aprimorada e difundida sobretudo entre os mais jovens, com todos os riscos e perigos envolvidos. Afinal, havia o risco de cair do bonde, ou de ser pego pelo fiscal, uma vez que quem “pegava o bonde andando” também costumava não pagar a passagem. Hoje em dia a expressão significa entrar em uma conversa sem saber do que se trata e ainda palpar, dando sua opinião muitas das vezes não solicitada.

Que tal pegarmos o bonde da história para ver como era o transporte em nossa região? O bonde da linha 11 (veja figura 68) ligava Campo Grande a Ilha de Guaratiba. Havia só um par de trilhos, ou linha única para os dois sentidos, o que significa que tanto para vir para Guaratiba quanto para ir para Campo Grande o bonde percorria a mesma via, sendo necessário, portanto desvios em alguns lugares de maneira que fosse possível o bonde que “ia” passar pelo bonde que “vinha”, e para isso, às vezes, um aguardava nesses locais a passagem do outro.

Figura 68 - Mapa com o trajeto do bonde linha 11



Fonte: Acervo pessoal - 2012.

Na linha que ia de Campo Grande para o Monteiro, existia um desvio no lugar denominado "Pau-Ferro", localizado onde já funcionou a torrefação do Café Câmara, hoje dando lugar ao condomínio chamado Atlantis. Existia um outro desvio na "Língua da Sogra", onde hoje a Estrada do Monteiro tem a sua duplicação de pistas, na localidade conhecida como "Brito". No caminho para a Pedra de Guaratiba, havia um desvio em Santa Clara, perto do Jardim Maravilha. O bonde da Ilha passava pelo local conhecido como Largo do Monteiro e seguia até a Rua Campo Formoso, que fica depois da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, à esquerda (antiga Reta da Ilha). Depois, continuava a Estrada do Mato Alto (antiga Morro Alto) e seguia até o Largo da Ilha, de onde voltava para Campo Grande.

Uma curiosidade desconhecida de muitas pessoas é que o trecho da Estrada do Mato Alto na altura da Fazenda Modelo, onde fica a lombada eletrônica, um pouco antes da rotatória em direção à Pedra de Guaratiba, ainda é conhecido pelos moradores mais antigos como "Caminho do Bonde".

Tombada pelo IPHAN, a antiga Usina de Bondes (vide figura 69) localiza-se exatamente no entroncamento entre a estrada do Mato Alto e a estrada do Magarça, no largo do Monteiro. Alvo de discussão, por ficar no caminho de um projeto de duplicação da estrada do Mato Alto, a Usina permanece por ser patrimônio tombado. Apesar das mudanças que a modernidade traz a História permanece!

Figura 69 - Antiga estação - hoje sede da Comlurb. Bonde da Ilha



A exemplo do bonde, do qual só restam fragmentos de sua existência surgiram exemplos de marcos referenciais de memória não preservados. Foram listados diferentes itens dentre os quais alguns que já não existem mais em sua totalidade como o Alambique dos Mudinhos e as ruínas do castelo dos Guimarães e surgiu o tema do próximo encontro: falar sobre as ausências, ou as memórias incompletas, as que mostram sua importância mesmo que a falta de vestígios concretos as façam esvair-se no tempo, sem porém dissipar-se por completo.

Quando a memória de um grupo vai perdendo o vínculo com o concreto mas permanece rico de sentido. Porém o tempo se encarrega de transformar suas marcas num misto em que as falhas da realidade são preenchidas com fábulas.

Como nosso tempo já havia se esgotado, ficamos de nos encontrar novamente, marcando nossa próxima conversa e deixamos a unidade escolar sem saber que surpresas o futuro nos reservava.

3.2.13 Sítio Ceará e o Alambique dos Mudinhos

Diga ao primeiro que passa; que eu sou da cachaça; mais do que do amor.
(BUARQUE)

Desde o início da ocupação do território carioca, no século XVI, vemos a atividade açucareira como forma de produção econômica.

A plantação de cana de açúcar e a instalação de engenhos tiveram na planície guaratibana um desenvolvimento considerável. Registros mostram que havia cinco

importantes engenhos: o do Magarça, o da Ilha, o do Morgado, o Engenho Novo e o Engenho de Fora, tamanha a importância do produto desde o século XVII.

Figura 70 – Canavial



Fonte: A autora, 2017 (foto montagem).

Mão de obra escrava foi empregada nessa empreita, já que pelo porto da Barra de Guaratiba era possível adquiri-los. Fontes variadas mostram o emprego do trabalho escravo na região como recibos de compra e venda de peças desde o século XVI, inclusive nos engenhos administrados pelos padres jesuítas que administravam grandes glebas de terra.

Ponto bastante conhecido em Guaratiba é o Alambique dos Mudinhos, localizado no Sítio Ceará, onde, desde 1928, se cultiva a cana-de-açúcar, com produção de aguardente, rapadura e melado, bem como a farinha de mandioca. A sua fachada continua inalterada (vide figura 71), desde a década de 1980, fortalecendo as memórias ali produzidas.

Figura 71 - Entrada do alambique (esq) e do bar/ vendinha (dir)



Fonte: Aluna Letícia Barbosa (1902), 2020.

Uma das características do alambique era o emprego de tecnologia para a produção, já que ainda na década de 1940 a energia elétrica era empregada para dar movimento ao maquinário empregado na moagem da matéria prima. No início do empreendimento a força empregada era a tração animal. Esse investimento tornou o Sítio Ceará conhecido pela modernidade de sua produção, tornando os “mudinhos”, como eram conhecidos os irmãos, reconhecidos por seu pioneirismo na região.

Nossa maior fonte de informação sobre os irmãos Joaquim, Raimundo, João, Pedrina, Betina, Maria e o caçula Arlindo de Deus foi um antigo morador da região que responde pela alcunha de Seu Foca.

Este gentil senhor, auxiliado por sua esposa, nos contou alguns detalhes quando da chegada da família em Guaratiba, afirmando ter trabalhado ao lado dos irmãos na lida do sítio.

Relatou que todos eram mudos desde o nascimento, sendo João o único que ainda falava com alguma dificuldade. As irmãs cuidavam da casa e dos animais do sítio, ficando a cargo dos homens a lida na roça e a produção do alambique, assim como os cuidados do bar e atendimento dos clientes.

Dois deles, Joaquim e Raimundo, também eram mecânicos e se revezavam nos reparos de carros, caminhões e até tratores, muito úteis para a lida diária de muitos produtores dos arredores. Estes procuravam seus serviços com frequência pois sua competência era há muito

conhecida.

Seu Foca nos relata a idade dos irmãos, que chegaram a Guaratiba na década de 1920 já adultos tendo o mais novo por volta dos trinta anos, a saber: “Era um pouco mais velho que eu que na época regulava uns vinte e poucos... Arlindo trabalhava comigo 5 com uns trinta anos, mais ou menos.” - diz ele.

Por ele também soubemos que o único a constituir família foi João de Deus, mas após o falecimento do último dos irmãos, o Sr Arlindo de Deus os herdeiros se desfizeram de grande parte dos bens e não se tem notícias, pois não voltaram a visitar a região.

Figura 72 - Moenda elétrica utilizada para a produção de caldo de cana



Fonte: Aluna Letícia Barbosa (1902), 2020.

Figura 73 - Tacho de ferro com passagem de água para resfriamento do caldo



Fonte: Aluna Letícia Barbosa (1902), 2020.

Localizado na Estrada do Morgado que recebeu esse nome em virtude do estado etílico de grande parte dos que por ali passavam. Após uma visita ao referido alambique e a degustação da famosa pinga intitulada “Um minuto de Silêncio”, o sujeito voltava para casa “morgado” pelo caminho. E assim a estrada, originalmente conhecida como Caminho da Toca Grande, teve seu nome gravado na história, figurando no endereço de todos aqueles que passaram a residir por ali.

Nosso entrevistado local, Seu Foca, também nos contou que por volta de 1945, o local chegou a receber a visita do então presidente Getúlio Vargas, assim como de muitas personalidades brasileiras, incluindo renomados artistas como Lima Duarte e Paulo Gracindo e ainda cantores como Wando, que chegou a morar no bairro por mais de uma década.

O alambique, bastante frequentado, continuou em plena atividade na produção de aguardente, melado, puxa-puxa e rapadura até fins da década de 1980, quando a morte dos irmãos mais velhos e a doença dos mais novos (que já eram idosos também) impediram a continuidade do trabalho.

Uma curiosidade demonstra que a família bem sucedida nos negócios não escapou da violência e oportunismo de charlatões que por lá passavam. Conta-nos Seu Foca, auxiliado por sua esposa, que certa vez apareceu um cigano que convenceu os irmãos a colocarem sobre um lençol todas as jóias que possuíam para que o andarilho pudesse benzer. Após a valiosa juntada de bens, o cigano levou os objetos prometendo voltar no dia seguinte, o que jamais aconteceu.

O mal feito deixou a irmã Maria de Deus adoentada por um longo período, por sentir-se lesada em sua fé... Afinal eram religiosos, trabalhadores e criam piamente em Deus, praticando a reza diária do terço dedicado a Nossa Senhora cuja imagem tinha um oratório particular erigido no quintal do sítio e era adornado com as belas rosas cultivadas pelas irmãs.

Como apenas um dos irmãos constituiu família, o local não foi preservado pelos herdeiros, restando apenas alguns dos instrumentos utilizados na época e a fachada do armazém onde os respingos do passado ainda teimam resistir à ameaça do esquecimento...

Apesar de não restar muitas evidências, e as que conseguiram resistir ao tempo se encontrarem em um estado de deterioração bastante avançado, as memórias do alambique continuam bem vivas e sua importância para a comunidade encontra-se eternizada nos inúmeros relatos dos moradores orgulhosos em contar suas vivências lá a exemplo do nosso presto e muito querido informante/ entrevistado, Seu Foca.

Em tempo: registre-se que esse alegre senhor, abriu o portão conduzindo nossa infante pesquisadora Letícia Barbosa (1902) para que registrasse em fotos os vestígios que lá ainda se

podiam encontrar. Tal ato foi de suma importância para que nosso objetivo pudesse ser alcançado como planejado, por isso agradecemos. Muito atento, dizia a função de cada um dos instrumentos cujas fotos incluímos no corpo desta pesquisa numeradas de 71 ao número 75.

Figura 74 - Tacho utilizado para o cozimento do caldo de cana. Note-se o fogão a lenha abaixo



Fonte: Aluna Letícia Barbosa (1902), 2020.

Figura 75 - Forminhas de madeira para a secagem da rapadura



Fonte: Aluna Letícia Barbosa (1902), 2020.

3.2.14 Antigo cemitério de Guaratiba

A morte não é nada para nós, pois, quando existimos, não existe a morte, e quando existe a morte, não existimos mais. (EPICURO)

Localizado ao fundo da Igreja Matriz de Salvador do Mundo, era o único cemitério da região (vide figura 76). Sua fundação se deu próxima a inauguração da igreja, lá pelos anos 1776, mas seu registro se perdeu no tempo. Vale ressaltar que sua necessidade era premente, uma vez que nesta igreja não se verificou nenhum enterramento interno, sendo sua nave calçada com ladrilhos hidráulicos sem que note nenhuma interrupção.

Teve sua importância elevada no ano de 1918 quando a gripe espanhola dizimou a população carioca e a falta de logradouros no centro da cidade para o sepultamento das incontáveis vítimas exigiu que grandes quantidades de corpos fossem trasladados em carroças e sepultados em valas comuns no referido campo santo.

Figura 76 - Cemitério de Guaratiba - Foto de 1854



Fonte: A autora - recuperação digital, 2020.

A partir da segunda metade do século XX teve seus despojos transferidos para o novo cemitério público, localizado na mesma rua, distante do antigo logradouro algumas centenas de metros. Restaram apenas os despojos não declarados que o passar dos anos se encarregaram de guardar.

Da totalidade das terras delimitadas como parte da antiga necrópole resta apenas um espaço remanescente nos fundos da igreja, onde os clérigos e membros mais atuantes eram sepultados, mas que foi terraplanado na década de 1990 e hoje funciona como campo

esportivo e espaço para atividades e missas campais da própria instituição.

Com a especulação imobiliária e apropriação desenfreada de grandes logradouros, hoje vemos uma venda de lotes com propaganda de grande condomínio no local que antes pertencia a Obra Missão Social Casa Mãe sem Lar, conforme informava a placa na entrada.

Após anos de aparente abandono, o portão foi destruído, a placa desapareceu, a antiga entrada foi demolida e surge o empreendimento imobiliário, apagando a memória do antigo campo santo.

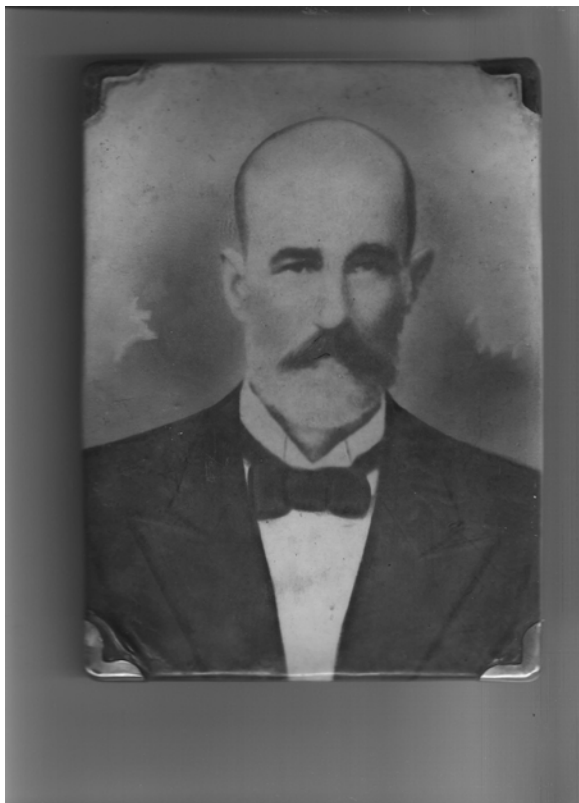
3.2.15 Castelo dos Guimarães (hoje em ruínas)

Sou feito das ruínas do inacabado e é uma paisagem de desistências que definiria meu ser. (PESSOA)

Este local foi palco de diversas e peculiares narrativas que desde meados da década de 1970 até hoje ainda intrigam a população guaratibana visto que os fatos recebem uma conotação de mistério que aguça a curiosidade: a existência de fantasmas na Ilha de Guaratiba!

Contam que o local era a residência de Joaquim Fernandes de Carvalho Guimarães, homem de muitas posses e escravos, que viveu na região no século XIX. Casou-se com uma das filhas de Antonio Pantaleao de Melo (vide figura 77), homem de muitos haveres e filhas (vide figura 78), recebendo as tais terras como dote de casamento.

Figura 77 - Antonio Pantaleao de Melo - sogro de Joaquim Guimaraes. Foto de 1897



Fonte: Acervo familiar - Cedida por Alexandre Pantaleão de Melo (bisneto), 2020.

Figura 78 - O Sr Antonio e filhas, incluindo a esposa de Joaquim Guimarães - 1897

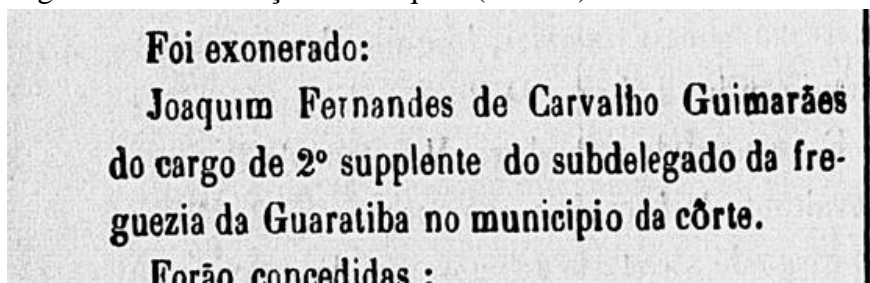


Fonte: Acervo familiar - Cedida por Alexandre Pantaleão de Melo (bisneto), 2020.

Os relatos são uníssonos, inclusive entre os parentes, como é o caso de Alexandre Pantaleão de Melo, bisneto de Antônio e sobrinho neto de Joaquim, de que este era um

homem de personalidade violenta, tendo sido exonerado do cargo de segundo suplente de delegado da freguesia de Guaratiba em 1864⁷² (vide figura 79).

Figura 79 - Exoneração de Joaquim (detalhe)



Fonte: A autora, 2020.

Segundo relatos, Joaquim engravidou uma de suas escravas, expulsando-a de suas terras quando informado da existência da criança, tentando abafar o escândalo que se seguiria. Seguiu, tocando seus negócios e maltratando os escravos e o tempo passou. Anos mais tarde, o menino agora homem volta às dependências do castelo da família Guimarães e cobra reparação de seu pai, assassinado-o a machadadas. O que se seguiu foi a fuga da viúva e filhos para outra propriedade na região denominada Vale do Carioca, no atual bairro de Laranjeiras abandonando em definitivo o casarão.

Em abril de 1973 o pesquisador regional Rivadávia Manoel Pinto⁷³ trouxe o então diretor de Patrimônio do Estado do Rio de Janeiro, Sr. Trajano Quinhões a Ilha de Guaratiba para que verificasse a existência de uma antiga construção situada numa colina de 75 metros de altura conhecida como Castelo dos Guimarães, localizada ao final da rua de mesmo nome.

Na época ali só restavam paredes de pedra de até 50 centímetros de largura, janelas semelhantes às de fortificações do século XVIII e ao lado existia uma construção que parecia ter sido ocupada por escravos. Hoje em dia restam apenas alguns cacos de ladrilhos hidráulicos de origem portuguesa, pois a construção em sua parte de alvenaria já pereceu por completo.

O que perdurou ainda hoje foi o receio dos moradores por relatos passados de uma

⁷² In: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/349340952511/I0001580-70Alt=003612Lar=002152LargOri=004304AltOri=007225.JPG> Acessado em 01 de setembro de 2020.

⁷³ Rivadávia Manoel Pinto, foi um pescador, policial militar e pesquisador das origens de Guaratiba. Nasceu em 1911 e faleceu em 1997, sendo morador apaixonado por Guaratiba. Incentivado por seu amigo e mentor o Dr Trajano Quinhões, diretor da Divisão de Patrimonio Histórico e Artístico na década de 1970. Até hoje sua família mora na localidade da Pedra de Guaratiba, sendo bastante respeitada e há anos no comando da Sociedade Musical Deozílio Pinto, nome do seu pai que comandou a banda da Pedra de 1905 a 1936, sendo substituído pelo irmão do pesquisador, o Sr Venâncio Manoel Pinto. O nome do “historiador guaratibano” foi dado a uma escola municipal da região no ano de 2019. Os relatos citados acima fazem parte do caderno de anotações do pesquisador, hoje de posse de seus familiares. Grifo nosso.

geração para outra de que naquele local aparecem “visagens” e assombrações, envolvendo os antigos donos do “castelo”, o que os impele a evitar o local.

Na ocasião da investigação feita pelo incansável pesquisador guaratibano, em cinco de abril de 1973, moradores das proximidades contaram à Rivadávia lendas e contos que assombravam a região e serviam para explicar a desocupação das ruínas.

Uns afirmam ter visto um capitão muito grande à porta da casa principal, como que guardando-a e protegendo a entrada dos forasteiros. O velho Sr. Plácido, de mais de 70 anos é quem conta ao pesquisador: “Num dia de carnaval eu vi um homem. Era enorme. Pensei que fosse até alguém brincando, fantasiado, e reclamei pois estava pisando no meus pés de milho. Quando eu acabei de falar a visão desapareceu numa folha”.

Depois ele afirma que chegou em casa e foi atacado por um homem que tinha braços de cachorro. “Era mais ou menos um lobisomem”. Lembra ele, enquanto apressadamente esconjura o demônio.

Outros moradores da região ainda hoje afirmam que um cavaleiro anda todas as noites no caminho da mangueira grande e dizem que quem vê a árvore pode perceber que ela está caída no chão. Mas de manhã, a surpresa já não toma conta de ninguém: a mangueira volta a ocupar o seu lugar oferecendo sombra a quem passa por perto.

Observando a foto abaixo (vide figura 80) com atenção temos a impressão de poder ver alguém sentado (parece uma mulher ou uma criança negra, com touca branca e vestido branco), do lado direito, nesta que parece ser uma espécie de pedra, ao lado da grande parede. Sua cabeça aparece logo abaixo das folhas dessa árvore menor, parecendo uma bananeira.

Figura 80 - Ruínas do castelo dos Guimarães 1920



Fonte: A autora - arquivo pessoal, sem data.

Será alguém vivo? Tanto a senhora que parece conversar com a criança, como a terceira pessoa que aparenta estar atrás da quina da parede da edificação num provável caminho mais elevado, ou ainda se considerarmos a vegetação que parece a parte inferior do corpo, se tem a impressão de que uma pessoa está sentada numa pedra, a frente e a direita deles.

Relatos trazidos pelos alunos também destacam as preocupações populares. Veja a transcrição do relato feito pelo aluno Kaique Heleno.

“Minha avó, quando criança, morou no morro bem próximo ao Castelo. Ela conta que Juca Guimarães foi morto pelo filho com uma machadada na cabeça. Juca judiava muito dos escravos e o filho matou o pai e depois libertou os escravos. Ela contou que morava próximo ao sumidouro, onde jogavam os escravos mortos e ouvia às vezes a noite gritos e súplicas dos mortos que ali foram jogados. É cada história que ela jura ser verdadeira! Tem a história do lobisomem e muitas outras, professora!”

3.3 Terceiro encontro – Que memórias queremos ter? – Sobre as ausências

A ausência da evidência não significa a evidência da ausência. (SAGAN)⁷⁴

Aqui discutimos o patrimônio que não é visto, não mais existe fisicamente, não pode ser visitado, mas ainda persiste na memória popular e por isso tem relevância em nossa discussão. Alguns deixaram em suas ruínas marcas de sua existência em tempos outros.

Foram identificados o antigo cemitério, o alambique do Sítio Ceará - Alambique dos Mudinhos, bem como algumas personalidades locais já falecidas cujos feitos ainda são lembrados e ou utilizados pela população.

Esse é o caso da construção da praça da Ilha, fruto da luta incansável do Sr Tenil Nunes à frente da AMIG - Associação de Moradores da Ilha de Guaratiba. Também do Sr Mario Gordinho, presidente do Bloco Carnavalesco, que depois se tornou o G.R.E.S. União da Ilha de Guaratiba tendo sido campeão nas décadas de 80 e 90 e garantido a alegria dos foliões de Guaratiba e suas famílias na sua sede própria, hoje transformada em uma madeireira. Ainda um artista plástico local, o Sr Cicinho e um vendedor de mel muito

⁷⁴ Carl Edward Sagan foi um cientista, físico, biólogo, astrônomo, astrofísico, cosmólogo, escritor, divulgador científico e ativista norte-americano, nascido em Nova Iorque, em 9 de novembro de 1934. Morreu na cidade de Seattle, em 20 de dezembro de 1996 tendo deixado mais de 600 publicações científicas. Grifo nosso.

conhecido, o Sr Brack que até hoje é lembrado pela forma como abordava os carros passantes para a venda de seus produtos, sendo ainda copiado pelos vendedores de frutas e mel da região.

Para coletar material memorialístico sobre a vida e o legado das personalidades escolhidas pelo levantamento inicial dos nossos alunos precisamos lançar mão de depoimentos que planejamos tomar do modo tradicional, através de entrevistas.

Como tivemos diversos impedimentos que interferiram no cronograma de nossas ações, resolvemos coletá-los de forma descontraída e informal, como vínhamos fazendo até então, já que seria um volume muito grande de informações gravadas e o tempo para a transcrição e redação da dissertação não seria suficiente.

E ainda: nossa equipe de pesquisadores, incluindo a mediadora da mesma, eram iniciantes neste processo, munidos de instrumentos possíveis (nossos próprios celulares e cadernos de anotações), nem sempre dotados de tecnologia de ponta ou acessórios que tornasse esse fazer mais ágil ou com melhor resolução.

Com a chegada da pandemia tivemos de nos reinventar mais uma vez. Muitos dos moradores elencados para as entrevistas fazem parte do grupo de risco, e vários contraíram o COVID, o que nos impediria de proceder da maneira costumeira para a coleta de dados. Passamos a utilizar os recursos tecnológicos possíveis o que tornou essa fase bastante interessante.

Dos entrevistados possíveis, quase a totalidade não domina tais tecnologias mas se sentiram muito estimulados a participar mesmo assim, convocando os parentes mais próximos e mais jovens para auxiliar a nossa empreitada.

Tal atitude impetrou de modo ímpar o caráter descontraído e brejeiro do *modus vivendi* tão presente entre os guaratibanos. Todos tentam se ajudar e se sentem embotados do espírito pesquisador, reconhecendo a importância da escola (pois entendiam como pesquisa escolar de seus netos, filhos e/ou sobrinhos) e demonstrando o orgulho que sentiam pela oportunidade de fazer parte de um projeto de mestrado.

A crise pandêmica se agravou criando cada vez maior necessidade de isolamento e nós fechamos as entrevistas com as que pudemos coletar, replanejando nossa ação. Decidimos manter o foco nos patrimônios que a essa altura já dispunham de material coletado e pela quantidade, já figuravam o material necessário a confecção do produto e seguimos em frente.

4 DO COADOR AO BULE: A PASSAGEM DO CAFÉ... OU COLOCANDO AS MÃOS NA MASSA: SAÍDAS A CAMPO PARA REGISTRO FOTOGRÁFICO

A fotografia é uma forma de ficção. É, ao mesmo tempo, um registro da realidade e um auto retrato. porque só o fotógrafo vê aquilo daquela maneira.

*Gérard Castello Lopes.*⁷⁵

Neste mundo, onde a indiferença mata e dá adeus, coloco minhas esperanças naqueles que têm a simplicidade de olhar diferente.

Suzana Pedroso

Esta etapa, em decorrência dos contratempos diversos e pela chegada das férias, onde os encontros com os estudantes foram interrompidos - alguns viajaram, outros não podiam nos encontrar por dificuldade de locomoção uma vez que não poderiam utilizar o ônibus da liberdade e moravam um pouco mais longe.

Outros precisavam passar as férias com um dos pais em virtude do compartilhamento de suas guardas e, por fim, outros esmoreceram por não vislumbrar a possibilidade de reunir todo o grupo demonstrando uma característica bem presente na adolescência: a necessidade de estar sempre em grupo.

Após várias tentativas de reuniões frustradas, obrigamo-nos a ceder. Marcamos então para o retorno das aulas, pois tínhamos em mente fazer o registro fotográfico com eles para que deixassem suas impressões e seus registros demonstrando as peculiaridades de seu “modo de olhar”.

O tempo passou e chegou fevereiro. Passada a semana de planejamento em que me empenhei em tentar “encantar” meus colegas a participar desta etapa do projeto - a visitação aos pontos escolhidos - e assim ampliar a participação dos demais alunos da escola e ainda oportunizar a interdisciplinaridade facilitando também a locomoção dos mesmos, uma vez que alguns trajetos levariam um dia inteiro, retirando-os do espaço escolar.

Nesta etapa se verificaria um verdadeiro “romper os muros da escola”, oportunizando

⁷⁵ Gérard Maria José Leveque de Castello-Lopes nasceu em Vichy, a 6 de Agosto de 1925, vindo a falecer em Paris, a 12 de fevereiro de 2011. Foi um fotógrafo, crítico e distribuidor de cinema português. Grifo nosso.

colocar em prática as questões pensadas nas oficinas executadas em sala de aula.

Neste ano pude trabalhar com as turmas regulares de oitavo e nono ano de onde derivaram os meninos e meninas que haviam participado da primeira etapa. Daí a necessidade de envolver outras disciplinas (meu plano de trabalho e porque não dizer ambicioso sonho desde o início dessa jornada!) e demais alunos dessas mesmas turmas.

A evolução do trabalho então se deu e aproveitei as primeiras semanas de aula no pós carnaval (quando as turmas estavam devidamente enturmadas e os horários dos professores enfim ajustados) para envolvê-los na mesma discussão, agora com a participação dos colegas envolvidos na pesquisa, o que se mostrou bem interessante.

Em aula, refizemos alguns movimentos experimentados nas oficinas e organizamos, aproveitando o momento destinado ao estudo da disciplina de História para reforçar os conceitos previamente discutidos de memória e patrimônio.

Apesar do apertado horário escolar, conseguimos reunir outros professores com os quais se dividiam as turmas e, numa conversa restrita aos vinte minutos do horário destinado ao recreio dos meninos e ao cafezinho dos professores, concordamos participar juntos deste trabalho.

O encontro foi extremamente rico e contou com os professores de Educação Física, Artes Visuais (pois nossa escola é agraciada com um), Geografia, Língua Portuguesa (que acabava de chegar a escola) e eu, trazendo a História para conversar.

Empolgados e com o aval da diretora da Unidade Escolar que também participou desse encontro, partimos para a organização do calendário de saídas. Como estávamos em pleno verão, resolvemos que as idas a campo deveriam começar na segunda quinzena de março, a fim de nos dar o tempo de comunicação aos responsáveis (os famosos bilhetinhos de autorização) e demais notificações necessárias ao Corpo de Bombeiros e Guarda Municipal, uma vez que muitos dos lugares a serem visitados incluíam trilhas e regiões de praia e pretendemos levar turmas inteiras.

Após uma pequena explanação sobre os objetivos da pesquisa e uma pequena reclamação da demora deles em se envolver nesse que poderia ser transformado em um projeto de toda a escola, recebemos muitas contribuições de como poderíamos sair para as atividades de registro propriamente ditas.

As ideias brotaram como a produção de filmes e documentários, registro e contação de histórias, num valioso resgate da cultura local, catalogação dos espécimes da fauna e flora encontrados, dentre outras.

Mas a partir da sexta feira 13 de março, as aulas são suspensas por decreto municipal

em virtude da epidemia do coronavírus, que depois se verificou tornar-se uma pandemia, impossibilitando as saídas a campo.

Dadas as circunstâncias, que a princípio esperávamos tivessem um rápido desfecho, aguardamos a volta às aulas para retomada imediata das atividades, o que não ocorreu. As férias antecipadas se seguiram sucessivos decretos de suspensão das atividades que forçaram uma mudança de estratégia para solucionar a questão do registro.

A medida em que a pandemia se agravava, aumentava a necessidade de isolamento social não só dos alunos, mas de todos os agentes necessários a efetivação dessa empreitada, incluindo a mim, que também precisava me preservar. Sem falar nos locais a serem pesquisados, que foram fechados à visitação, ficando vedada a entrada nos mesmos. As praias e igrejas foram fechadas. O museu também. As trilhas, ídem. Restava apenas a intrigante pergunta: o que fazer?

Sendo assim, passamos ao dito popular: se a vida lhe der limões, faça uma limonada! E me pus a pensar, em busca de soluções que proporcionassem alcançar nosso objetivo de modo eficaz e cuidadoso.

A alternativa foi utilizar a tecnologia, pois a essa altura já me via observando as folhinhas do calendário, que o vento carregava para longe, assombrando e preocupando pois o vírus a cada dia fazia mais vítimas, incluindo em seu crescente número de mortos os moradores da região, nos forçando a aumentar ainda mais as medidas de isolamento como única forma de precaução.

Munida de máscara e um frasco de álcool em gel, contei com a ajuda do meu celular e um drone (gentilmente cedido por meu filho) e me pus a caminho para “visitar” os pontos escolhidos como marcos históricos.

Importava fazer o registro de imagem, necessário à execução da próxima etapa deste estudo: a elaboração do produto - o nosso mapa.

As fotografias constantes neste trabalho são portanto fruto de arquivo pessoal, acumulado com o passar dos anos, coletas em sites, fotografias de material recebido dos alunos através das redes sociais, bem como incursões aéreas com a utilização do drone acima mencionado, sem o qual a coleta do material ficaria extremamente comprometida.

Também pude contar (e muito!) com o auxílio de amigos e moradores da localidade que me enviaram material gráfico através das redes sociais e dos meus alunos que pesquisavam da forma como podiam visitando o próprio quintal para registro e/ ou parentes e vizinhos muito próximos mantendo a distância necessária.

4.1 Conferindo o café produzido ou explicação do produto. Colocando a Ilha no mapa – confecção do mapa/ roteiro/ produto

Se não conheço os mapas, escolho o imprevisto: qualquer sinal é um bom presságio.
(LUFT)

O que seria um trabalho interdisciplinar e coletivo tornou-se uma tarefa semi solitária. Com as imagens em mãos, passei a preparar o produto desse projeto: a confecção do mapa.

A ideia inicial era criar um material gráfico impresso e acartonado que os alunos pudessem abrir verificando o mapa da região de Guaratiba e as indicações dos patrimônios visitados. Desse material seriam retiradas fichas explicativas sobre os referidos locais e assim ampliar a discussão em sala de aula.

Com as interferências trazidas pela pandemia, a imposição de novas formas do fazer escolar através da tecnologia, apuramos o nosso olhar para a nova realidade e se fez urgente pensar sobre a introdução da tecnologia como ferramenta de ensino.

Apesar do assunto não ser algo novo, não estava previsto a princípio para a execução deste projeto e por isso todo um replanejamento precisou ser pensado e levado a termo, o que acabou se tornando uma proposta mais condizente com um dos objetivos da pesquisa, apresentado na introdução: como tornar mais atrativo o estudo da História?

O “novo normal” a que fomos submetidos frente a essa realidade pandêmica trouxe a tona uma reflexão sobre o uso do celular em aula. Com o advento forçado do ensino a distância, pudemos confirmar a necessidade de transformar os smartphones em aliados do professor.

Sendo assim o produto a que se refere este capítulo se tornaria algo mais dinâmico, como o momento atual exige, como nossos jovens são por natureza e como deve ser o fazer educativo: que se adapta a uma nova estrutura, assume uma nova roupagem, mas mantém a essência sem perder de vista o seu maior objetivo, ensinar!

Sendo assim, a ideia do mapa patrimonial permaneceu, tornando-se uma ferramenta composta das seguintes características: digital, interativa, inclusiva, multidisciplinar e atualizada.

Digital, por ter se transformado em uma plataforma ancorada em um website, a qual resolvemos chamar: Guaratiba no mapa!

Interativa, pois as páginas e telas apresentadas são ativadas a partir de um de um QR code e permitem a interação do jovem com o conteúdo apresentado, movimentando os mapas

possibilitando a sua navegação interativa, bem como sua ampliação e redução.

Inclusiva, pois os conteúdos são apresentados na forma de textos escritos e com ativação de ledor pelo botão de volume do navegador. Dessa forma, alunos portadores de deficiência e/ ou necessidades especiais (dificuldade de leitura, por exemplo) serão contemplados com uma ferramenta que possibilitará a inclusão de maneira simples e eficaz.

Multidisciplinar, sendo capaz de fazer, a partir da História, uma ponte com diferentes disciplinas visando alcançar todas as áreas do conhecimento. Não pretende ser uma ferramenta que traga todos os conteúdos de todas as disciplinas, não tendo a intenção enciclopedista. Mas traz “ganchos pedagógicos”, ou eixos temáticos que possibilitem o diálogo entre saberes vastos.

Atualizada, por proporcionar a inclusão de mais páginas ou telas, bem como a possibilidade de multiplicação de seções das mesmas, proporcionando que conteúdos sejam trazidos através de links acoplados que possam transportar o aluno para outras possibilidades de apreensão crítica do conteúdo.

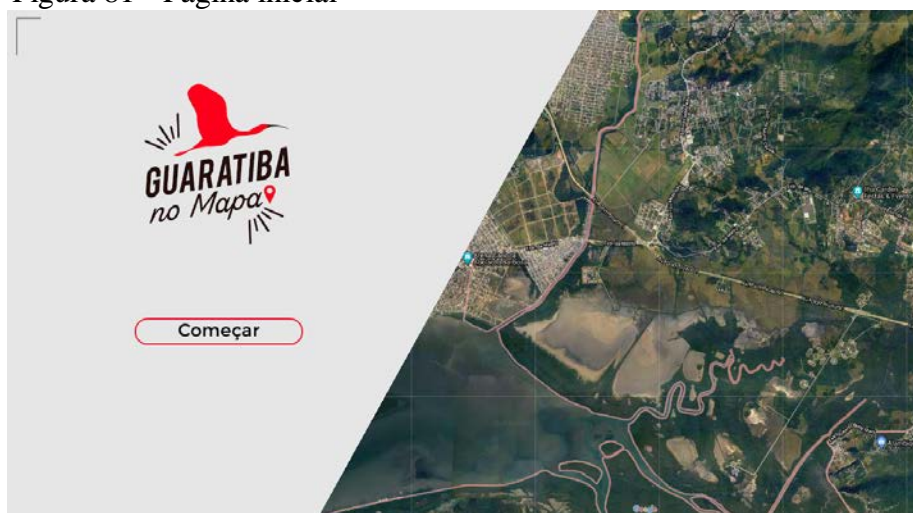
Definida a metodologia e as características, restava dominar a tecnologia em tempos de dificuldade de deslocamento. O que fazer nessas horas? Onde buscar conhecimento em tempos de isolamento social? Aplicar a metodologia utilizada no decorrer de todo o processo de pesquisa: prostrar, trocar experiências e aprender!

Busquei auxílio, sendo assessorada por meu filho, que me passou uma enorme lista de tarefas. Havia que se trabalhar a pesquisa aqui desenvolvida com uma linguagem que se aproximasse daquela a que os jovens estão acostumados na internet, o que exigiu basicamente uma reescritura do material pesquisado. Mais uma vez um novo olhar foi exigido, exigindo que se fixasse a ponte entre o conhecimento acadêmico e a linguagem escolar.

Após fazer e revisar incontáveis vezes os textos; escolher as imagens e vídeos a serem colocados em cada página/ tela; pensar/ criar a página de abertura; pedir auxílio para a confecção de um logo (dada a minha inaptidão para o desenho); o processamento e conversão necessários dos textos em arquivos de áudio e a edição de todos os elementos, o produto começou a criar forma.

Abaixo, seguem as páginas/ telas em construção do produto (vide figuras 81 a 88).

Figura 81 - Página inicial

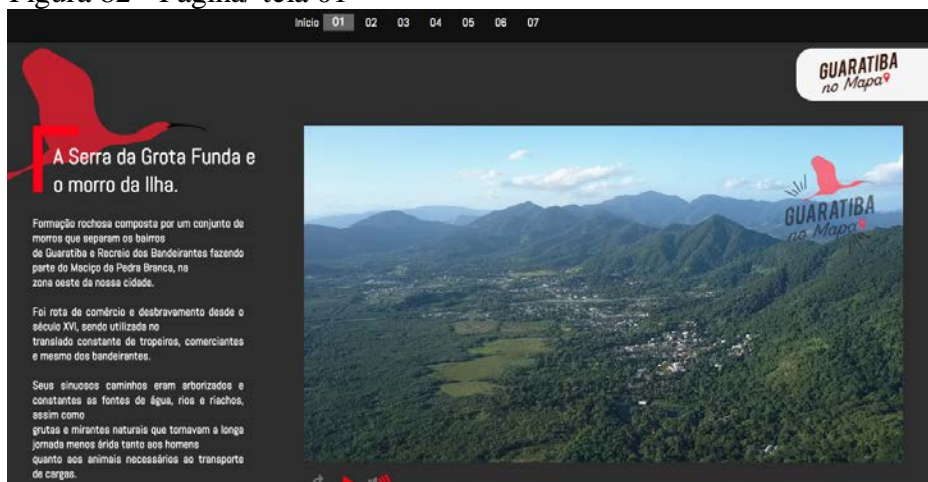


Fonte: A autora, 2020.

Nesta página o aluno ouve/ lê uma pequena introdução que o convida a conhecer as páginas/ telas que se seguem descobrindo os conteúdos apresentados. Aqui também há a possibilidade de navegação do mapa de Guaratiba que conectado ao satélite é atualizado pelo mesmo e permite sua ampliação e redução pelos diferentes pontos da região reafirmando sua interatividade.

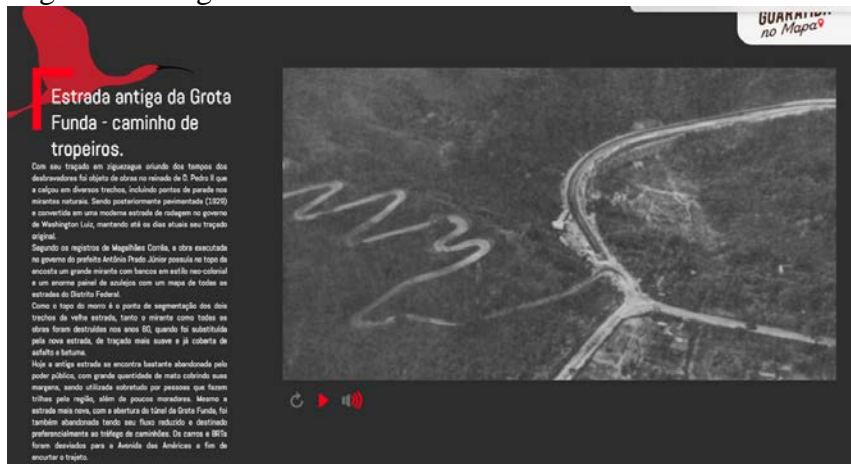
Nas páginas a seguir utilizamos vídeos variados incluindo os que foram produzidos com o auxílio de um drone, proporcionando uma visão atual e dinâmica da região. Também verificamos o emprego de outras fontes como fotos, documentos, jornais de época pesquisados e coletados coletivamente, bem como desenhos e gravuras produzidos pelos alunos em sua experiência de pesquisa. Tais gravuras expressaram suas linguagens artísticas e o seu olhar frente ao objeto pesquisado, aproximando o conhecimento histórico do universo discente, despertando a curiosidade e o debate durante todo o processo.

Figura 82 - Página/ tela 01



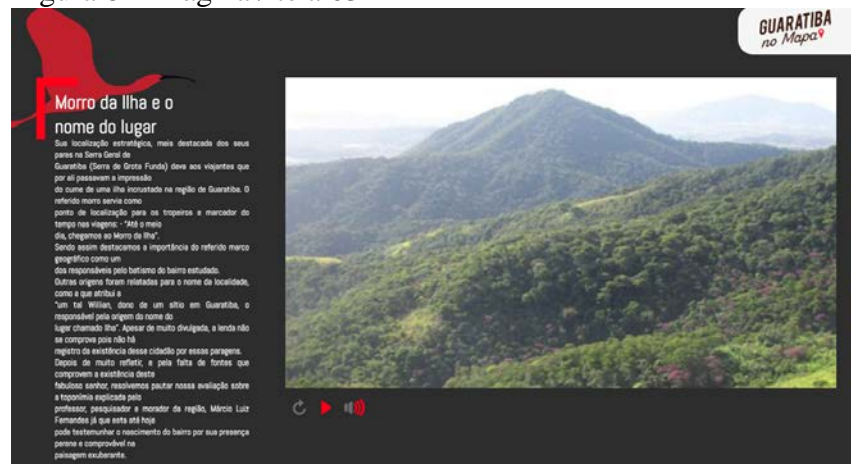
Fonte: A autora, 2020.

Figura 83 - Página /tela 02



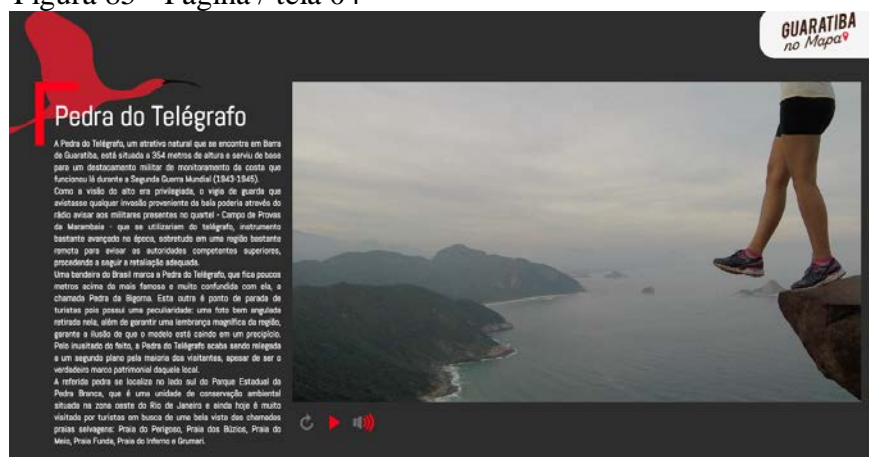
Fonte: A autora, 2020.

Figura 84 - Página / tela 03



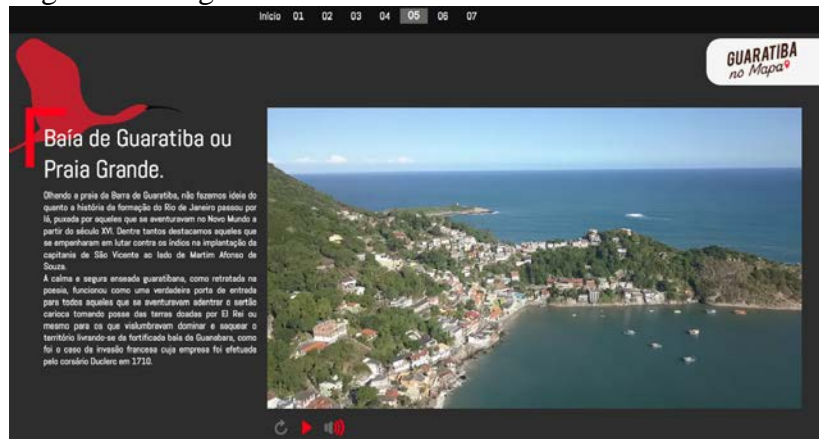
Fonte: A autora, 2020.

Figura 85 - Página / tela 04



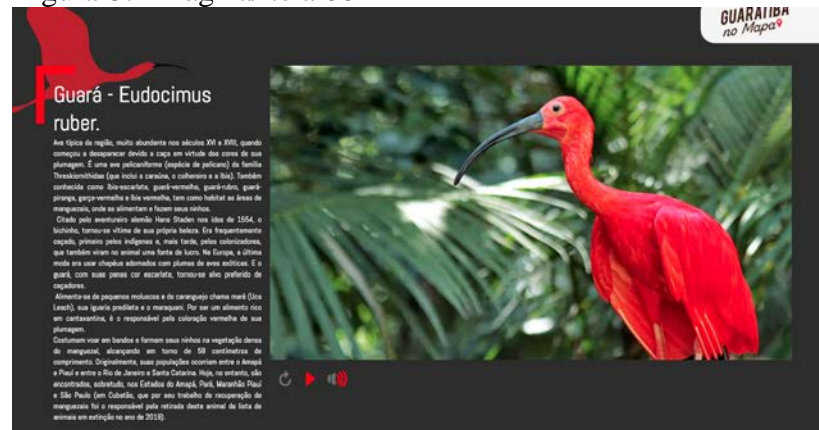
Fonte: A autora, 2020.

Figura 86 - Página/ tela 05



Fonte: A autora, 2020.

Figura 87 - Página/ tela 06



Fonte: A autora, 2020.

Figura 88: Página/ tela 07



Fonte: A autora, 2020.

Abaixo vemos a proposta gráfica com a chave QR code, utilizadas para facilitar o acesso ao material e, mais uma vez apropriar-se das novas tecnologias aproximando o fazer educativo do cotidiano dos jovens na atualidade.

Assim aproveitamos para desmistificar o caráter estático da História, muitas vezes

apelidada de “matéria que se ocupa apenas das coisas velhas”, incapaz de uma abordagem que se afaste do desmotivados, distante e arcaico método do “cuspe e giz”, cheio de cópias e memorizações, segundo os estudantes.

Ao apresentar nossa proposta utilizando uma chave atual, essa característica depreciativa se desfaz, aproximando o estudante da disciplina pois torna sua curiosidade a ferramenta necessária para desbravar o território do conhecimento histórico.

Figura 89 - Frontispício do prospecto/ cartão de acesso



Figura 90 - Verso do cartão de acesso



Que memórias podemos ter? Que elementos podem nos auxiliar a preservar tais memórias?

Que espaços de nosso bairro podem ser identificados como lugares de memória?

Através desse mapa interativo vamos estudar os “lugares de memória” em Guaratiba, observando o espaço físico (material) como suporte para a formação de uma memória coletiva (imaterial).

Com uma abordagem dinâmica e interativa, criamos mais uma possibilidade para o ensino de História, despertando a curiosidade dos jovens, oportunizando o empoderamento identitário dos alunos e a apropriação do patrimônio local pelos mesmos.

Assim rompemos os muros da escola aprendendo em espaços diferenciados de aprendizagem e colocaremos a Ilha no mapa!

AFINAL, ONDE FICA A ILHA NA HISTÓRIA? CONCLUINDO NOSSA PROSA...OU TECENDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

E depois de partir, poder voltar e dizer este aqui é o meu lugar.

Toquinho e Vinicius de Moraes.

Esta pesquisa teve como objeto de estudo o reconhecimento do patrimônio histórico local no bairro de Guaratiba, especificamente a localidade denominada Ilha de Guaratiba, nossa área de atuação direta como professora docente de História nas turmas de segundo segmento do ensino fundamental por mais de quinze anos.

Dos problemas apontados para justificar a execução da mesma citamos desde a monotonia dos métodos empregados, o desestímulo à curiosidade e a conseqüente desmotivação do alunado, sobretudo nas escolas públicas sediadas em regiões periféricas, como no caso da Escola Municipal Narcisa Amália, instituição escolhida como ponto de partida e parte integrante do nosso campo de pesquisa.

Aliado a todas as questões anteriores soma-se o uso indiscriminado do celular em sala de aula, (um problema que se agravou sobretudo com o advento do século XXI, para o desespero de alguns docentes!) a extensão conteudista do currículo, a pressão governamental cultivando a cada dia o crescimento da burocracia que engessa o sistema educacional nas mais diversas instâncias, relegando a busca por práticas educacionais mais efetivas a um segundo plano. E, para completar a lista, citamos a precariedade das condições e dos recursos materiais disponíveis nas escolas, remuneração deficiente dos profissionais de educação, bem como o distanciamento entre a escola e a realidade discente, fazendo-nos questionar frequentemente: afinal, por que se estuda História?

Parafraseando o compositor Cazuza, nos vimos “cansados de correr na direção contrária, sem pódio de chegada ou beijo de namorada”, e resolvemos colocar a mão na massa em busca de algum meio que, se não solucionasse todas as questões levantadas, nos empurrasse para mais perto de uma possibilidade, nos dando algum auxílio para melhorar a situação.

Tal atitude teve inspiração de impacto visual quando numa manhã chuvosa e desanimadora a caminho da escola, parei em um sinal e percebi no vidro traseiro do carro que se encontrava à minha frente a seguinte inscrição: “Quer mudança? Trabalhe! Pois a única

coisa que cai do céu é chuva!”

Seguindo o inspirador conselho partimos em busca de oportunidades próximas, presentes no entorno escolar, que servissem de incentivo e estímulo aos estudantes. Dessa forma, a distância e a falta de recursos não seriam impedimentos ao aprendizado. Assim despertamos a chama da busca pelos estudos de história local.

Embasados teoricamente nas aulas, textos e orientações recebidas pelo experiente corpo docente que compõe o ProfHistoria no curso de mestrado profissional, contatamos os estudantes, formamos uma equipe de pesquisa e saímos em busca dos marcos patrimoniais da região. Lançamos mão da pesquisa histórica e do protagonismo estudantil, empoderando os jovens na busca pelo conhecimento e na preservação da memória de sua comunidade.

Nossos alegres pesquisadores contribuíram através da juntada de materiais coletados no interior e quintal de suas próprias casas, que pudessem comprovar as questões levantadas nos encontros que tivemos. Pesquisaram junto aos seus parentes as diversas narrativas que dessem conta da origem da localidade, bem como dos lugares de memória que ousávamos pesquisar.

A pandemia nos afastou da escola mas nos aproximou das famílias, tornando mais rico o resgate feito. Os pais, tios e avós passaram a ter novamente reconhecido o papel de guardiões do conhecimento local, o que estreitou os laços de convivência e resgatou o *modus vivendi guaratibano* que, a exemplo dos caiçaras originais, traz de volta as rodas de conversa que utilizamos em nossa metodologia de pesquisa.

Foi bastante interessante ouvir relatos como o da D. Joana, avó da aluna Isabel da Guia (1802) que disse à neta: “Nunca imaginei que esses causos que conto a vocês, essas coisas dos antigos, pudessem servir para ajudar nas aulas!” Tal exclamação permite refletir as possibilidades que a história local é capaz de proporcionar para além dos muros da escola. Auxilia na ampliação do papel social da escola, empoderando seus habitantes através do reconhecimento de sua importância e do seu papel comunitário, bem como oportuniza o aprendizado para além das turmas matriculadas.

Verificamos que o ato de ensinar não é a ação de transferir conhecimento, mas de criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Se a mesma acontece a partir da escola e para além da mesma (como é possível se verificar em Guaratiba) seu valor é ainda mais potencializado.

Faz renascer a consciência política, exercita a criticidade, pois como o educador Paulo Freire acreditamos que não exista um processo de educação neutra. Ou ela será instrumento facilitador da integração de gerações na lógica do atual sistema trazendo conformidade com

ele, ou ela se torna a "prática da liberdade", o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo, tornando-se agentes da mudança.

Aos professores, cansados da longa e árdua batalha cotidiana, é possível unir forças e aproveitar o momento que exige união de esforços para correção de fluxo e conteúdos, embaralhados sobretudo pelo período pandêmico. Quando se trabalha com a mente e o coração a visão de horizonte se amplia e as expectativas aumentam...

Vemos nesse trabalho e seu produto a oportunidade para que outros colegas professores possam incrementar a sua práxis pedagógica numa abordagem mais próxima da realidade humana, através do respeito às diferentes leituras de mundo que cada um carrega dentro de si. Afinal não existe uma única forma de saber, mas saberes diferentes, encorpados em uma verdadeira ecologia de saberes, para relembrar os ensinamentos de Boaventura de Sousa Santos.

Respeitar essa diversidade, a partir do conhecimento local, (visto ser esse o primeiro a que se pode ter acesso pois independe de grandes insumos econômicos para sua viabilização) ligando-as ao saber acadêmico numa abordagem acessível e prática, com possibilidade interdisciplinar, é o que nos faz otimistas na apresentação do resultado que aqui se encontra.

Citamos então na confecção do produto que hora apresentamos, o reconhecimento da comunidade escolar e a satisfação dos alunos que compreenderam também possuir um lugar de fala, tendo suas opiniões respeitadas nas rodas de conversa utilizadas como metodologia.

Minha satisfação também se evidencia em diversas frentes a destacar: profissionalmente por ter podido respeitar as observações da trajetória magisterial longa que me impulsionava nunca ceder a tendência "natural" de se engessar as aulas ministradas.

Pessoalmente por me compreender como guaratibana, ou "filha adotiva da terra", a quem o "destino" reservava a estagnação dos estudos frente às dificuldades (principalmente às mulheres!) e que lutou para mudar tal realidade, terminando o curso superior (algo raro entre as moças e, principalmente as menos abastadas de minha época).

Como aluna, pela possibilidade de trabalhar com educação no local onde a minha própria foi iniciada, a Escola Municipal Narcisa Amália, em retribuição aos seus 80 anos de existência e trabalho de excelência e dedicação a comunidade.

Trago na consciência a absoluta certeza de que este trabalho não se encerra aqui pois, como o produto já indica em seu projeto, pode e deve ser alimentado com novos assuntos, garantindo o sentido de retroalimentação que faz a História viva.

Todos os atores participantes desse longo e árduo processo também compreenderam

seu lugar no mundo, de agentes responsáveis e atuantes, transformando seu horizonte de expectativas em efetivo espaço de experiência, sendo assim sujeitos capazes de colocar definitivamente Guaratiba no mapa da História!

E eis que chega ao fim a nossa prosa... ou será que podemos marcar uma próxima...
Vamos tomar outro café?

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz et al. 2012. *Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da História?* Rio de Janeiro: FGV, 2012. pp. 21-36.

ARAÚJO, Helena Maria Marques. 2012. A construção das noções de tempo e espaço no ensino fundamental e médio: possibilidades a partir do trabalho com monumentos. Rio de Janeiro : *Revista Multidisciplinar de ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura, e-Mosaicos*, v.2, 2012.

ASSMANN. 2011. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. 2011.

BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CALIXTO, Benedicto de Jesus. 1927. *Capitanias Paulistas*. 2 ed rev. e atual. São Paulo: Duprat e Mayenca, 1927.

CARNEIRO, Maria Cristina C. de A.2005. Cidadania: a educação do olhar. *Revista de Educação do Cogeime*. Ano 14 n. 27. 2005.

CORRÊA, Armando Magalhães. *O sertão carioca*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional,1936.

CORRÊA, Armando Magalhães. *O sertão carioca*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 1936.

COTRIM, Cassio Ramiro Mohallem. *Vila de Paraty*. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2012.

FAEDRICH, Anna. Narcisa Amália e as intempéries da produção literária feminina. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, Ano 15, n.22, jan.-jun. 2016. p. 138-155.

Disponível em:

<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/palimpsesto22dossie09.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2018. ISSN: 1809-3507.

FERNANDES, Marcio Luis. *Ilha de Guaratiba: De Espaço a Lugar*. 2003. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos: Rio de Janeiro, 2003.

_____. A Valorização do “Espaço” produzindo a valorização do “Lugar”: O caso de Ilha de Guaratiba – R.J. 56 f. Monografia (Especialização em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____. Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de Ilha de Guaratiba. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: PPGeo/UERJ, 2010. 99 f.

_____. O Caráter Identitário da Toponímia. In: Congresso Internacional do Núcleo de Estudo das Américas, 3, 2012. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Não paginado.

- FREIRE, Paulo. 1983. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Vol. 1.
- FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. garamond, 1999. pp.125.
- GASPAR, M. D. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- GASPAR, M. D. & DE-BLISIS, P., *Construção de sambaqui*. In: 6ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Anais. Vol I. Rio de Janeiro: SAB, pp. 172-179. 1992.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. pp. 103 - 133.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter, 2 ed. São Paulo: Edições Vértice, 1
- HEIDEGGER, Martin. 2015. *Ser e Tempo*. 2015.
- KNEIP, L. M. & PALLESTRINI, L., *Arqueologia:estratigrafia, cronologia e estruturas do Sambaqui Zé Espinho*. In: *Coletores e Pescadores Pré-históricos de Guaratiba Rio de Janeiro (L. M. Kneip, org.)*, pp. 89-141, : Editora UFRJ/ Eduff. Rio de Janeiro/Niterói.1987.
- LE GOFF, Jacques 1924 *História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.]* Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios) pp. 179-190 e 366 - 391
- LORAUX, Nicole. 1992. *Elogio ao anacronismo*. [ed.] Cia das Letras Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo : Tempo e História, 1992. pp. 60 - 63.
- LOWENTHAL, David. 1998. *Como conhecemos o passado*. 1998.
- MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília : s.n.
- MONTEIRO, Ana Maria. 2007. *Ensino de História: Sujeito, Saberes e Práticas*. 2007.
- NEVES, Margarida de Souza. 2000. *A educação pela memória*. 2000.
- _____. 2012. Cartografias da memória: história, memória e ensino de História. In: GONÇALVES, Marcia de Almeida ...[et al] (Org.). *Qual o valor da História hoje?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. pp.120 - 129.
- NORA, Pierre. 1993. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. n. 10 . São Paulo: Projeto História, 1993. pp. 7 - 28.
- NUNES, Benedito. *Heidegger e Ser e Tempo*. 2004.
- PEREIRA, Nilton Mullet et al. 2015. *Viver e pensar a docência em História diante das demandas sociais do século XXI*. 2015.

PÓVOA, Pessanha. “Prefácio”. In: AMALIA, Narcisa. *Nebulosas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1872, p. V-XXVI.

REZNIK, Luís. 2002. *Qual o lugar da História Local?* 2002.

RICOEUR, Paul. 2007. *A História, a Memória e o Esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. 2007. *A Memória, a História, o esquecimento*. 2007.

SANCHEZ COSTA, Fernando. 2009. *La cultura histórica. Una aproximación diferente a memoria*. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2010), “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula, (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Cortez, pp. 31-83.

SHUMAHER, Maria Aparecida. *Dicionário Mulheres do Brasil - de 1500 até a atualidade*. 2ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.

SIMAN, Lana Mara de Castro. 2008. Memórias sobre a História de uma cidade: a História como labirinto. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 42, pp. 241 – 270, 2008.

SIQUEIRA, Francisco Alves. *Barra de Guaratiba e a II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Edição Independente, 1 ed. 2009. pp. 13 - 55.